

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Cíntia Castro Monteiro

Fabricação de infâncias na escola em quatro cortejos

Juiz de Fora

2024

Cíntia Castro Monteiro

Fabricação de infâncias na escola em quatro cortejos

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Orientadora: Dra. Sônia Maria Clareto

Coorientador: Dr. Giovani Cammarota Gomes

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Castro Monteiro, Cíntia.

Fabricação de infâncias na escola em quatro cortejos / Cíntia Castro Monteiro. -- 2024.
225 f.

Orientador: Sônia Maria Clareto

Coorientador: Giovani Cammarota Gomes

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Infância e Cultura. 2. Escola. 3. Pedagogia. 4. Currículo. 5. Cortejos e ancestralidades. I. Maria Clareto, Sônia, orient. II. Cammarota Gomes, Giovani, coorient. III. Título.

Cíntia Castro Monteiro

Fabricação de infâncias na escola em quatro cortejos

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 25 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Sônia Maria Clareto - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Giovani Cammarota Gomes - Coorientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Diogo José Bezerra dos Santos
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Eduardo Simonini Lopes
Universidade Federal de Viçosa

Dra. Kátia Maria Kasper
Universidade Federal do Paraná

Juiz de Fora, 30/10/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria Clareto, Professor(a)**, em 25/11/2024, às 18:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Margareth Aparecida Sacramento Rotondo, Professor(a)**, em 26/11/2024, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diogo José Bezerra dos Santos, Usuário Externo**, em 27/11/2024, às 06:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovani Cammarota Gomes, Professor(a)**, em 27/11/2024, às 11:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kátia Maria Kasper, Usuário Externo**, em 27/11/2024, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eduardo Simonini Lopes, Usuário Externo**, em 27/11/2024, às 18:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2070348** e o código CRC **4CAF7C26**.

Dedico esta tese a todas crianças, como também à criança que ainda existe em cada um de nós. Ao Travessia Grupo de Pesquisa e a banca de professores por toda contribuição para a fabricação desta pesquisa. A escola por me acolher com muito carinho e por toda aprendizagem. Ao meu pai e minha mãe por me concederem a vida e me incentivarem nos estudos e na realização dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai José Luís por me incentivar nos estudos, pois sonhava e acreditava que ingressaria na Universidade Federal de Viçosa (UFV), local em que trabalhou uma vida e via estudantes se formando a cada ano. Esse sonho também passou a ser meu e sempre me deu forças para nunca desistir e continuar prosseguindo nos estudos. Acho que nem mesmo ele imaginou o quanto eu me agarraria aquele sonho e o quão longe poderia ir. A minha mãe Celeste por ser minha amiga, minha companheira e por vivenciar todos processos junto comigo, cada desafio e conquista. As minhas irmãs e irmãos (Joyce, Frank, Débora e Samuel) por sempre torcerem por mim e me incentivarem também. Aos meus sobrinhos (Luís Miguel, Júlia, Caio, Guilherme e Leonardo) por fazerem parte da minha alegria de viver e me mostrarem o quanto é importante escutar e brincar com as crianças. Em memória a minha avó que compartilhou comigo o seu processo de viver e morrer, mas continua viva dentro de mim, sei o quanto deseja a minha felicidade.

A minha orientadora Sônia Clareto e coorientador Giovani Gomes por me aceitarem como orientanda, agradeço o carinho, compreensão, paciência e compromisso com esta pesquisa. A professora Margareth pelas valiosas contribuições ao longo de todo esse percurso. Ao grupo Travessia (Reginaldo, Marta, Diogo, Ana, Tarcísio, Júlia, Marcos Vinícius, Fabiana, Vermelho, Marcos Adriano, Laura, Andres, Renata...) por tanto aprendizado e me ajudarem na fabricação dessa tese, nessa escrita levo comigo a presença de cada um de vocês.

A Escola José Calil Ahouagi pelo aceite da pesquisa, aprendizado, alegria dos cortejos, todo acolhimento e atenção amorosa da coordenadora, professoras/es, diretora/es, crianças e famílias que também são autores dessa tese.

Ao Eduardo Simonini e Heloisa Herneck por fazerem parte da minha trajetória acadêmica. A cada professor componente da banca de doutorado pela leitura cuidadosa e atenciosa e pelas contribuições potentes.

Agradeço a Universidade Federal de Juiz de Fora e a FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gérias) pela concessão da bolsa durante o período de realização desse doutorado.

RESUMO

A presente pesquisa acompanha a fabricação de infâncias em quatro cortejos que acontecem em uma escola da rede municipal de Juiz de Fora. Os cortejos movimentam e batucam o currículo escolar, trazendo sons, cores e sabores que inventam uma escola e, com ela, infâncias. Uma mudança político pedagógica sempre em curso faz funcionar uma pedagogia: pedagogia dos cortejos. O primeiro cortejo do ano é o Boi Bumbá, que se articula com a cultura popular brasileira; em seguida, a Menina da Lanterna, que se vincula mais a uma tradição europeia; a Coroação de Reis, que advém de uma matriz de origem africana; o último cortejo, o Auto de Natal, se filia a uma tradição cristã. Os cortejos se constituem como uma tradição em funcionamento, em ação, e vão se dando em meio a disputas que fabricam a ação, devolvendo à tradição sua condição de criação, de invenção. Com isso, vai se constituindo uma fabricAÇÃO de tradições e infâncias ao longo do ano letivo, uma fabricação com efeitos no currículo e suas experimentações de diversidade, em seu escape do campo das idealidades. Uma pedagogia dos cortejos é um campo de disputas, embates, tensões, relações de poder que inventa infâncias, inventa escola, inventa comunidade... Cortejos que profanam o sagrado, que rasgam o tempo escolar, que se desdobram em produções artísticas e em histórias que atravessam memórias ancestrais e culturas populares. Como resistência política ao colonialismo, tocam tambores e convidam crianças, professoras, funcionários e famílias a festejarem em comunidade. A criança, que é cortejada, também corteja, experimenta cortejos com suas professoras antes, durante e depois dos cortejos, como também dentro e fora da sala de aula. Cortejos fabricados em meio a encantamentos, emoções, alegrias, experiências e trocas do coletivo da escola que escuta as crianças e festeja junto com elas. Esta tese é fabricada a partir da tecedura dos acontecimentos da escola no próprio pesquisar. A escola se fabrica em meio às mutiplicidades étnico raciais, à religião, à comunidade, às práticas ritualísticas e vai problematizando as questões que envolvem a diferença. Cortejos que colocam em ação, em experimentAÇÃO, os movimentos e intensidades de uma escola.

Palavras- chave: Infância e cultura, escola, pedagogia, currículo, cortejos e ancestralidade.

ABSTRACT

This study follows the fabrication of childhoods within four entourages that happen in a public school in Juiz de Fora, maintained by the latter one. The entourages make movement and drum the school curriculum, bringing sounds, colors and flavors that create a school and, with it, childhoods. Political pedagogical changes that are always in progress make a certain pedagogy works: the entourages pedagogy. The first entourage of the year is “Boi Bumbá”, which articulates with brazilian popular culture; then, “A Menina da Lanterna” (“The Flashlight Girl”), which is tied to an european tradition; the “Coroação de Reis” (“Kings Coronation”), that comes from an african source; the last one, the “Auto de Natal” (“The Christmas Play”), which comes from a Christian tradition. The entourages are constituted as a tradition in functioning, in action, and they go by a competition that creates the action, bringing the tradition back to its condition of creation, of invention. With this, a fabrication (we could say “fabricACTION”) of traditions and childhoods grows along the school year, a fabrication with effects on the curriculum and its diversity exercise, within its way out of an ideality field. An entourage pedagogy is a field of competitions, impacts, tensions and relationships of power which create childhoods, create school, create community... Entourages that profanes the sacred, rip the school time, and unfold themselves into artistic productions and stories that cross over ancestral memories and popular cultures. As a political resistance to colonialism, they play drums and invite children, teachers, employees and families to party along with the community. The child that is entourage also entourage, tries entourages with the teachers before, during and after the entourages, inside and outside the classroom as well. Entourages that are made among enchantments, emotions, joys, experiences and exchanges from the group of the school that listens to the children and party with them. This thesis is manufactured starting from the weave of the school events, from the research itself. The school is produced amidst the ethnic and racial conditions, religion, community, ritualistic practices and goes questioning the issues that concern the difference. Entourages that place in action, in experimentation (we could say “experimentACTION”), the movements and intensities of a school.

Keywords: Childhood and culture, school, pedagogy, curriculum, entourages and ancestry.

SUMÁRIO

SOBRE INVENTAR...	9
A MENINA DA LANTERNA	26
COROAÇÃO DE REIS	67
AUTO DE NATAL	130
BOI BUMBÁ	163
SOBRE FABRICAR...	212

A FABRICAÇÃO DE INFÂNCIAS NA ESCOLA EM QUATRO CORTEJOS



Cíntia Castro Monteiro

Orientadora: Sônia Maria Clareto

Coorientador: Giovani Cammarota Gomes

JUIZ DE FORA
MINAS GERAIS – BRASIL
2024

SOBRE INVENTAR...

(Fabricar)

Era uma vez três crianças brincando em um parque cheio de árvores, flores e gramados. Elas estavam fazendo um piquenique, usufruindo o meio ambiente, conversavam sobre suas vidas enquanto realizavam uma atividade em grupo que a professora havia solicitado na sala de aula. As crianças deveriam escrever uma história e depois apresentá-la para a turma, então foi Adenike¹ que teve a ideia de fazer um piquenique para que pudesse escrevê-la, o local escolhido também possuía uma mesinha de cimento com quatro cadeiras fixadas ao chão. Primeiro, elas fizeram um lanche e conversavam sobre as suas histórias de vida e depois se sentaram ao redor da mesa e começaram a dialogar como iriam compor aquela história.

Yellen disse:

- Poderíamos fazer uma história parecida com a do João e o pé de feijão.

Adenike:

-Ah, não! Eu não quero criar uma história parecida com nenhuma outra, mas uma história inventada, uma história que ninguém nunca contou.

Iraê:

- Para mim tanto faz hoje estou tão cansada, mas será que uma história inventada seria uma história verdadeira e se a professora não gostar? Ela disse que poderíamos nos inspirar em outras histórias.

Yellen disse novamente:

- Ela falou isso mesmo e eu não sei fazer história inventada.

¹ Todos os nomes que aparecem nesta tese são fabricados e inspirados nas culturas africanas e indígenas que movimentam a escola e a pesquisa.

Adenike:

- Não existe isso de história verdadeira de “certo” e “errado,” ela vai ser importante, porque é a nossa história. Simples assim: olhe para as árvores, para o gramado, escute os sons dos passarinhos e deixe a inspiração chegar.

Yellen:

-Tá bom! Mas eu não estou sentindo nada, não consigo pensar em nada.

Adenike:

-Vamos fazer o seguinte: eu começo e vocês continuam, porque acredito nessa possibilidade de construirmos uma história inventada.

Yellen:

-Tudo bem! De acordo!

Iraê:

-Não custa tentar.

E Adenike começa a falar:

- “Era uma vez uma garotinha, ela é levada, gosta de brincar de bola, de soltar pipa...”

Iraê:

-Credo, Adenike! Essa menina parece mais um menino.

Yellen:

-Nada a ver, eu gostei de começarmos a história assim, não existe isso de brincadeira de menina e de menino. Até hoje adoro soltar pipa e jogar bola, Iraê você esqueceu que já tem algum tempo que entrei na escolinha de futebol?

Adenike:

-Tá bom, gente! Então vou continuar escrevendo a história como está, tá ok? Porque também adoro essas brincadeiras, mas estou pensando aqui não quero ficar descrevendo essa menina, talvez seria interessante reescrever e inserir o cenário, os participantes dentro da história. “Era uma vez um lugar secreto e encantado, onde um grupinho de crianças se reunia para escrever e contar histórias, histórias imaginadas e inventadas. Toda semana as crianças se encontravam em um dia e horário marcado, para contarem suas histórias, um encontro secreto de apenas crianças. Elas adoram imaginar-se feito bichos, árvores, gramas e se misturavam com a natureza...”.

Iraê:

- Essa história está parecendo com o que estamos fazendo aqui, sabia que até estou gostando dessa brincadeira de inventar uma história. Poderíamos fazer isso na vida real, né? O meu cansaço já está indo embora. Agora deixe eu continuar... “Essas crianças tiveram uma grande ideia construíram uma casinha ao redor do tronco da árvore, também brincavam de roda e dançavam ao lado, ou em volta dela. Era dentro dessa casinha que as histórias eram contadas.

Yellen:

-Agora é a minha vez... “Dentro da casinha havia um baú, onde era guardada as memórias e histórias dessas crianças, cada história contada era passada a limpo neste lindo livro enfeitado com tecidos e rendas. Um dia, o tempo começou a mudar, uma ventania começou a soprar, a chuva começou a cair na grama que se encharcou, o baú não aguentou e o livro molhou.”

Adenike:

- Nossa, Yellen! Agora você escreveu uma poesia isso é porque disse que não sabia inventar histórias. Agora é a minha vez: “No dia seguinte, as crianças o colocaram no sol quando ele secou parte da história havia se apagado, outras mancharam. Não era mais possível ler... E agora o que fazer?”

Iraê:

-Agora eu continuo... “O jeito é contar as histórias mais uma vez, pensar nos pedaços legíveis e criar outra, uma que não precisa ser igual, não precisa de ordenação parecida, mas que inspire para que novas histórias possam ser contadas. A partir desse acontecimento essas histórias tornaram-se infinitas, porque o ato de inventar histórias não vai terminar e não importa de qual parte comece essa história ela sempre será outra, uma nova história a se constituir...”

Yellen:

-Eu acho que a gente pode parar a história por aqui.

Iraê responde:

- Mas e a parte dos animais que a professora disse que era obrigatório? Não falamos nada de animais.

Adenike:

- Dissemos que elas gostavam de se imaginar como bichos, mas depois não falamos mais nada.

Iraê:

- E se a professora diminuir a nossa nota por causa disso? Melhor falarmos mais sobre isso...

Yellen:

-Eu não acho que devemos falar mais sobre eles e aquela parte que eu escrevi: as histórias que contamos não terão uma ordem, nem mesmo essa da professora para mim está bom como está e temos um argumento, vale a pena arriscar e ver o que vai acontecer...

Adenike:

Concordo, não tinha pensado isso.

Iraê:

-Eu também concordo, ela não precisa ter um fim, podemos continuar essa mesma história outra vez, dias e momentos de nossa vida.

Yellen:

- Isso aí meninas vamos **ARRISCAR!** Riscar várias vezes, apagar, reescrever, assim nossa **história** nunca vai terminar como a história que acabamos de inventar.



(Cortejar)

Por: Bianca Santos Chisté UNIR/Rolim de Moura (Parecer no Exame de Qualificação)

Entre bricolagens e composições uma tese se faz: movimentos, sons, trechos, imagens, falas, crianças, escola, cortejo. Como materializar o pulsar de uma escola que atravessa a sua história? Como se fabrica uma infância em uma escola? O que pode uma criança? Como uma infância fabrica um devir criança da escola? Devir criança da escola? Uma escola em devir-criança? Que infâncias uma escola fabrica? Uma tese em cortejos, uma tese vívida vivida no encontro com crianças e professores, com a escola, com vida que pulsa nesses e outros espaços e tempos.

Uma tese pode ser uma vida? Uma vida cabe em uma tese? Quanto de uma tese tem em uma vida? Quanto de uma vida tem em uma tese? Uma tesevida, uma vidatese? Uma tese em vida? Uma vida em tese? Uma tese em devir-criança?

O que pode um leitor em cortejos de composição bricoleurs? Uma tese corteja, acolhe, recepciona, trata com cortesia e gentiliza? Uma tese cortejada também corteja? O que pode uma tese que é cortejada e que corteja? Uma tese que pede paradas, muitas paradas. Que corta o fluxo da linearidade da leitura. Pode ser devorada freneticamente de uma só vez, com ânsia de evitar que o tempo se esvaia. Pode ser intencionalmente esquecida as palavras que lincam para além texto. Pode-se demorar nela, experimentar as audições, a própria existência. Pode-se colocar presente no presente em conexão com as crianças, com as infâncias, com as professoras, com a escola, com a vida.

Verbo Ser

Que vai ser quando crescer?

Vivem perguntando em redor. Que é ser?

É ter um corpo, um jeito, um nome?

Tenho os três. E sou?

Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?

Ou a gente só principia a ser quando cresce?

É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?

Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?

Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.

Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a?
Posso escolher? Não dá para entender. Não vou ser.
Vou crescer assim mesmo.
Sem ser Esquecer. (CDA)

Uma tese em cortejos se compõe com fragmentos de trajetórias e experiências vividas em espaços de uma escola. Uma vidatesevida (uma tese em meio a vida!!!?) que busca ascender a infância, “até na ausência de voz, onde o verbo ainda é virgem para tentar enxergar o feto dos nomes, ainda sem penugens, para voltar a apalpar as primeiras formas da pedra, parar escuta os primeiros pios dos pássaros e ver a primeiras cores do amanhecer”MB.

Uma escola em cortejos? Uma escola em cortejos é um “país” em que “os habitantes se dedicam a celebrar ritos e palavras sagradas, das quais, porém, esqueceram o sentido e o escopo”? (Agambem, 2014, p. 85) Que tempo é sancionado por essas infâncias fabricadas nesse movimento de cortejos?

Uma tese sem passado e futuro? Uma tese presente no presente. Uma tese que produz um estado de gagueira. Um perder a voz, perder a palavra. Faz-nos instaurar a hesitação, prolongar-nos inesperadamente em durações aiônicas, totalmente imprevisivas, mas muito intensas. Seguindo aflitos tateantes pelas palavras já não mais tão certas, não mais falantes, uma tese que abala a linearidade do pensamento e o faz deslizar e variar a fim de desprender um bloco sonoro último;

Na loucura, buscando um ancorador, a vontade de inícios interroga: Onde elas começam? Como uma brincadeira de esconde-esconde pergunto: onde a Cíntia se escondeu? Quais cortejos são os seus esconderijos? Cortam caminho. As imagens correm, escorregam feito leite em estado de ebulição, explodem em todas as direções. Apontamos qualquer ponto. Mas o que vem antes? Não sabemos. O ponto de chegada então é um lugar que nunca chega.

Uma tese que opera no exercício das loucuras da infância?



Martha Barros - Loucura da Infância - 2011

Um mundo em cores, riscos, linhas, movimentos, dobras tensionam o currículo da e na infância. As perguntas que atravessam os cortejos, as histórias torcem o currículo, torcem nossas práticas e fazem nossas inquietações bramir. Nos faz pensar em um currículo sem passado e futuro. Mas um currículo presente, um currículo acontecimento, um currículo invenção. Um currículo em involução...

Preferimos então chamar de “involução” essa forma de evolução que se faz entre heterogêneos, sobretudo com a condição de que não se confunda a involução com uma regressão. O devir é involutivo, a involução é criadora.

Regredir é ir em direção ao menos diferenciado. Mas involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha, “entre” os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p.19).

Um currículo em involução, em devir, em devir-criança opera em apalpar as intimidades do mundo e produz uma didática da invenção, ou seja, um currículo e uma didática invencionáticos para entrar em devir-criança é preciso saber:

- a) Que as mãos tem primazia de peneira;
- b) Que as lanternas são vaga-lumes nas mãos das crianças
- c) O modo que se rasga o tempo em muitos tons;
- d) Que o sol é uma lanterna que nunca dorme;
- e) Que é só apagar a luz que a magia acontece.
- f) Por que sob o efeito da sedução da infância a passada delira.
- g) Que o grito que fala mais alto é o grito de criança

h) Escapar sempre para os começos; Etc....
Desinventar objetos; Repetir, repetir, até ficar diferente;
Partir sempre do descomeço;
Mudar a função das coisas
“Desaprender oito horas por dia”. (BARROS, 2013, p. 275)

Uma tese em cortejos escapa aos modelos. Escapa aos modelos instituídos e se lança em uma produção inventiva, criativa, potente. Exige de si uma experiência do encontro, dos afectos e dos perceptos. Como não exigir essa ausência de regularidade, linearidade, que nos leva sempre a necessidade da causa, de um sentido e de um lugar? Uma tese em cortejos que faz proliferar sensações é um convite a uma experiência de pensamento, a uma experiência do corpo que deseja afirmativamente a vida por outras vias mais alegres e potentes. E a vida pulsa... e lá onde não se pode conhecer, blocos de sensações espalham e passeiam produzindo porções de mundos, de força e máquinas de guerras.

Tarde ensolarada e seca em um canto da devastada Amazônia,
...ao fundo melodias em idioma periquinês

30 de junho de 2024

Bianca Santos Chisté



Se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidos em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino (FOUCAULT, 2012, 133).





Mais cor por favor!

Desde então a estética, as expressões corporais, os cantos, as memórias, a história, as artes, a literatura afro-brasileira e ameríndia, e **as cores vivas** da cultura popular brasileira invadiram todos os espaços da escola. Havia e há uma atmosfera de inventividade que nos tornava capaz de privilegiar espaços/tempos de experiência usando, cacos, destroços e refugos do cotidiano de nossas vidas; e uma intenção, marcada pelo planejamento de nossas práticas pedagógicas, em estabelecer o rompimento com os saberes escolares secularmente reproduzidos e construir conhecimentos escolares que dialoguem com todos os aspectos culturais presentes no diverso tecido social brasileiro. (Escola Municipal José Calil Ahouagi, documento por uma Pedagogia de Cortejos, 2020).



Fabricação



Como fabricar infâncias em uma escola?
O que pode uma criança?
Como as infâncias fabricam um devir criança da escola?

Esta tese exercita o pulsar de uma escola que atravessa a sua história, busca escapar dos modelos prontos, do passo a passo, como forma de entender, explicar ou produzir uma única identidade, um único modo de ser ou habitar o mundo. Resiste à ideia de narrar a história pela história, busca da história girar o sentido que se conecta às múltiplas redes de saberes, os saberes construídos pela própria instituição.

Troca de saberes que reinventam a escola e convidam as famílias para colaborarem e festejarem com os seus filhos por meio de cortejos e travessias. A alegria de acolher e escutar as crianças, uma escuta que faz emergir um currículo ancestral, a partir de contos de tradição oral que passam de geração em geração, de boca em boca e assim vão fabricando infâncias.

Infâncias cantadas, brincadas, inventadas e escutadas, as quais fabricam ação, produzem força, efeito e desse movimento faz explodir uma **maquinaria** que formam professores, crianças e famílias.



A escola se coloca como lugar de resistência, de ruptura com processos civilizatórios e ideais em que o saber escolar é normatizado.

Uma escola que corteja a criança faz girar e dá um salto, cria frestas, rupturas e rachaduras na história. Trata-se de uma **produção coletiva**, uma escola que se reinventa todos os dias e se recusa a seguir um modelo canônico, colonizador e linear.



EntreCortejos (Fabricação...)

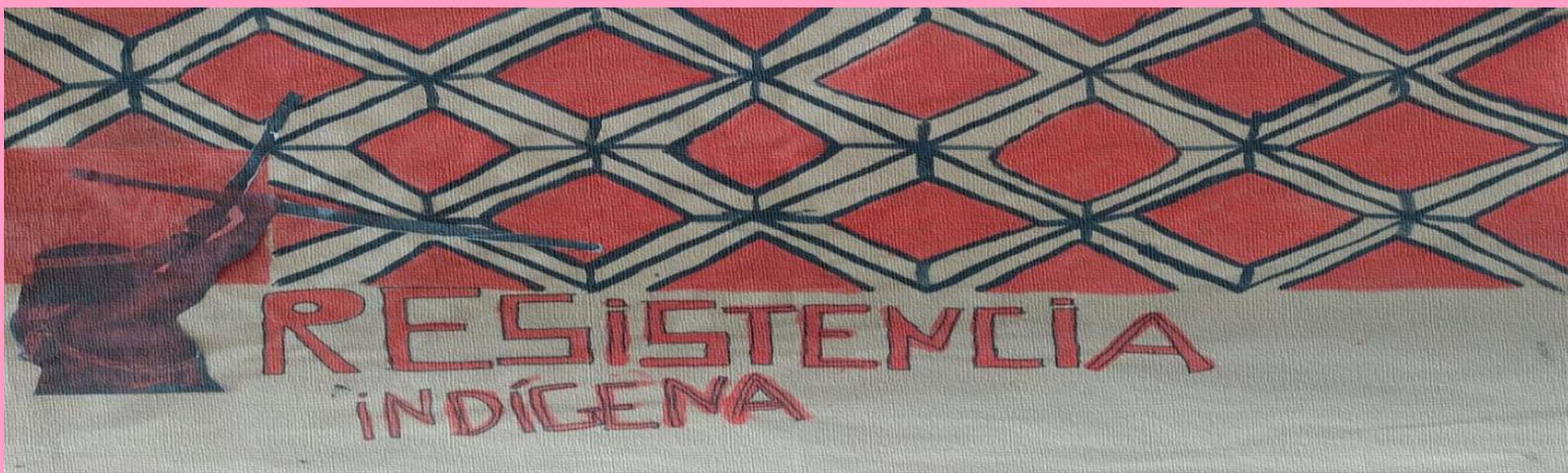
Como emerge o problema da pesquisa? Um problema fabricou-se dentro da escola, não fora dela e nem antes de seguir os movimentos praticados nela. Como minha área de interesse é a infância, acompanhei durante três meses uma sala de aula da Educação Infantil, fiz anotações, escrevi coisas sem sentido, só consegui produzir uma sucessão de eventos, nada se conectava. Tal processo também gerou um pouco de ansiedade, angústia, insegurança, porque dentro da escola vivenciei várias coisas e ao mesmo tempo não sabia o que fazer e por onde caminhar. Era um caminho que estava se fabricando, um trabalho molecular, que nesse micro, nessa relação de força produz um corpo vibrátil que ia sendo afetado e constituído junto com a participação na escola. Era preciso ter calma, paciência, para capturar o avesso da forma, um corpo ia ficando sensível ao que acontecia na escola, uma atenção flutuante começava a emergir (Ronilk, 2003). O problema não seria descoberto, não se tratava de uma espera passiva, ele não estava lá, mas estava sendo constituído dia a dia, mesmo que eu não percebesse. Chegou o momento que não sabia mais o que fazer na escola, me sentia improdutivo, estava com uma ânsia de ler várias coisas, vários autores e solicitei a minha orientadora que me indicasse sugestões de leituras e a orientação dela foi a seguinte: “Calma, você não precisa ler nada agora, acompanha a escola primeiro”. Logo eu pensei: “Meu Deus do Céu! Estou fazendo um doutorado tenho apenas dois anos para escrever uma tese e ainda minha orientadora me orienta não ler nada! O que que eu vou fazer? Não estou entendendo nada!”. Será que era necessário entender alguma coisa ou experimentar a escola? Naquele momento, ainda não consegui perceber que ela estava tentando me dizer para ir para a escola com o corpo que eu tinha naquele momento, sem me aprisionar na teoria, de modo a frear uma teorização de uma prática que ainda não havia acontecido. Com o passar do tempo e acompanhando um pouco mais, uma atenção flutuante despontou e pousou em uma determinada direção (KASTRUP, 2007), comecei a fazer entrevistas sobre a história da escola, entrevistei a antiga coordenadora/diretora, uma mãe que participou de todo processo histórico e também fui tirando dúvidas sobre as práticas que a professora realizava na sala de aula de Educação Infantil. Comecei a ler os documentos da escola, teses e dissertações, várias pesquisas que já haviam sido realizadas naquela escola.

EntreCortejos (Fabricação...)

Os cortejos e seus encantos foram ficando cada vez mais presente nas falas dos entrevistados, de alguma forma aquela alegria e empolgação na preparação dos cortejos me afetava, me convidava a chegar mais perto, a acompanhar e a abertura de uma porta estava se fabricando... Em um modo de pesquisar processual que não busca analisar, julgar, apontar, nem propor mudanças para a escola, mas que pretende acompanhar as produções e tensões que inventam infâncias por meio da fabricação dos cortejos. Uma escola que realiza a pedagogia dos cortejos, que rompe com o tempo escolar, tempo da produção, tempo da alegria, aos poucos percebi que meu problema estava ali: Que infância é fabricada nos cortejos? O que pode uma criança? Mas com o tempo de acompanhamento ainda tive que reformular minha questão, porque ali não era fabricada uma infância, mas infâncias diversas. Quando fabriquei o problema comecei a perceber o sentido dos dizeres da minha orientadora, mas é claro! O movimento é outro, é involutivo, se eu começasse a fazer várias leituras desesperadamente, tentaria “descobrir” a teoria que estava lendo na escola, mas acontece que a teoria já estava presente nas práticas dos cortejos. O que eu precisava, era compor as teorias que estavam sendo operadas lá, a princípio o movimento percorrido seria de dentro para fora e não de fora para dentro e no final das contas o dentro e o fora não seriam mais localizáveis, porque a fabricação das infâncias é tecida em dobras, que disputam, que torcem, que compõem os acontecimentos cotidianos. Assim, uma pesquisa fabricada não possui hipótese, não preexiste, não está à espera de alguém para descobri-la. Para fabricar é preciso ter a paciência de um artesão e a sensibilidade de um artista, sentir dentro da escola o que nos chama, o que nos move, o que desperta a nossa atenção e interesse. Se não sentisse o que pulsava dentro de mim, o que me afetava, então também não conseguiria fabricar, porque a porta continuaria fechada, o caminho não se abriria. De repente, a atenção flutuante pousou, o meu corpo conseguiu vibrar na mesma sintonia dos acontecimentos da escola e o problema de pesquisa que já estava sendo fabricado há algum tempo emerge, se desloca, faz ruptura, subverte, portanto, o problema de pesquisa se produz no e com o acontecimento. Fabricação! Uma pesquisa se fabrica na própria ação de se afetar, de pesquisar a questão que nos interessa, que provoca cores, sons, gostos, cheiros, sabores que produzem vidas, todos os dias, na e com a escola. Então, uma porta se abriu, que infâncias são fabricadas nos cortejos da escola?

A escola que faz cortejos...

Entendemos que Cortejo provém do italiano “corteggio” – escolta de honra que faz lembrar uma corte principesca. Procissão. Ação de cortejar, de tratar com cortesia, aquilo que se usa para acompanhar alguém, galanteio, gentileza, pompa fúnebre. Também tem relação com palavras como quantidade, acompanhamento, caravana, viajante, prolongamento, ir na cola, ostentação, espetáculo e mostra de gente. Não poderíamos ter escolhido uma palavra, um movimento, um acontecimento mais substanciais para apresentar nossa escola – cortejo. Enquanto desfila, acrescenta, acolhe, acompanha, produz o sentido de pertencimento e da multiplicidade de vivências e aprenderes. O desfile segue, ao som dos tambores, atribui cores e inclui saberes e sabores em sua caravana. Saberes do congado, da educação étnico racial, da correria do bumba-boi. Na continuidade dos dias escolares faz as crianças e aconchego para a diversidades de famílias que nos compõe. [...] Seguimos numa tentativa de expor e desconstruir essa história hegemônica, narcisista e excludente ocidental que insiste nessa batalha de nos colonizar, incessantemente. Buscamos na diáspora girar com outros sentidos. Para além de contar os feitos, ou relembrar fatos, nossa intenção com as festas de cortejos é que outras histórias possam ser contadas, lembradas e inventadas. Cabe ao cortejo, como uma metáfora e repetição, revelar, e até mesmo, denunciar a linearidade da história. Outras vozes precisam se fazer ouvir, prolongando essa rede de afetos que se



constituem ao cortejar. Trazer para o pátio, enquanto se prepara esse festejo, pontos importantes para se ressignificar o mundo: educação étnico racial, cultura indígena, saberes populares. Levantando com tudo isso perguntas que possam desestabilizar as formas de escravidão como a branquitude, o preconceito, o racismo, o machismo, o conhecimento hegemônico. Nessa alegoria queremos fomentar a poética, a invenção e o encantamento pelo outro, por nós mesmos, pela vida (toda a vida, plantas, animais, pedras, água, ar, terra...) e pelo mundo.



Os cortejos configuram nossa cultura de escola na medida em que perpassam e são perpassados por nossas intenções pedagógicas decoloniais. Vivenciá-los significa nos tornarmos brincantes, nos deixarmos reinventar papéis e lugares sociais, optarmos pela fartura das letras, das expressões artísticas, da cadência dos tambores, da afirmação dos corpos, das vinculações ancestrais, do ato de festejar. Seguimos Agamben quando traz que o festivo é a interrupção do mundo da necessidade. Quando afirma que ao entrar no universo do festivo a vida roda, continua, mas as pessoas o fazem fora do “tempo” ou da temporalidade histórica regente. Os sujeitos transitam no mundo sem seguir a produtividade, apenas celebrar, viver o nosso

momento humano. Utilizando o brincar como estratégia conseguimos configurar, nas palavras de Paulo Freire, “a escola como o lugar do possível”. É o lugar da informação, da difusão. É um lugar de resistência, de rompimento com a gênese do projeto civilizatório de escola e com a canonização do saber escolar normatizado e excludente, colonizador e silenciador de saberes socialmente constituídos através de outras vozes sociais que não a referenciada pelo cientificismo. Nas palavras de Hannah Arendt é “o lugar da partilha do público” e do direito aos saberes popular. (Escola Municipal José Calil Ahouagi, documento por uma Pedagogia de Cortejos, 2020).



Em uma manhã de inverno, a professora de Educação Infantil recebe as crianças na porta com um abraço caloroso e assim que uma delas adentrou na sala de aula escondeu as mãozinhas para trás e disse:

- Tia! Eu aprendi a escrever. Adivinha o que eu escrevi na minha mão para você...

- Hum... Eu não sei, não faço ideia.

Ela olhou dentro dos meus olhos, sorriu e me mostrou a sua **mãozinha:**

- Te amo!

Uma criança que corteja, que acolhe, recepciona, trata com cortesia e gentileza. Movimento de cortejo na escola, **a criança** que é cortejada também corteja.



A MENINA DA LANTERNA

O Cortejo de Inverno e a Menina da Lanterna



FESTA DA LANTERNA

QUERIDA COMUNIDADE ESCOLAR,

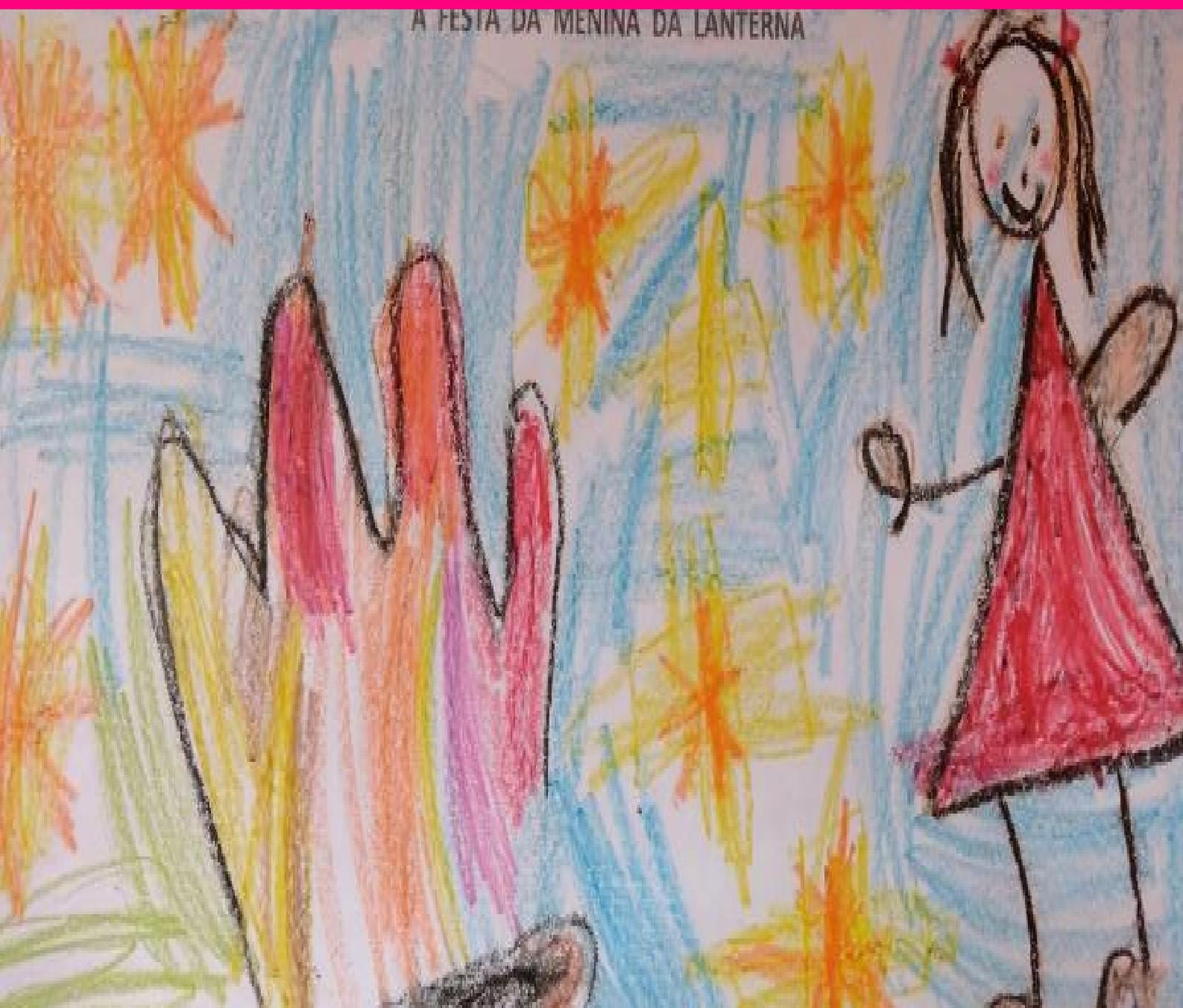
CONVIDAMOS A TODAS E TODOS PARA
CELEBRAR A FESTA DA LANTERNA.

SERÁ NA SEXTA-FEIRA, DIA 25/08, ÀS
18H!!

ESPERAMOS VOCÊS EM NOSSO
CORTEJO!!!!

Esta festa convida a vivenciar o solstício de inverno, com suas noites compridas, escuras e muito frias, no sentido de proporcionar às crianças uma experiência estética e delicada com os ritmos da natureza. É um cortejo que conta a história de uma menina que percorre uma jornada em uma noite escura e gelada em busca do sol. Esta narrativa remonta às comunidades ancestrais que no inverno reverenciavam o sol, pedindo que ele retornasse à Terra, trazendo de volta sua luz, calor e fertilidade. Após a encenação do teatro da Menina da Lanterna, em meio à escuridão, as crianças tem suas lanternas de velas acesas e seguem em um cortejo acompanhado de muita música até se reunirem todos em uma ciranda em torno de uma linda fogueira.

Poucos dias antes do cortejo de inverno, a Menina da Lanterna, pregaram na escola este cartaz, um convite para celebrarem esse momento que envolve famílias, crianças, funcionários e toda a comunidade escolar. Na segunda semana de agosto, emergem os primeiros movimentos para o cortejo, a empolgação já vai tomando conta das salas de aula. Professoras da Educação Infantil conversam com as crianças sobre inverno, sobre essa história, cantam as músicas que envolvem o conto como também compõem desenhos livres sobre essa temática.



As crianças do quinto ano do ensino fundamental, confeccionam lanternas juntamente com a professora de história. A professora divide as crianças em grupo de mais ou menos quatro alunos. Ao longo da construção das lanternas outras duas docentes e a coordenadora da escola também chegam à sala de aula e participam do processo de elaboração. Uma das professoras assim que adentrou na sala perguntou:

- Como você vai fazer essa lanterna?
- Por que você não faz a lanterna de lata?

A professora responde:

- Porque hoje em dia quase não usamos mais produtos de lata e quando fazemos de vidro elas quebram.
- Então, como você vai fazer?
- Vamos usar balão, grude de farinha de trigo e cinco camadas de papel seda.

Assim ela demonstrou à docente a execução da lanterna para que também pudesse auxiliar as crianças. Primeiro, distribuiu os pincéis para cada aluno, em seguida os balões, colocou o grude em um copo descartável, partiu o papel seda em quatro partes e foi entregando às crianças que deveriam rasgar os papéis com a mão em pedaços não muito grandes nem muito pequenos.



Os alunos estavam ali rasgando papéis, mas também produziam uma atividade que rasgava o tempo, o tempo das disciplinas, tempo da sala de aula, tempo para experimentação para produção do cortejo, tempo para a convivência em comunidade.

A outra professora enquanto confeccionava a sua lanterna disse:

Eu acho isso bonito na escola que os grandes fazem as atividades para os pequenos. Por exemplo, na festa da Menina da Lanterna, os meninos do quinto ano estão produzindo lanternas para as crianças pequenas. Mas, um dia eles também foram pequenos e os meninos do quinto ano da época deles também fizeram lanternas para eles participarem da festa. É uma sensação de família, de comunidade. Eles agem aqui na escola como uma comunidade. (Depoimento da Shasa, professora da Educação Infantil, concedido a esta pesquisa em 2023).

Aprendizagens muito mais rica de uns aprenderem com os outros. Uma criança pequenininha que ainda está no desenho da garatuja vendo uma criança maior desenhar, que está com um desenho mais representativo. Mas, estão com possibilidade de viver o mundo diferente, lógico que com as crianças da mesma idade também têm isso, mas com crianças de idades diferentes isso tudo fica mais evidente.

(Depoimento da Mhina, professora da Educação Infantil e coordenadora da escola, concedido a esta pesquisa em 2023).

A turma possui diferentes idades, porque isso é uma opção nossa no José Calil, eu pedi isso para a direção há uns cinco, seis anos atrás [...].

(Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023).

A gente aposta que um ambiente composto com crianças de idades diferentes na primeira infância, misturando as crianças, a gente tem uma riqueza de experiência muito maior em vários âmbitos. (Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023).

A decorative border of colorful handprints in red, green, blue, and yellow, arranged in a repeating pattern around the text.

No primeiro ano, são crianças que estão com possibilidade de viver o mundo diferente, lógico que com as crianças da mesma idade também tem isso. Mas, com crianças de idades diferentes isso tudo fica mais evidente. Então, no campo da linguagem, as crianças de cinco anos estão mais acordadas, no campo do desenho, no campo da segurança, no campo das relações. Nem sempre isso é uma regra, mas isso muitas vezes acontece. Então, é muito importante a gente criar esse campo, ambiente mais heterogêneo, no campo das idades, das experiências. Então, no campo da linguagem as crianças de cinco anos aprendem muito mais com essa criança do que com o professor ensinando. Então, essa semana mesmo, aconteceu uma coisa linda. A Yara que é uma criança mais velha, que tem cinco anos, sentou ao lado do Kaíque que tem 4 anos, está com um desenho muito garatuja ainda ele olhou para o desenho dela e ficou encantando. Ela pegou a mãozinha dele e foi ajudando-o a fazer. Isso é um grande aprendizado tanto para a Yara quanto para Kaíque, porque tem a possibilidade de aprender com um par mais experiente, uma criança com um ano de diferença, mas que tem uma habilidade muito maior que ele, meses nessa idade faz muita diferença. A Yara ganha uma experiência nesse lugar de protagonismo, de ser a veterana, desse lugar de cuidar do outro, ensinar o outro, ensinar a amarrar sapato, ensinar a desenhar. Então, isso cria uma rede de relações muito fértil entre as crianças. Por exemplo, quando as crianças pequenas entram na escola chorando, quem consola ela não é só a professora, são também os alunos antigos, os que têm cinco anos e vão fazer seis. Então, vai criando essa rede de solidariedade e aprendizagem muito grande, é muito bonito de ver. Além disso, você tem a oportunidade do vínculo, porque não existe primeiro período e segundo período. Então, a criança vai ficar dois anos com a mesma professora no mesmo ambiente, só que agora sendo veteranos tendo uma outra condição de experiência. As mães perguntam às vezes, assim, se não vai ficar com tudo repetido de novo. Para as crianças nunca é a mesma experiência, é outra experiência, elas nunca ficam entediadas, elas estão em outro lugar ali, outro lugar agora elas serão outras pessoas (Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023).

A rede de solidariedade na escola também atravessa a criação de lanternas, a qual vai sendo aprimorada, afetando todos aqueles que convivem na instituição. Esse ano o vice diretor produziu uma lanterna com tecido, água e cimento, usando de molde um copo descartável.



A construção de lanternas produz momentos de experimentação, uma produção que acontece na escola, problematizando efeitos com o que funciona e o que não funciona no dia do cortejo. Como disse a coordenadora:

O ano passado, uma professora fez bastante lanternas de vidro. Mas, a gente achou que essa coisa de fazer as lanternas é sempre uma questão para nós, porque o que a gente teria como ideal é que os pais viessem fazer as lanternas com as crianças. Mas, a gente não consegue um sábado letivo é uma questão burocrática da escola. Então, acaba que, assim, ou a professora faz e a gente já está guardando as lanternas de todos os anos, a gente já inventou várias de pegar a bola e encher e fazer uma papietagem, mas é um pouco perigoso de pegar fogo, a gente já fez de vidro, mas ficou quente e vidro aqueceu. Então, o que a gente conseguiu que dura mais e funciona mais é de latinha de molho de tomate, de leite em pó e a gente bota um arame, né? E uma velinha dentro. Então, assim, como ela dura a gente guardou, quando acaba a festa as crianças deixam a lanterninha aqui. (Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023).

As lanternas de papel viram possibilidade de serem realizadas junto com as crianças, mas correm o risco de pegar fogo, portanto é o que se tem disponível para fazer. As lanternas de lata são as preferidas, como dito pela professora e coordenadora, mas a falta de latas produz modos outros de fabricar lanternas na escola. Um dia antes do cortejo, o professor de Artes Visuais também resolveu produzir lanternas de papel reutilizados com os seus alunos, uma prática atravessada pelo Projeto Giros. Para o professor:

O giros, ele ainda é confuso, até para a direção, quando eu cheguei aqui a própria diretora virou e falou assim: - Oh, gente, até para nós isso é um pouco complexo, né? Porque teve a pandemia e isso ainda estava sendo implementado [...]. Então, quando eu cheguei à diretora disse que até para nós era difícil compreender, essa questão dos cortejos, então a gente vai entendendo isso na prática igual a gente vai vendo agora, né? [...]. O giros ele funciona da seguinte maneira: temos capoeira, teatro, tambor, artes visuais, o jornal da escola, ou seja, várias opções que o aluno tem e ele opta por cada uma dessas atividades. Então, durante a semana, segunda, terça, quarta e quinta ele vai ter essas opções, tá? Ele vai trabalhar a linguagem que ele quer durante um certo período. Antigamente, era de três em três meses e hoje é de cinco em cinco meses, né? Durante as férias, no segundo semestre, ele vai optar por uma segunda opção, então se ele estava em artes visuais no segundo semestre, ele pode ir para o teatro, por exemplo. Então, daí o giros, ele era mais giros quando era de três ou de dois em dois meses, porque aí por ano o aluno participava de pelo menos quatro atividades diferentes. Mas isso foi um pouquinho complicado, os alunos não queriam fazer às vezes capoeira, então, preferiam ficar nas artes visuais e criou um pouquinho de confusão. A gente passou, então, de quatro em quatro meses para ser mais exato. [...] O giros são para alunos do sexto ao nono ano, isso ocorre pela opção deles, a gente abre uma opção do mais geral em que eles escolhem por vontade própria, mas depois a gente tem que negociar um pouco isso, porque não dá para eu ter trinta, quarenta alunos, enquanto o outro professor está com cinco, então não vai ter espaço para a criança. A gente dá meio que uma dividida para no máximo uns vinte que já são bastantes alunos [...]. As atividades também são livres cada professor vai fazer uma proposta, tá? Não tem que ser uma coisa ligada a escola, ou a matéria em si, por exemplo, eu posso trabalhar em artes algo ligado a história da arte, também posso trabalhar com outras coisas pintando mural, tudo dentro da minha proposta eu que vou escolher. (Depoimento do professor de Artes Visuais concedido a esta pesquisa em 2023).

Assim, como na Educação Infantil, os alunos de diferentes idades estavam divididos em grupos. Uns rasgavam as folhas dos livros didáticos que já não tinham utilidade na escola, outros cortavam os papéis em tiras, outros ainda pegavam o papel e faziam a base da lanterna como se fosse um leque, virando o papel para frente e para trás. Cada aluno se inseria no processo coletivo de produção, outras turmas desse professor também participaram da mesma atividade. O docente de Artes Visuais continuava a orientar os alunos:

- Agora, vocês vão colocar esse papel em forma circular, usando cola uma tira e a metade de outra, essa é a nossa base. Depois é só ir trançando as tiras até cobrir todo o cestinho da lanterna.



Outras experiências teceram os fios da história da escola que até hoje se mesclam na arte de dobrar papéis; de encenar textos do cotidiano, da tradição oral e literária; de confeccionar máscaras e bonecos; de ouvir e contar histórias; de escrever cartas para o correio literário; de cantar e formar rodas rítmicas, de garimpar memórias de uma escola numa antiga caixa de papelão desbotada (MEDEIROS, 2010, p. 104).

Essas experimentações na **escola** ainda ocorrem como nos antigos quintais, os mais velhos trocam aprendizagens com os mais novos a partir da invenção de brinquedos e atividades divertidas.



EntreCortejos

A iniciação das crianças no mundo adulto na sociedade industrial se deu a partir da escrita e de diferentes códigos de poder (Guattari,1981). O capitalismo é responsável por modelar as pessoas, as crianças, perpassando pelos códigos perceptivos, linguagem, relações interpessoais, autoridade, hierarquia, toda tecnologia dominante capitalista das relações sociais. Nesse sentido, a escola primária formava as crianças para o trabalho, para a disciplina, conduzindo-as aos saberes e aos valores das classes dominantes. Mas, para Guattari também ocorrem os escapes desses sistemas semióticos dominantes como também sugere Agamben (2009) quando ressalta o tempo contemporâneo. A partir do contexto em que a instituição escolar emerge é possível perceber peculiaridades da Escola José Calil, a qual exercita uma ancestralidade, portanto se torna contemporâneo, não no sentido de que é uma retomada daquilo que ancestralidade faz. Ser contemporâneo é coincidir com o seu tempo, o processo de experimentação torna algo contemporâneo, por exemplo, o currículo que experimenta a ancestralidade fabrica uma contemporaneidade. É a partir da quebra entre os tempos que ele faz dessa situação um encontro entre os tempos e as gerações no tempo presente. A transformação pedagógica desta escola, os cortejos, a alegria, as brincadeiras, enfim as experiências vivenciadas nela, criam rupturas, quebras no tempo, um tempo presente e único, que por vezes pode se distanciar das relações capitalistas.

Medeiros (2010) destaca, que “com tantas invenções a escola se tornou mais prazerosa para as crianças e também para nós, professores” (p.99). Enquanto fabricavam as lanternas, as mãos dos alunos trabalhavam e as bocas falavam, cochichavam, riam, surgiam diversos assuntos:

- A “Iracema” está namorando o “Cauê”.
- Quando eu chegar em casa vamos jogar Free Fire?

Começavam a implicar um com o outro, o professor chamava atenção daqui, chamava a atenção dali convidando os alunos a se concentrarem na atividade. Até que um aluno me pergunta:

- Oh, tia! O que você está fazendo aqui?
- Estou fazendo pesquisa sobre os cortejos da escola.
- Tia, eu só vim para comer e ir embora.
- Porque eu estou cansado. Tem canjica!
- Até você está trabalhando, né? Tia!
- Ah, mas eu gosto e você?
- Eu também até ajudo a minha mãe em casa, a minha mãe já é viúva há 3 anos.
- A máquina de lavar da minha mãe estragou e a mão dela está até ferindo de tanto esfregar. Uma outra criança entra na conversa e diz:
- Esfrega você, então! Já está na idade.
- Eu já lavo louça, passo pano no chão, esquento a comida, já está bom já? Né?

A conversa com essa criança, atravessa a sua história de vida, a **Festa** da Menina da Lanterna, como também a fabricação de uma infância que envolve a troca de saberes, o auxílio mútuo, experiências, experimentações e a convivência em comunidade tanto em casa com suas famílias como na escola.



EntreCortejos

A partir da pedagogia de cortejos esta escola fabrica uma luta micropolítica, uma vez que cria um campo de expressão para as crianças por meio dos cortejos, danças, pinturas, desenhos, cantos e etc. Uma pedagogia sensível, que possibilita a partilha de experiências com a cultura afro-brasileira. Os cortejos interrompem o tempo escolar, o currículo normatizado, trazendo a produção, a expressão das crianças junto com a alegria do momento festivo, rasgando não só o tempo, mas também as finalidades educativas. Os cortejos na escola permeiam o ano inteiro, que através delas interrompem o tempo cria a comunidade, fabrica relações que operam outros modos de fabricar crianças, professores e famílias.

O relato desse aluno perpassa a narrativa da antiga coordenadora e diretora da escola, a qual ajudou a movimentar a transformação pedagógica desta instituição a partir da sua dissertação de mestrado:

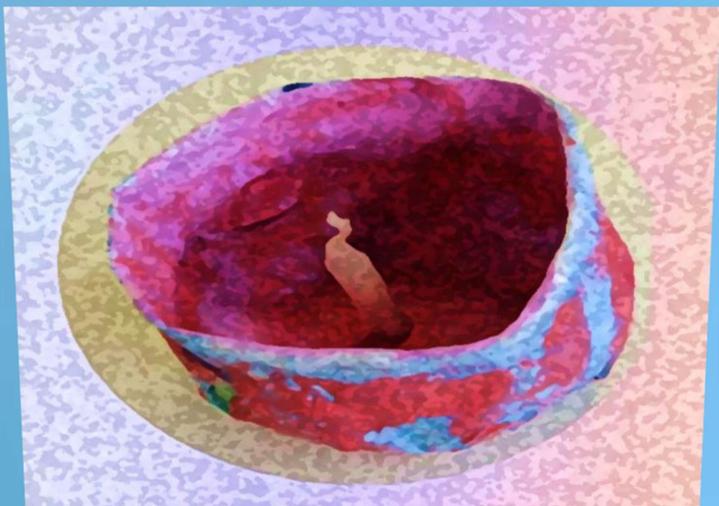
Eu percebia que as crianças que estavam naquela escola eram crianças pobres, crianças de pais trabalhadores e na verdade havia uma invisibilização dessas famílias naquele lugar. Então, isso vinha forte na fala das crianças com narrativas do tipo: “- Ah, o patrão da minha mãe deixou a gente comer coisa boa do natal, no dia seguinte, o que sobrou da ceia”, “a gente não pode nadar na piscina”, “nós moramos na garagem”. Eu comecei a perceber qual era a visão de vida desses meninos, naquela situação que tinha umas casas bonitas, as casas de campo. Então, de onde que aquelas crianças estavam saindo, né? No diálogo com os pais, o que eu ouvia muito é que aquela era escola de pobre e quem tinha condição podia pagar o ônibus e podia pagar van para levar os filhos para o centro da cidade. Então, eu percebia nas poucas reuniões com pouquíssimos pais, a relação com a comunidade era muito distante. Eu percebia um distanciamento muito grande da comunidade com a escola, com o passar do tempo, eu comecei a perceber que aquelas crianças eram filhos de trabalhadores das granjas que muitos deles não recebiam salário. Trabalhavam em troca da moradia, então, eles não pagavam água, não pagavam luz, não pagavam aluguel e trabalhavam para essas conhecidas granjas que era pequenos sítios, faziam trabalhos domésticos e trabalhos com pequenos animais e limpezas das piscinas. Ao visitar as crianças em suas residências, eu comecei a notar que de fato as casas eram belíssimas, mas que para as famílias era reservado uma parte da garagem, um quarto nos fundos da casa. Então, eles moravam em condições bastante humildes, dentro de casarões que eram muito bons e as famílias que moravam nesses lugares colocavam seus filhos para estudarem no centro da cidade. Então, essas crianças ao sair da escola sempre se colocavam nessa condição de inferioridade, porque era a escola que restava para eles, isso me incomodou desde sempre. Desde quando eu conheci a escola no ano de 1998, desde então, ainda como coordenadora eu colocava para diretora que alguma coisa nós precisávamos fazer para essa situação mudar, porque a gente precisava trazer essas famílias para a escola. Um dos primeiros trabalhos que nós fizemos, lá em 1999, 2000, era isso de mudar a configuração da reunião de pais, de trazer os pais, não para uma reunião para falar de seus filhos, mas que a gente pudesse, trazer uma vivência literária, criar um lanche compartilhado, conversar sobre a situação de vida deles. Essas foram as primeiras mudanças que nós começamos a fazer naquela escola, o que acontece, eu defendi a dissertação, todas as professoras que eram poucas e mais a diretora foram a defesa. Quando eu voltei com a dissertação defendida e que se revelou, então, para a escola que esta questão da relação étnico racial e da construção identitária,

da diversidade, estava posta e que a gente precisava enfrentar isso (Depoimento de Marjani, antiga coordenadora e diretora da escola, concedido a esta pesquisa em 2023).

Então, essa questão comunitária e ancestral atravessa a vida e o cotidiano de alunos e professores na escola. Já era o dia do cortejo, o professor ainda estava finalizando a lanterna com os seus alunos até que uma menina diz:

- Professor! Eu não preciso fazer a lanterna eu vou ser o sol e o sol no dia da festa já tem a sua própria lanterna.
- O professor responde:
- Mas a lanterna é para ser feita para todos, não é só para si.

Neste instante a sala de aula ficou em silêncio e os alunos continuaram confeccionando as suas lanternas...



na produção de murais que extrapolam para fora da sala de aula e são pregados para enfeitar os corredores da escola. Produção, experimentação, afetos e experiências como possibilidade no corredor a envolver as pessoas que transitam nele.



Os cortejos da escola fazem girar a **fabricAÇÃO**. Fabricam currículos inventivos e praticados em comunidade e de vários modos. Docentes também trabalham o cortejo da Menina da Lanterna



As práticas construídas entre professores e alunos são registradas e também compartilhadas entre professores no dia a dia, como também nas reuniões coletivas, esta é uma prática antiga da escola que também foi narrada pela ex coordenadora e diretora da instituição:

Então, isso é um movimento muito coletivo, não posso dizer assim, eu fiz! Não! Eu tive a sorte, a alegria, o desafio de me juntar com um grupo de pessoas e com muita gente que chegava às vezes, não voltava para a escola, porque eram contratos e outras que iam ficando e a gente foi construindo esse movimento ao longo dos anos e ele foi se modificando. Mas, eu percebo até hoje tem muita coisa que ficou. É uma escola que investiu na informação, no contexto que construiu um arquivo de práticas. Eu tenho o arquivo de 1999. É o primeiro movimento de documentação de práticas e até hoje as professoras fazem isso, então quer dizer, nós temos um arquivo de práticas documentadas a mais de 20 anos. A escola, continua com a prática de apresentar aos professores que chegam esse arquivo de práticas e agora com esta gestão que está hoje, eles conseguiram uma sala para o arquivo de memórias e de práticas ser instalado lá. Então, assim, eu vejo que o movimento cresce, eu já saí da escola, desde 2015 e vejo que outras coisas aconteceram e que eles vão aprimorando, essa questão da relação com a cultura, do enfrentamento com as questões raciais, da prática escolar como prática, como uma coisa que precisa ser documentada, então isso é valorizado não se joga nada fora. As pessoas aprendem com o que os outros professores fizeram. Então, eles têm também essa prática da orientação individual do professor, né? Que a gente começou isso lá atrás e que não se perdeu faz muita diferença para uma professora, ela discutir com alguém no seu cotidiano, o trabalho que ela vem fazendo com as crianças. Então, não é simplesmente uma reunião que acontece em um mês e depois só no outro mês que vão falar de outro assunto da educação, não! Têm uma perenidade, o diálogo, a troca de conhecimento da professora com a coordenadora, o entre professores, professor com professor. (Depoimento de Marjani concedido a esta pesquisa em 2023).

A troca de saberes entre os professores, entre alunos, entre professores e alunos se faz presente na escola. Essa questão também ocorre na preparação do teatro junto com as crianças do quinto ano para apresentação no dia do cortejo. Na semana de organização para a Cortejo da Menina da Lanterna, os alunos já começam a procurar a coordenadora da escola, dizendo sobre o desejo de participar do teatro. Neste ano, crianças do sexto ano

também demonstraram interesse, até crianças muito pequenas assumiram o papel de estrelinha como demonstra a coordenadora:

Então, assim, geralmente seria o quinto ano mesmo, mas nada é tão rígido, né? As coisas tem um acontecimento, a escola se faz de acontecimentos, das percepções do que está acontecendo. Então, esse ano, o sexto ano que fez no ano passado quiseram fazer de novo [...]. Então, assim, quem quer participar pediu, deixa eu participar, deixa eu participar, então, eu deixo. Ainda mais o sexto ano, enquanto eles quiserem pertencer ao mundo da infância eu abro, tudo que eles me pedirem para participar de cortejo eu vou abrir para eles, porque daqui a pouco eles não vão querer mais. Então, tem professores que falam assim: - Não dá para fazer nada com o sexto ano, eles não prestam a atenção! Eles são difíceis mesmo, tive que dar bronca ontem, mas eles ficam e ainda conseguem como aquela menina que representou o sol, ficou tão inteira naquela presença. Alguém falou assim: - Esse ano você pegou só os levados, né? E eu falei: - Eles que quiseram. Então, não é uma escolha, não fui eu que escolhi eles, eles que pediram. Por que é isso, né? Porque a escola tem uma movimentação eles esperam por aquela festa [...]. O quinto ano veio, aqueles que a mãe deixou porque também é a noite tem várias questões e também tem que ter disposição para trazer as crianças e aí as meninas do segundo ano chegaram ontem para mim com os caderninhos: - Escreve aqui para a minha mãe que eu vou ser a estrela. Eu não tinha falado nada que elas seriam a estrela. Aí me cortou o coração, né? E eu falei: - Ah, vamos ver... Então, entra! Então, acabaram entrando. *(Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023).*

E, assim, foi girando a movimentação do cortejo, afetada por pequenos acontecimentos, constitui-se aos poucos a equipe que faria a apresentação teatral da Menina da Lanterna. No primeiro dia em que fui participar dos bastidores do teatro a professora e coordenadora encontra comigo no corredor e diz:

- Que bom que você chegou, já vou aproveitar a sua presença aqui, você fica com as crianças na biblioteca enquanto eu vou buscar as outras em sala de aula?

Eu respondi:

- Claro!

Ao entrar na biblioteca, havia um grupinho de seis crianças que estavam conversando, o combinado com a coordenadora era que elas não levantassem da cadeira até o seu retorno. Então, começamos a conversar e uma menina me perguntou:



- Tia, adivinha quem foi a menina da lanterna no ano passado?
- Você?
- É!
- Verdade, eu tirei foto sua no ano passado.
- Outra criança responde:
- Você também tirou foto minha.
- Eu perguntei:
- Você vai ser a menina da lanterna esse ano de novo?
- Não, não pode, infelizmente, não!
- Outras vozes todas juntas e misturadas começaram a tomar conta da biblioteca e eu perguntei:
- Vocês gostam da Festa da Menina da Lanterna?
- Uma responde:
- Sim!
- A outra:
- Eu adoro a Festa da Menina da Lanterna.
- Outra ainda:
- Eu gosto mesmo é da Festa da Congada.
- Lancei outra pergunta:
- Como ocorre a escolha da menina da lanterna?
- Um menino responde:
- Na verdade é quem fica mais interessado, né?
- E aí vocês se colocaram disponíveis?
- Uma menina responde:
- Eu sempre me coloco, minha mãe deixa eu vim mesmo.
- Outra diz:
- Eu gosto mesmo é porque teve canjica, canjica doce.

Em seguida, a coordenadora chegou com as outras crianças e começou a organizá-las e contar quantos alunos estavam presentes, disse sobre a importância de elas terem concentração, porque o tempo para o ensaio seria curto. Assim, começou o processo de negociação com as crianças e os respectivos papéis que iriam assumir no teatro. A coordenadora sugeria, às vezes elas questionavam, então ela oferecia outra opção até entrarem em um acordo e distribuírem todos os papéis, depois do ensaio a coordenadora disse:

É uma lista que também é fluída, não adianta você pedir para a criança fazer uma coisa que ela não quer fazer, né? Aí eu tinha feito mais ou menos uma pré-lista, mas aí eles começaram a falar: -Mas, eu não queria ser isso eu queria ser a raposa, aí eu falei: - Então, está bom! Você pode trocar? Aí a coisa fluiu, não dá para impor também. Acontece assim...

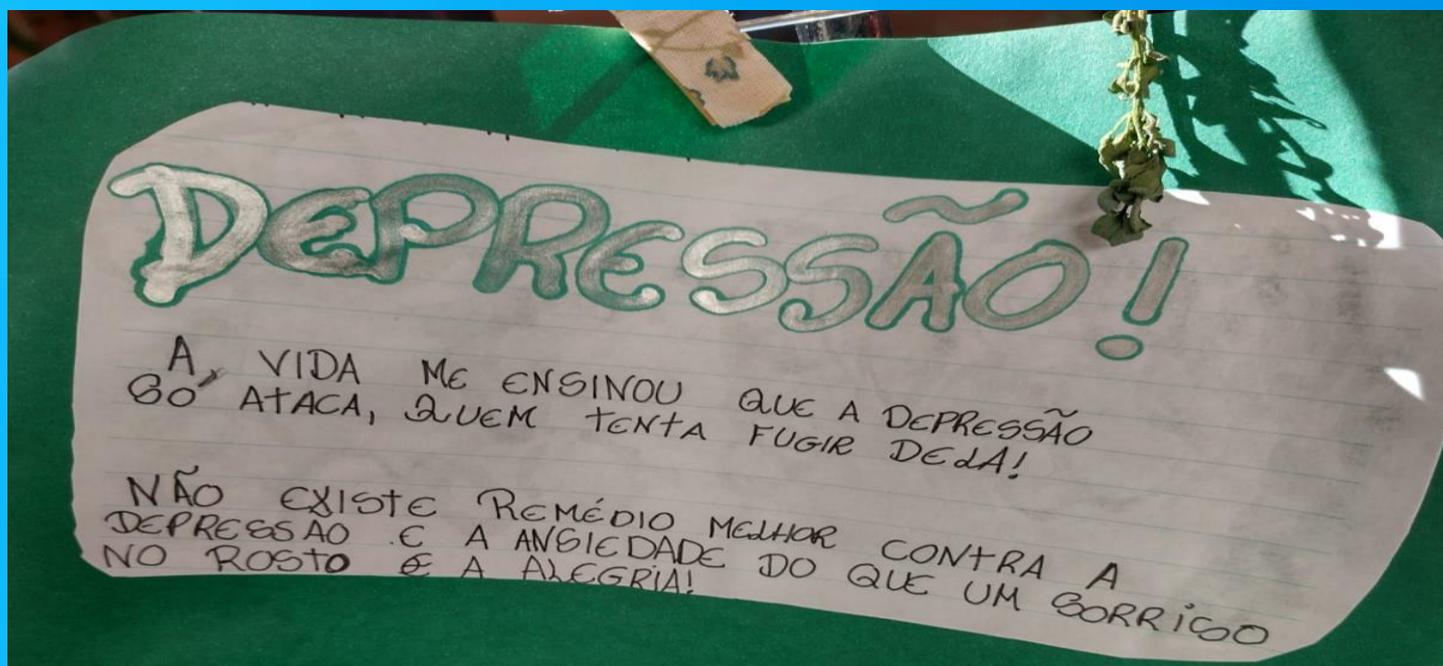
Os ensaios eram permeados de cochichos, risadas e brincadeiras, a coordenadora interrompia o processo pedindo a atenção das crianças para focar na apresentação. No final do segundo dia de ensaio ao sair da biblioteca comentei com a coordenadora:

- Engraçado que no dia do teatro eles focam na apresentação, prestam atenção e a executam com muito cuidado, né?
- Ela respondeu:
- Nos ensaios eu os deixo mais soltos para ser divertido!

Esse relato da coordenadora também está associado a transformação pedagógica da escola realizada em 2001, em que optaram por reescrever o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição a partir de três perguntas:



“Qual a escola que queremos?
 Que tipo de criança nós queremos formar?
 O que eu penso ser necessário para transformar o contexto
 desta escola?”
 (Escola Municipal José Calil Ahouagi, 2006)



Estas perguntas formuladas pelo coletivo foram discutidas em conjunto, emergindo a ideia da construção de uma escola **feliz** e **divertida** como consta no documento da escola:



Sendo séria, não é chata, sendo rigorosa, não seja enfadonha; que seja o lugar da autoridade, mas não do autoritarismo; que viva a liberdade, sem ser licenciosa; que seja exigente, mas que provoque **alegria**.. Uma escola contente, menina viva, uma escola que amadurece, mas que não envelhece (Documento – Estudos Étnico-Raciais e Organização Curricular Escola Municipal José Calil Ahouagi in SÁ, 2006).

Portanto, buscava-se construir dentro da escola crianças felizes:

Uma criança que não espera que lhe digam o que sentir, o que fazer e o que pensar. Uma criança capaz de intervir, de resistir e de participar dos contextos sociais, seja pela rebeldia, pela negação, pelo silêncio, pelo olhar distante, pelo choro, pelo riso, pelas demonstrações de alegria e de tristeza (Documento – Estudos Étnico-Raciais e Organização Curricular Escola Municipal José Calil Ahouagi in SÁ, 2006).

Nesta época de transformação pedagógica da escola, houve um concurso para eleger o desenho e uma frase da nova blusa de uniforme, estes dois componentes deveriam expressar o que o coletivo da escola desejava produzir. Portanto, os alunos também participaram desse processo, mostraram suas propostas, a qual foi eleita “**Escola Feliz e Feliz escola**”, cujo desenho seria o globo do planeta terra rodeado de pessoas, ressaltando a diversidade, a roda, a comunidade e assim foi selecionado o desenho de uma aluna:



Este desenho da blusa de uniforme consta na dissertação Érica de Sá.

Nesta perspectiva, emergem os cortejos como forma de rasgar e reinventar a escola, trazendo alegria, invenção e aproximação com as famílias.



EntreCortejos

Brandão (1987) destaca a importância de “reinventar a educação”, que é uma invenção humana e pode ser refeita, inventa pessoas, vidas e suas culturas. A educação como prática social, como invenção da cultura criada pelos grupos sociais que trocam conhecimentos, símbolos, bens, poderes reinventa a vida do grupo todos os dias. Trata-se de relações interpessoais, trocas físicas e afetivas de saberes sociais, construídas pelas práticas familiares e comunitárias. Nesta perspectiva, os cortejos na Escola José Calil parece ser um modo “reinventar a educação” daquela comunidade, como também o currículo praticado e inventado no cotidiano escolar.

Os ensaios para a teatralização do cortejo da Menina da Lanterna, também atravessavam uma maior permanência ao mundo da infância, como foi dito pela coordenadora em relação ao sexto ano. Antes dos ensaios ela sempre cantava uma música com a crianças:



*Pom, pom, pom quem será?
Dona mariquinha pode entrar
Olé, olé, olé
Olé, olé, olé, olá!
Olé, olé, olé
Olé, olé, olé, olá!
Oi cumpade, oi cumade*

Essa música além de ser cantada também é gesticulada. A coordenadora a canta desde a Educação Infantil, até com as crianças do sexto ano, isso ocorria antes dos ensaios da teatralização da Menina da Lanterna, o mesmo ocorria antes do teatro de sombras. Outro movimento que a escola realiza na semana de preparação do Cortejo da Menina da

Lanterna é o teatro de sombras com as crianças até o quinto ano. Elas se direcionaram até a biblioteca para ouvirem a história, antes de dar início a apresentação um menino disse:



- Tia, canta aquela musiquinha, pom, pom, pom...
- Tá bom! Espera só um minutinho...

Nesse acontecimento, ocorre uma repetição e manutenção das músicas cantadas na Educação Infantil, um interesse que parte das próprias crianças do quinto ano que estão prestes a saírem do mundo da infância. No teatro de sombras, a coordenadora da escola forma uma equipe com duas professoras para realizar esse teatro, montando um cenário. Organizaram a sala de aula, confeccionaram uma caixa de papelão em forma de palco, o centro desta caixa foi forrado com papel manteiga, também produziram cada um dos personagens com papel e palito de madeira. E a coordenadora falou:

- Vamos escurecer a sala para promover a conexão mágica desse momento.

Uma professora fica responsável por compor os sons com pequenos instrumentos musicais de madeira. A coordenadora com o violão na mão, conta a história e canta as músicas com as crianças, a outra professora com um celular no pescoço e a lanterna acesa realiza o teatro de sombras movimentando as mãos conforme a história vai sendo contada. As crianças sentadas no chão, coladinhas umas às outras, prestando atenção naquela história. Mas que história é essa? [A Menina da Lanterna...](#)



A escola estava se preparando para o cortejo e montou o palco com tecidos de juta e em volta dele colocaram um tecido com chitas. Estenderam três tecidos enormes que do segundo andar da escola escorriam até o primeiro. Arruma daqui, arruma dali, foi inserido

um arranjo de plantas do lado direito do palco e quando a diretora estava desentortando-o uma criança chega e diz:

- Tia! Por que você colocou aquela planta?
- Porque cada ano inventamos uma coisa diferente.
- Para a festa ficar mais bonita?
- Sim!



As crianças se atentam a cada preparação do cortejo, a cada detalhe, elas ajudam na organização sem que os adultos a solicitem, é o que acontece no momento de arrumar as cadeiras. Elas percebem o movimento e entram no giro dele, algumas crianças pegam várias cadeiras, outras a enfileiram, a diretora e a coordenadora orientam e o cortejo é montado com muitas mãos, muitas contribuições, trocas de experiências e saberes de crianças e adultos.



O palco está pronto e a crianças que vão participar do teatro chegam à escola uma hora antes do cortejo e se direcionam direto para o camarim. O ambiente da escola já está contagiado pelo som do violão e da flauta. A coordenadora e duas professoras começam a vestir as roupas nas crianças e, enquanto vestem, lembram cada uma delas a atenção que devem ter com o seu papel quando estiverem no palco. A professora está ensinando como a menina que é a velha fiandeira deve andar, como uma velhinha e estar sempre tecendo os fios:

- É assim mesmo, aí você faz controle e coloca a mão na coluna aqui, oh! Isso! É veia mesmo! Não! Sem balançar, pode rir, mas tem que fazer.

Algumas falas também são lançadas pela coordenadora da escola:

- Lembrando, estrela não pode ficar conversando no palco!

Antes de sair do camarim a coordenadora pega o violão e canta com as crianças novamente aquela canção: - *Olé, olé, olé, olé, olé, olá...* Depois solicita que elas façam a fila para darem início ao cortejo, ainda restam alguns minutinhos para lembrar:

- Prestem atenção, na hora de entrar, o sapateiro vai ficar onde tem os sapatos, a velha fiandeira vai ficar onde tem as linhas. Os bichinhos vão ficar do lado do sapateiro, lá atrás da casa do sapateiro e os meninos da bola e o vento vão ficar ao lado da velha fiandeira, atrás da casa dela. Tá? Tranquilo?

- Silêncio, crianças já estou ouvindo conversas e isso não é postura para entrar...

- Boa sorte, gente! Vocês estão lindos e aquela voz bem linda, hein?

E começaram a cantar:



Alumiou, alumiou no céu,
Alumiou, alumiou no mar,
A Estrela Dalva já me segredou que a nossa história já vai começar... (2x)

As crianças entram no palco, **realizam o teatro**, os professores se direcionam para uma sala ao lado do palco para ascender as lanternas e, na porta, iam entregando-as para toda a comunidade escolar, crianças, famílias e funcionários. Assim que pegam as lanternas todos dão uma volta em torno da escola com as suas lanternas nas mãos, com muita alegria, folia e música.



O documento elaborado pela escola ressalta que o conto da Menina da Lanterna, coloca a criança em contato com os ritmos e ciclos da natureza, a partir de suas características físicas e temporais. O inverno, caracteriza-se por noites escuras, frias, terras secas e dias menores. As comunidades ancestrais veneravam o sol e pediam para que ele reaparecesse trazendo luz, calor e fertilidade.



A questão dos contos tradicionais e ancestrais estão também relacionados a um acontecimento em uma cena de contação de histórias em uma sala de aula da Educação Infantil. Para iniciar a história a professora **canta:**

Era uma vez, a história já vai começar (ar...)
Fiquem bem quietinhos (os...) para a história escutar (ar...). (3x)



A disposição das carteiras das crianças se organizava em forma circular, para esse instante, a professora colocava no centro da sala de aula essa mesinha, com forro, flores, toquinhos de madeira, ratinhos de lã e uma vela.



O ratinho, só escolhe para apagar a velinha, aquela criança que se concentra no momento da história. Ao cantar, a professora começa a acalmar as crianças que, às vezes, ainda se encontram agitadas, porque retornaram do almoço que acontecia no refeitório da escola. A voz e o canto da professora convidam as crianças a entrarem em um outro ritmo, de forma a prestarem a atenção na história, a partir da sua presença e amorosidade. Ela faz carinho no cabelo de cada criança, até a sala ficar bem silenciosa e canta as músicas com emoção e sensibilidade, o mesmo reproduzia quando contava as histórias.



A docente escolhe uma história e a conta todos os dias durante um mês. Ela busca chamar a atenção e a concentração dos seus alunos, não utiliza livros e nem imagens, mas faz uso de gestos e diversifica a entonação da voz. Um dos primeiros dias de aula, pude vivenciar a troca de ciclo mensal em que a professora escolhe outra história para contar para seus alunos, mas antes disso ocorrer ela fez uma roda no centro da sala e perguntou:

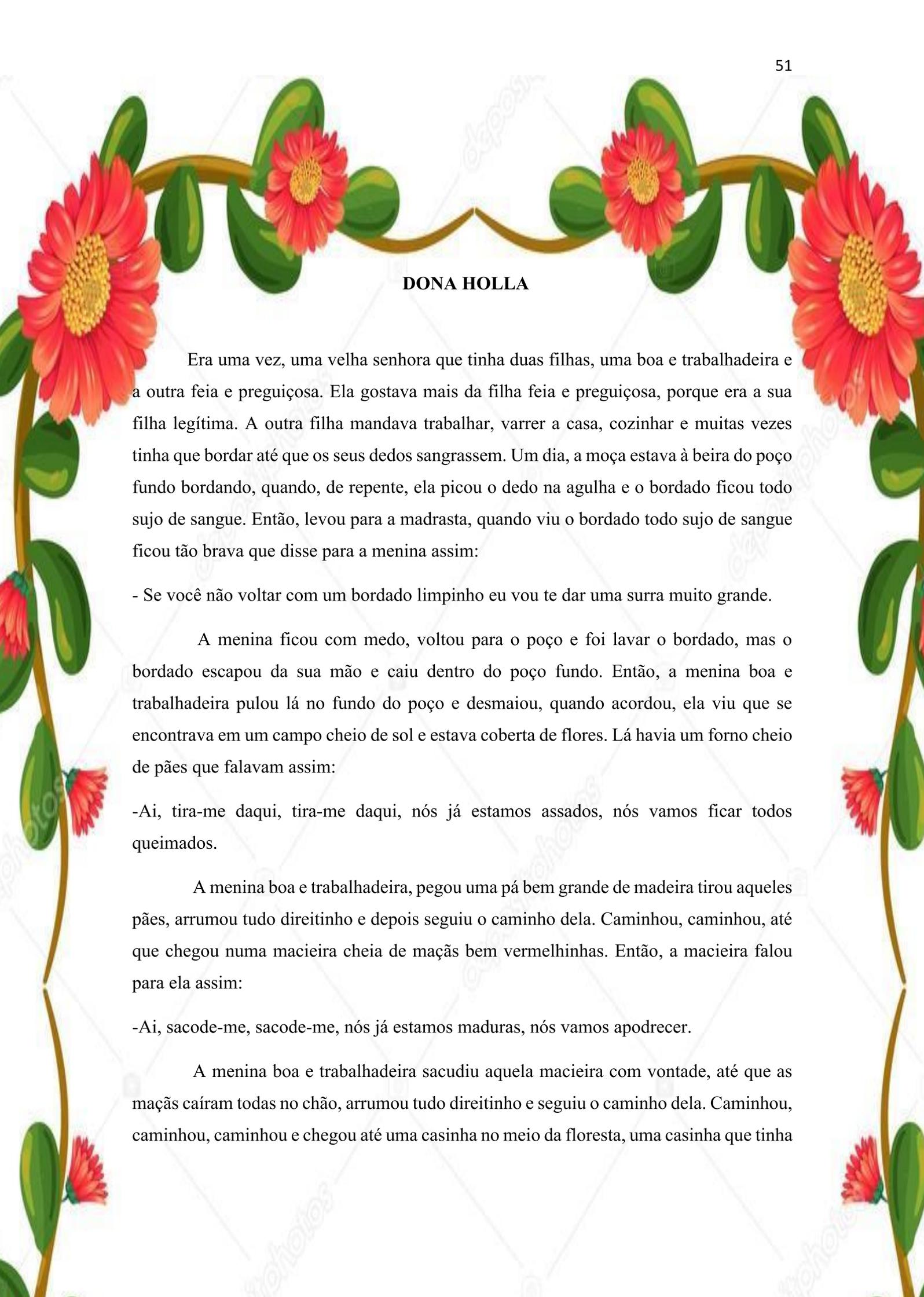
-Quem gostaria de contar a história da Dona Holla para a turma?



Uma criança se prontificou a contar a história e fiquei surpresa, ela contava e narrava com propriedade, com riqueza de detalhes, era impressionante de se ver. Olhei para a docente e seus olhos estavam brilhando, se emocionou e de fato o que estávamos vivenciando contagiava a todos, a professora que auxilia as crianças com deficiência até pegou o seu celular para filmar a cena.

[A história contada pela criança era longa, complexa e minuciosa.](#) Como consta a seguir:





DONA HOLLA

Era uma vez, uma velha senhora que tinha duas filhas, uma boa e trabalhadeira e a outra feia e preguiçosa. Ela gostava mais da filha feia e preguiçosa, porque era a sua filha legítima. A outra filha mandava trabalhar, varrer a casa, cozinhar e muitas vezes tinha que bordar até que os seus dedos sangrassem. Um dia, a moça estava à beira do poço fundo bordando, quando, de repente, ela picou o dedo na agulha e o bordado ficou todo sujo de sangue. Então, levou para a madrasta, quando viu o bordado todo sujo de sangue ficou tão brava que disse para a menina assim:

- Se você não voltar com um bordado limpinho eu vou te dar uma surra muito grande.

A menina ficou com medo, voltou para o poço e foi lavar o bordado, mas o bordado escapou da sua mão e caiu dentro do poço fundo. Então, a menina boa e trabalhadeira pulou lá no fundo do poço e desmaiou, quando acordou, ela viu que se encontrava em um campo cheio de sol e estava coberta de flores. Lá havia um forno cheio de pães que falavam assim:

-Ai, tira-me daqui, tira-me daqui, nós já estamos assados, nós vamos ficar todos queimados.

A menina boa e trabalhadeira, pegou uma pá bem grande de madeira tirou aqueles pães, arrumou tudo direitinho e depois seguiu o caminho dela. Caminhou, caminhou, até que chegou numa macieira cheia de maçãs bem vermelhinhas. Então, a macieira falou para ela assim:

-Ai, sacode-me, sacode-me, nós já estamos maduras, nós vamos apodrecer.

A menina boa e trabalhadeira sacudiu aquela macieira com vontade, até que as maçãs caíram todas no chão, arrumou tudo direitinho e seguiu o caminho dela. Caminhou, caminhou, caminhou e chegou até uma casinha no meio da floresta, uma casinha que tinha

uma velhinha que tinha um dente muito grande. Ela ficou com medo da velhinha e quando já ia sair correndo, a velhinha disse assim:

- Ei, menina, não tenha medo de mim não, eu sou a Dona Holla. A senhora Flocos de Neve. Se você trabalhar na minha casa todo dia, arrumar a minha casa, varrer tudo direitinho, você vai ter tudo do bom e do melhor. Mas, você não pode esquecer de sacudir o cobertor do meu quarto com vontade, até que se espalhe todas as plumas no quarto. Quando isso acontece cai neve na terra e eu sou a Dona Holla a senhora flocos de neve. Então, a menina perdeu o medo da Dona Holla e começou a agradá-la, todo dia a menina acordava cedo, varria a casa, preparava comida e nunca esquecia de sacudir a coberta com vontade, até que as plumas espalhassem pelo quarto e caísse flocos de neve na Terra. Ela trabalhou para a Dona Holla muito tempo, mas um dia o coração dela sentiu muita saudade de casa e falou para a Dona Holla:

- Ai, Dona Holla eu gosto muito de morar aqui com a senhora, mas eu estou com saudade da minha casa. Então, a Dona Holla disse assim:

- Muito me agrada que tenha saudade de casa, venha comigo.

Levou aquela menina para perto de um portão tão alto que ia até o céu, quando passou por baixo do portão caiu sobre ela uma chuva de ouro e ficou toda dourada, toda brilhante. A Dona Holla disse para ela assim:

- Isso é um presente, porque você foi tão boa para mim.

Então, a menina chegou em casa lá no portão da casa dela viu um galo em cima da árvore que cantou assim:

- Cocoricó, cocoriqui, a donzela toda de ouro está aqui.

Quando a irmã dela toda feia e preguiçosa viu a irmã tão dourada quis ficar dourada também. Ela perguntou:

- Minha irmã, como você conseguiu ficar tão bonita? Tão brilhante?

E aí ela contou tudo, contou sobre o bordado que ficou sujo de sangue, que jogou o bordado dentro do poço, que dentro do poço encontrou os pães, a macieira e a casa da



Dona Holla. Daquele acolchoado que ela sacudia bastante até que as plumas se espalhassem sobre o quarto e caísse neve. Então, a irmã dela quis também ganhar a chuva de ouro. E o que a irmã dela fez? Passou a mão de sangue no bordado, jogou o bordado no poço e mergulhou nele como sua outra irmã, ela também desmaiou. Quando acordou, havia se encontrado em um campo cheio de sol e coberta de flores, encontrou uns pães e os pães falaram assim:

- Ai, tirem-me daqui, tirem-me daqui nós já estamos assados, nós vamos ficar todos queimados.

A menina feia e preguiçosa olhou para aqueles pães e disse assim:

-Vocês fiquem aí, eu não vou sujar o meu lindo vestido com cinzas de fogão e deixou os pães queimarem.

Depois caminhou, caminhou, até que ela chegou naquela árvore cheia de maçãs e falou assim:

- Ai, sacode-me, sacode-me, nós já estamos maduras, nós vamos apodrecer.

A menina feia e preguiçosa olhou para a macieira e disse:

-Vocês que apodreçam, eu não vou sujar o meu vestido com maçãs e deixou as maçãs apodrecerem na árvore.

Ela caminhou, caminhou, até que chegou naquela casinha no meio da floresta, onde mora a Dona Holla. Nem teve medo da Dona Holla, porque sabia que ela era boazinha. Então, no primeiro dia, varreu a casa direitinho, arrumou a comida e não esqueceu de sacudir o cobertor com vontade até que as plumas se espalhassem pelo quarto e caísse neve na terra. Mas, no segundo dia, ela varreu a sujeira para baixo do tapete, no terceiro dia, nem arrumou a cama e acordou tarde, não cozinhou, não preparou nada, nem sacudiu a coberta. A Dona Holla ficou muito triste e chamou a menina e falou assim:

- Menina, chegou a hora de você ir embora para a sua casa.



Então, levou a menina para aquele lugar com um portão bem grande, mas quando a menina feia e preguiçosa passou por debaixo do portão, não foi uma chuva de ouro que caiu sobre ela foi uma chuva de graxa e ficou toda suja. Quando o galo viu aquela menina lá perto da casa dela cantou assim:

- Cocoricó, cocoriqui a donzela toda suja está aqui.

E dizem que aquela graxa ficou colada no corpo daquela moça para sempre, até o dia da sua morte, para sempre.



EntreCortejos

Como se fabrica uma infância cuja menina é feia e preguiçosa?
Como a menina adotada, bonita e trabalhadora fabrica uma infância?
Como esses valores fabricam uma infância?
Que vidas são fabricadas?
A serviço de que fabricação da infância esse cortejo se coloca?

Ao finalizar a história a professora diz:

Entrou por uma porta e saiu por outra
Honrei ao meu senhor que lhes conte outra
Essa história que eu acabei de ouvir
Eu guardo dentro do meu coração.



Depois ela canta:

*Quem será que o ratinho vai chamar para apagar a chama. (2x)
O ratinho falou que a Tayná está bem quietinha...*



Assim, uma criança apagou a velinha e, em seguida, ocorreu a troca das docentes. A professora desta turma da Educação Infantil que também é coordenadora da escola relatou:



Cada conto, isso que eu vou falar, é muito embasado em uma proposta de pedagogia Waldorf mesmo. A minha prática toda na escola é muito fundamentada pelos preceitos que o Ruldolf Steiner traz, da antropologia da infância que ele tem de ser humano e educação, mas ela também se pauta muito nas ideias do Malaguzzi. Eu também vou tentando fazer uma composição dessas coisas, como também, das culturas de infância, da antropologia da infância, assim eu vou compondo as coisas, o cotidiano e os modos de fazer. Mas, nessa perspectiva daquela forma de contar o conto que você viu, porque na escola é muito comum utilizar os livros de literatura mesmo, aí você vai lidar com a literatura, com o texto escrito, com os ilustradores com toda essa linguagem que vem do livro. Não sou eu que faço esse trabalho eu deixo para a professora da tarde. Na parte da manhã, o objetivo é trabalhar com oralidade, com a escuta, de trabalhar com os contos de **tradição oral**, que são a tradição oral que tem várias características desse modo de ser que vai construindo, desse conto que é ancestral, que passa de **geração** em geração, que passa de boca em boca. Então, tem conto que a primeira matriz surgiu cinco mil anos antes de Cristo, é muito tempo de uma tradição e de uma história que vai passando de boca em boca e porque essas histórias são tão fortes. Elas existem até hoje, numa época que não tinha mecanismos de sustentação, que não tinha registro escrito, que foi passado oralmente mesmo. Nas sociedades ancestrais, elas tinham modos de fazer para se perpetuar. Então, um desses modos é a repetição, essa ideia de sempre contar de novo, de novo e de novo. A aposta nesse



mecanismo com as crianças, de contar a mesma história durante um mês todos os dias.

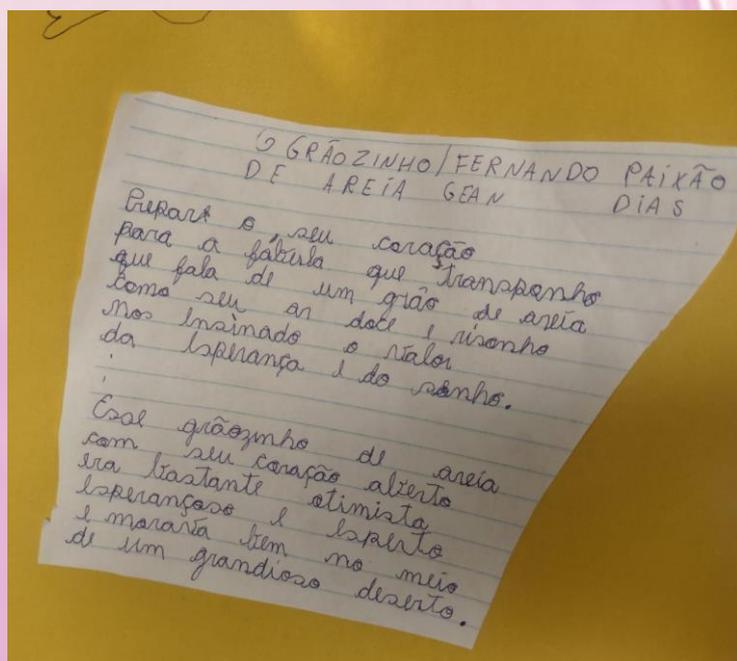
EntreCortejos

A tradição oral pode considerada como fonte histórica, uma história vivida, muito utilizada pelas sociedades africanas para preservar as suas histórias que iam sendo passadas de geração em geração a partir da memória coletiva, já que a escrita se articulava aos círculos de poder. São testemunhos históricos que fabricam fatos culturais registrados no tempo, também reconhecidos como documentos históricos da vida cotidiana. As músicas, os textos recitados, as mensagens tocadas em batuque, são as memórias vivas de África, um museu vivo. A oralidade antecede a escrita, portanto é o meio de comunicação mais usado “ela está presente no processo de educação e ensino em todas as sociedades, sendo cada vez mais usada atualmente com as tecnologias de comunicação que associam a imagem e a voz” (TRINDADE, p. 308, 2023). A tradição oral também pode ser associada ao depoimento das criações artísticas e africanas, como ao conhecimento total, articulando a ciência, filosofia, religião, arte e literatura (TRINDADE, 2023).

A tradição é constituída por um conjunto de valores da sociedade, nas festas a tradição permite a consciência histórica, bem como a continuidade. A festa e a brincadeira pertencem ao sagrado, transformando assim a realidade das coisas. Nesse sentido, a tradição cria a ideia de pertencimento cultural. Seria, então, o tempo da tradição um tempo espiralar, um tempo profano (MANHÃES). Portanto, a tradição não pode ser considerada imóvel, ela cria abertura para a invenção, por isso a tradição vai sendo fabricada e atualizada a cada cortejo que acontece na escola.

Da mesma maneira, repetindo as mesmas palavras, isso é um estudo que o Steiner propõe, da gente fazer os mesmos movimentos com as crianças, apostando também nisso que elas gostam tanto, de repetir, elas sempre pedem, de novo e de novo. Embora as crianças do nosso tempo, elas estão sendo saturadas de imagens prontas, de um modo muito rápido, elas estão perdendo essa condição da repetição, do fazer de novo. Mas, se a gente insiste isso com elas, rapidamente elas voltam nessa condição de gostar da repetição. A ideia é que estas histórias e as histórias que são escolhidas para serem contadas para as crianças pequenas de até sete anos. São contos de maravilhamento mesmo, de várias tradições, da tradição ibérica, da tradição alemã, da tradição indígena, que nasceu propriamente aqui no Brasil, contos africanos, desde que sejam contos ancestrais. Desde que tenha a característica do conto de maravilhamento, que narra a história do indivíduo, que vive uma situação um pouco idílica, vive uma situação de dificuldade, de perigo, de enfrentamento com um moço, com uma bruxa, com a fome, com a sede, coisas que vão fazendo que ele corra risco de vida mesmo. No meio desse caminho, em alguns contos e muitos deles, tem algum ser que pode ser uma fada, um animal, uma planta, alguma coisa que vai trazer boa sorte, boa fortuna, que vai trazer salvamento para essa pessoa, para esse ser. E aí apesar de todas as coisas difíceis que ele passa, tudo dá certo e eles foram felizes para sempre. Esses contos, isso diz o Steiner, ele tem um poder muito grande de fortalecer a criança animicamente. Na **esperança** pela vida, na confiança, na resiliência e quando for adulto, velhinho eles vão enfrentar situações reais de experiências de morte, de sofrimento, de separação, de doença. Ele acredita que crianças que tiveram um fortalecimento nesse lugar da esperança, na primeira infância, até os sete anos, eles vão sustentar isso com mais força. Essa é a parte mais anímica do trabalho, mas também tem a parte da

linguagem. Além da parte anímica tem a parte de criar na criança, aí já é mais uma parte cognitiva e poética, que é pensar a estrutura da linguagem. Como essa criança vai ser capaz de tecer uma narrativa de início, meio e fim, usando um vocabulário muito bonito, muito bom, numa estrutura muito bem configurada. Então, quando a gente prepara um conto, a gente prepara de verdade, quase decora uma forma de fazer com palavras difíceis, com imagens, mas no sentido de que a gente precisa estar enxergando a história que a gente está contando. Se eu estou descrevendo um poço, que era um campo coberto de flores e cheio de sol, que tinha o forno e os pães que falavam: - Tira-me daqui, tira-me daqui eu tenho que estar vendo tudo isso,



porque as crianças só vão ver se eu estiver vendo. Então, tem um preparo do professor muito grande para ele estar na presença daquele conto, a gente tem que estar de corpo e alma no conto. O conto da Dona Holla, ele é um conto que lida muito com essa dimensão da morte, da vida, ela cai, desmaia no poço e acorda num campo cheio de flores. Essas coisas dos merecimentos, ela tanto trabalhou, tantos cuidados com a Dona Holla, ajudou os pães, ajudou as maçãs e no final ela ganhou uma chuva de ouro, tem imagens muito fortes. Cocoriqui, a donzela de ouro está aqui. Essa figurinha que é o galo que parece uma bobagem, ele é importante, ele tem uma imagem arquetípica, ele está lidando, o poço, o galo, a chuva de ouro, o grande portal que ia até quase o céu, a macieira, cada um, a Dona Holla que tem os dentes muito brancos e muito grandes, a casa dela na floresta. Tudo isso são elementos arquetípicos muito fortes, cada coisa que está ali é representando um papel muito importante nessa história, e de cunho muito profundo. Então, quando a gente narra essas histórias para as crianças, o ideal mesmo é a gente não mostrar as imagens, porque a gente quer que ela sonhe as imagens próprias. Ela sonha a imagem internamente, cada criança cria o seu próprio poço, isso é muito rico para gente, isso é um esforço, uma habilidade muito importante de ser conquistada, ainda mais no mundo que a gente vive que está tudo pronto. No celular as crianças tem milhões de imagens e nada toca elas profundamente. Então, é essa experiência do Benjamin mesmo sabe, de tudo ser feito lentamente, repetidamente, que a criança vai tecendo essa força vital de imaginar, de agir e tudo apostando nessa vitalidade das crianças, nessa prática das crianças. Isso que acontece com a história, que dura um mês contando a mesma história, a mesma coisa é a roda, aquela roda é composta durante um mês e depois tudo muda também. (Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023)

Como a professora disse, ela busca acolher a novidade que a criança traz, o olhar de maravilhamento, as invenções, a poética que é própria da infância. O compartilhamento de um mundo que já existe, as tradições, a linguagem, a arte que é um direito das crianças. A docente considera seus alunos como seres da novidade, do inédito, mas também como herdeiros de uma tradição no mundo, essas são as duas polaridades que ela procura trabalhar na sala de aula. A infância que aposta cultivar nas crianças é manter o que elas já trazem e não atrapalhar seu olhar está pautado na conservação desse:



Invento, dessa potência poética para que todo esse lugar de [encantamento](#) não se perca, porque se a gente começar a fazer essa ideia de civilizar, de adultizar crianças tão cedo você vai quase atrofiando, sabe, tirando as forças que ela já tem. Então, é uma ideia de deixar essa criança [florescer](#) que já é dela mesmo por isso que o brincar é uma linguagem tão importante nesses tempos da infância que ela atua, com maior autonomia, maior invento, maior escolha. (Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023).



Para docente o brincar livre na infância também é importante, uma vez que é possível dar visibilidade a este âmbito antropológico que é escutar o que as próprias crianças têm a dizer sobre os seus modos de estar no mundo. Então, ela consegue acompanhar a criança, nesse modo dela transitar no mundo a partir dessa abertura de [escuta sensível do que cada criança mostra para ela](#).



A pedagogia dos cortejos na escola traz a escuta dos saberes populares, relacionando-os aos saberes construídos na escola. A instituição tenta trazer as [culturas populares](#) para o centro do currículo de forma a romper com as invisibilidades, com as culturas silenciadas, como a cultura ameríndia, a cultura afro-brasileira e mesmo as

culturas da infância. Há mais de vinte anos essa é uma proposta da escola, uma prática que se torna real na Educação Infantil, quando a pedagogia dos cortejos faz parte do cotidiano das crianças. A professora e coordenadora da escola diz:

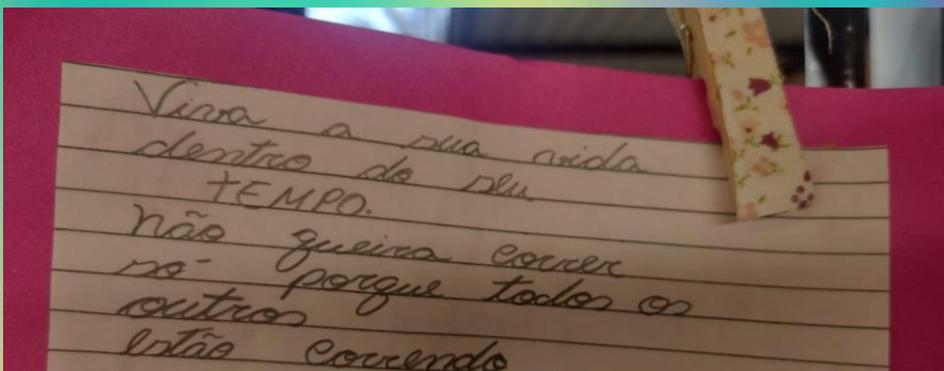
A forma como isso aparece na sala de aula vai variar de acordo com a idade. Na Educação Infantil, trazemos os cantos africanos, a história do Boi Estrela, a festa do congado, eles vão se vestir de reis e rainhas. Então, isso já vai aparecer na Educação Infantil de forma mais lúdica, fantasiosa, mais brincante, mais festiva. Para quando chegar nas séries finais, isso que eles experienciaram no corpo, a alegria pela festa, eles vão começar a entender os fundamentos dessa festa, por exemplo, isso que eu falei do congado acontece com tudo, com os contos populares, com as festas populares, isto está todo o tempo posto no **currículo**. Cada conto de tradição oral que eu conto, quando eu conto Dona Holla, estou trazendo um conto de tradição oral, estou trabalhando com uma tradição da oralidade, que é completamente ligada às comunidades populares, camponesas, agrárias... Quando eu trago a festa dos cortejos, a festa da lanterna, o bumba meu boi, congado, reizados. Tudo isso que está no currículo deles também é pertencente a esse universo de conhecer outras culturas, ou culturas que vem de outros lugares, culturas camponesas, populares, isso também nas cirandas que a gente brinca, nas cantigas. Todo o tempo essas culturas populares, essas múltiplas culturas, porque a gente vai trabalhar culturas africanas, músicas africanas, músicas indígenas, músicas dos povos originários. Então, assim, todo o tempo esses saberes estão permeando o cotidiano das crianças e a própria cultura da infância que foi silenciada por tanto tempo. Então, quando você abre o tempo de uma hora e meia de brincar livre, você está dando uma visibilidade a este âmbito antropológico que é escutar o que as próprias crianças, lá nos seus reinos de infância tem a dizer sobre os seus modos de estar no mundo. (Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023).



EntreCortejos

Os currículos praticados são tecidos nas redes rizomáticas cotidianas, emergem nas múltiplas redes de poderes, saberes e fazeres e suas incertezas, bem como pela indissociabilidade da “teoria” e da “prática. Os currículos praticados são os currículos que professores e alunos ensinam e aprendem no cotidiano escolar, como também o que deixam de aprender, assim trata-se da experiência de *ensinaraprender*. Nas pesquisas cotidianas é muito comum o uso de narrativas, pesquisadores são narradores praticantes que fabricam “a arte de contar histórias” por meio de relatos orais, os participantes também são autores da pesquisa, por isso não é uma pesquisa “sobre” a escola, mas “com” escola. Os currículos praticados estão articulados à formação continuada de professores. Então, as reuniões pedagógicas que preparam os professores para o trabalho de cada cortejo na sala de aula também podem ser consideradas currículos praticados envolvendo outros *espaçostempos* (Ferraço, 2007).

A escola José Calil fabricou e fabrica currículos, cortejos se transformam em currículos praticados que são um ato de resistência ao currículo oficial e imposto. A pedagogia de cortejos na escola assume as crianças e adolescentes como protagonistas e sujeitos da experiência. Uma proposta que possibilita o diálogo, a abertura a escuta das crianças, aos saberes cotidianos e populares, também busca romper com preconceitos de raça, gênero, classe social e religião. Uma pedagogia que reinventa as tradições, resiste ao modelo da cultura escolar canônica, a cada cortejo que acontece na escola como forma de expandir o currículo, trazendo para dentro dele a diversidade da cultura brasileira, especialmente, as culturais socialmente silenciadas, para distanciar-se dos modelos eurocêntricos, assumindo o compromisso político de romper com a lógica colonizadora dentro da escola (Documento da escola, 2020).



Nesta perspectiva, essa proposta está muito associada a revitalização da memória como disse a coordenadora na preparação do Cortejo da Menina da Lanterna:

O que aconteceu esse ano, no ano passado a gente veio de uma pandemia, então tudo isso as crianças saberem a música de cor e depois elas não sabiam mais nada, porque ficaram dois anos sem contato com os cortejos. Agora, para mim foi impressionante, uma alegria, eu estava com a última memória dos ensaios do ano passado que foi revitalizar toda essa memória, né? E agora esse ano no primeiro ensaio que eu fiz aquele dia, já saiu, eles já sabiam as músicas, já sabiam os papéis e agora gente foi percebendo o quanto essa questão do ritual dos cortejos é importante aqui na escola. De repetir sempre as mesmas coisas de cada ano serem as mesmas músicas, isso vai criando um sentido de comunidade mesmo, né? Em nós, assim, era o que tinha no mundo arcaico, no mundo de antigamente, você tinha festas, todo mundo conhecia as mesmas cantigas. Então, era fácil se juntar em comunidade. Você sabe quem é o Be Chul Han, né? O Be Chul Han tem um livro que chama o desaparecimento dos rituais, maravilhoso, ele vai falando como no nosso mundo está perdendo essa dimensão das práticas ritualísticas, sabe. A gente está cada um vivendo seu próprio narciso, cada um querendo postar as suas coisas, tudo é muito rápido, tudo passa tão rápido, nada se repete, nada é profundo, a ideia é essa acordar as ritualísticas mesmo. (Depoimento da Mhina concedido a esta pesquisa em 2023).



EntreCortejos

As práticas ritualísticas compõem com a duração do tempo e da vida. Na escola, os rituais e a repetição geram intensidade, trazem festividade ao tempo. As práticas rituais que mantêm a comunidade unida. Nesta pesquisa, o tempo torna-se uma fabricação de processos narrativos. Repetição e memória são produzidas no mesmo movimento, o que é lembrado é passado e repetido...

O Cortejo da Menina da Lanterna convida a práticas ritualísticas, depois do cortejo em que dão giro ao redor escola, todos colocam a lanterna em volta da fogueira, cantam e dançam músicas fazendo uma grande roda em torno dela. Depois de um tempo é servida uma deliciosa canjica para todos que estão participando do cortejo.



Quando o cortejo estava chegando ao fim, subi até escola para pegar a minha bolsa, encontrei com uma mãe e uma [criança](#). A mãe estava segurando a mão da filha que chorava muito e a mãe falou:

- Para de chorar, criança nenhuma está chorando para não ir embora, você é louca?



Inventar ,produzir,fabricar...

FABRICAÇÃO



FABRICAR A AÇÃO



Fabricação escola

Fabricação acontecimento

Fabricação cortejos

Fabricação diversidade

Fabricação de infâncias.

A importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem com barômetros, etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

(Manoel de Barros)



EntreCortejos (Fabricação...)

“Nós entendemos que as perguntas são que ensinam, as respostas que nos fazem aprender”

(BISPO DOS SANTOS, 2020).

Como foi a sua trajetória acadêmica?

Sou formada em Pedagogia, na graduação participei de um projeto de iniciação científica, logo entrei no mestrado e pesquisei “a fabricação de uma infância em uma sala de aula de Educação Infantil”. Mas, por que no doutorado você quis fazer o mesmo movimento do mestrado? Creio que havia ficado angustiada com aquela pesquisa que era fortemente relacionada à religião católica e ao disciplinamento dos corpos infantis. Muitas vezes eu me perguntava, então como seria uma educação mais livre? Como seria uma educação que promovesse mais abertura, mais expressão aos corpos infantis? Hoje percebo que inicialmente fui movida por falsos problemas, mas até isso tive que compor enquanto fabricava a pesquisa. Como a minha pesquisa não começa pelo início, tive que me desapegar dessas questões iniciais para entrar na pesquisa pelo meio, entre as frestas e rupturas que a escola me mostrava. Neste instante que a porta se abriu... Mas, por que eram falsos problemas? No decorrer da pesquisa fui me perguntando será que existe uma escola ideal? Não estava eu me enveredando por esse caminho? Será que existe uma escola livre ou libertária? Será que existe uma escola encantada? Será que existe uma escola que não disciplina? Será que existe uma escola que não é atravessada pela religião e valores morais? Pois, bem! Nesta pesquisa pude participar de uma escola em variação.

Portas são mudanças e mudanças são uma necessidade perigosa. Portas são revoluções e convunções, incertezas e mistérios, eixos em torno dos quais mundos interiores podem ser girados. São o começo e o fim de toda história verdadeira, as passagens que levam as aventuras e loucuras. Sem portas os mundos ficariam estagnados, calcificados, sem histórias. Espero que você encontre as fendas no mundo e as abra ainda mais para que a luz de outros sóis brilhe através delas; espero que você mantenha o mundo rebelde, bagunçado, cheio de magias estranhas; espero que você atravesse cada porta aberta e conte histórias quando voltar. (As dez mil portas - Alex F. Harrow).



COROAÇÃO DE REIS



CORTEJO DE REIS E RAINHAS DA E.M. JOSÉ CALIL AHOUGI

Data: 25/11, sábado
Horário: 10h
Local: E.M. José Calil
Ahouagi



PEDIMOS A TODOS E TODAS QUE
TRAGAM UM LANCHE A SER
COMPARTILHADO APÓS A
COROACÃO.

Contar e narrar são coisas distintas,

○ Narrador querendo se esconder, sob a figura de alguém
que apenas observa,

○ contador desejando-se como parte do contado ...

○ narrador, o instituído

○ contador, uma instituição....

Narrador tem a ver com show, ensaio, representação ...

○ contador com performance.....

Mas quem conta sempre aumenta um ponto?

Então vamos lá ver o que conto do cortejo contado da Castro
Monteiro

COM EIRA E BEIRA ... Dos alunos da Calil entre realzas do
Congado

Nos dias em que se foi, o único negro de bispado ...

Salve Negro Bispo....

Fabricação seria uma invenção?



As palavras são encarnadas ... o contar é desprendê-la dos
desejos encarnantes ... porque quem conta ... sempre aumenta
um conto, produz, fabrica...

(Reginaldo Brito, componente TRAVESSIA do grupo de pesquisa, em sua
produção escrita junto a leitura desta pesquisa/Escreta Realizada em 2023).

EntreCortejos (Fabricação...)

“Nós entendemos que as perguntas são que ensinam, as respostas que nos fazem aprender”

(BISPO DOS SANTOS, 2020).

Para quê escrever a tese como narrativa dos participantes da escola?

Este modo de escrever foi inspirado a partir do meu encontro com a tese do Carlos Roberto Vianna (2000), uma tese que se constrói como um jogo, que traz essa questão de não seguir modelos rígidos na pesquisa. Uma tese que coloca em evidência as vidas, as circunstâncias, não cabe análises e nem interpretações, porém valoriza a narrativa proporcionado ao leitor o diálogo com o texto, abrindo possibilidade para que ele mesmo faça as suas análises e conclusões. Quando acabei de ler, logo pensei: “gostei dessa ideia, uma tese que não é a pesquisadora que diz “sobre” a escola, mas que coloca em jogo as vozes e ruídos das crianças, das famílias, dos professores, dos coordenadores e diretores”. Nessa perspectiva, seria uma pesquisa “com” a escola e não “sobre” a escola, não se tratava somente do meu olhar, embora fosse escolha minha os recortes que decidiria colocar em movimento. O meu olhar era de fora, um olhar desconhecido sobre as práticas de cortejos, então como pesquisadora também precisava pedir licença para acompanhá-los, entrei com cuidado, mas com o tempo passou a ser de fora e de dentro, porque era pesquisadora e participava daquele cotidiano fabricado junto com os cortejos. A escola me proporcionou o contato e a aproximação com os estudos étnico-raciais e mais uma porta se abriu, abriu uma porta, para uma pesquisadora branca.

Festas que cortejam a infância, a ancestralidade, uma fabricação na escola que é inventada.



FABRICAÇÃO

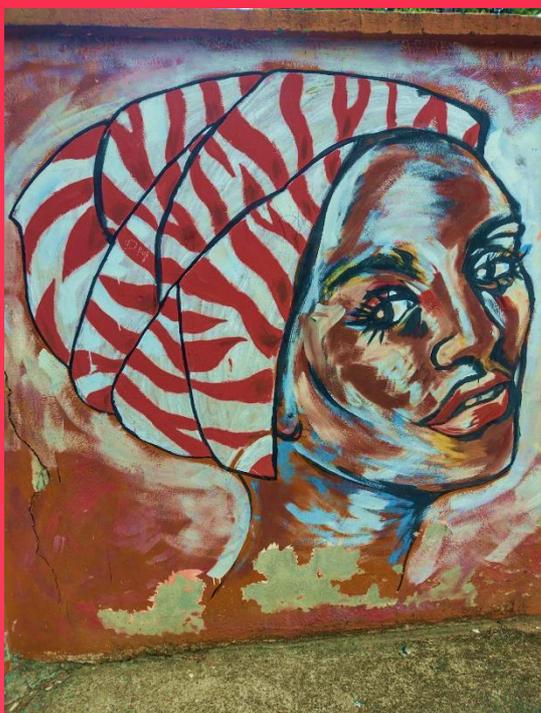
EntreCortejos

Os dispositivos de poder (Foucault, 2008) estabelecem jogos de forças que não são localizáveis, são exercícios que funcionam, que sustentam diferentes tipos de saber e regulamentos. Os dispositivos dão a ver, dão a falar, dão a sentir, organizam modos de existir em um mundo, são: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2008, p.244).

Guattari (1996) discute os processos de subjetivação, como, por exemplo, a articulação entre as religiões, valores, mídia, economia, as quais fabricam realidades sociais e modos de existir e agir em um mundo. A noção de subjetividade rompe com a ideia unificadora do sujeito que é fabricado por um conjunto de situações de ordem extra-individual como: “(sistemas maquinais, econômicos, sociais, tecnológicos, ecológicos etc.) quanto da ordem infrapessoal (sistemas perceptivos, de afetos, de desejos, orgânicos, etc.)” (BARROS, 1994, p.150). Os processos de subjetivação são agenciamentos que atravessam essas duas ordens, fabricando os sujeitos nas redes sociopolíticas, por meio das relações de forças que atravessam o cotidiano de suas vidas.

As crianças do quinto ano, também são as protagonistas da Coroação de Reis na escola, as aulas de história as preparam para este grande dia. A professora diz:

Nós iniciamos o estudo no segundo semestre, a gente faz um movimento de mostrar as grandes civilizações africanas, os processos de diásporas como eles foram dissipados, dizimados, entre os vários países inclusive o Brasil. Depois, a gente traz a congada como uma ressignificação desse processo que foi partido, cortado, né? Enfim, retirado deles, da sua soberania e aí nós estamos no primeiro momento. O primeiro momento é o estudo dos grandes reinos africanos, não dá para gente estudar todos os reinos, porque eles são muito expoentes. Então, a gente



estuda aqueles que tem uma maior relação com a escravização no Brasil (...). No meio desse caminho que é o Reino de Dahomé surgiu esse filme a **Mulher Rei** que é um filme produzido na cultura de Dahomé. Então, eu trouxe para eles também, porque existiram a Agojie que eram as guerreiras de Dahomé. Eles já haviam estudado as guerreiras do Amazonas que é as Icamiabas e a aí aproveitei para mostrar que não era só no Brasil, aqui as indígenas, né? Que vão dar o nome para o Rio Amazonas, para o Estado do Amazonas, como Amazonas. Porque na verdade, elas são as Icamiabas, o colonizador que ao percebê-las dá o nome de Amazonas por serem mulheres guerreiras, sem marido, sem filhos, com a ideia dos calcazos lá na Grécia, ok? Então, eu trago esse elemento para eles da Agojie estudando o Reino de Dahomé junto. O reino também tem um grande braço com o Brasil, porque boa parte

da população escravizada do Brasil vem também de Dahomé. (...) Eu vou trazer nas próximas aulas o movimento que essas pessoas fazem aqui de resistência, dado a um antepassado riquíssimo que eles tinham de onde eles estavam vindo, então não era ninguém do nada para o nada. Era alguém que perdeu muito, porque tinha muito para perder. (Depoimento da Ayana professora de história concedido a esta pesquisa em 2023).

Antes de entrar na questão da escravização no Brasil, a professora faz todo um estudo cultural e de resistência junto com as crianças, conciliados às experimentações dessas histórias. Ela propõe desenhos livres, elaboração de cartazes, atividade oral das histórias contadas. Ao iniciar a leitura da história do **Chico Rei** a professora perguntou para os alunos:



-Vocês estão concentrados?

-Sim!

A leitura se desenrolou a partir de pequenos trechos, a professora pausava a leitura, trazia uma problematização e retomavam de novo.

- Eu quero que vocês imaginem o quintal de uma avó, um quintal cheio de plantas, que também é um espaço de brincadeira de netos...

E continuava contando, em alguns momentos mudava a entonação da voz, quando modificava o personagem:

- Então, até agora ficou claro que eles estavam jogando bola e que a bola acertou um muro de pedra muito antigo. Ao o muro desmoronar eles encontraram um buraco, não sabem absolutamente nada sobre esse buraco, parece ser oco porque eles gritaram e o som ecoou, se o som ecoou é porque ele é?

- Fundo!

- Não é um burquinho raso, né?

- Pois é, será que ele encontrou a mina de ouro mesmo?

Vamos continuar...

- Vocês já ouviram falar na cidade de Ouro Preto?

- Já!

- Eu já fui lá.

- A cidade nos tempos dos portugueses, chamava-se Vila Rica, era uma das cidades do Estado de Minas em que tinham muitas minas de ouro mesmo, tá?

- Tem muito ouro!

- É elas existem, só que não tem muito ouro mais. Aqui vocês podem remeter a uma ideia de como é a cidade de Ouro Preto. Até hoje ela é assim, porque como é uma cidade muito antiga, o casario dela é um casario muito antigo da época do Império. É uma cidade protegida pelo patrimônio para que as casas possam contar parte da história. Então, quando a cidade conta a história nas paredes das suas casas, essas casas são tombadas, protegidas pelo patrimônio histórico. Então, não pode desmanchar, até para pintar tem que ter cuidado para colocar cores que tinham na época. Tá bom? A cidade de Ouro Preto tem essas características até hoje, existe uma Ouro Preto mais velha e uma mais nova.

- Então, a avó estava sentada com ele, enquanto os mais velhos exploravam o buraco para ver se era seguro. Ele estava ali sentado num banquinho se sentindo inconsolado, para entrar no buraco, para saber da história, para saber o que tinha lá dentro e aí avó vem e pergunta para ele se conhecia um tal Chico Rei. Qual foi a resposta?

- Não!

- Como vocês, ele também não conhecia. Então, vamos ver se ela vai contar a história para ele?

- Vovó contou que era um misto de história e lenda. O que significa um misto?

- Misto vem de mistura.

- Isso! É uma mistura, a gente não sabe se isso aconteceu ou não é um misto de lenda, mas também de história, a gente sabe que a cidade existiu que o ouro existiu, mas se o Chico Rei existiu ou não, nós não sabemos, tá?

- O próprio nome Vila Rica, a palavra rica já mostra o quanto essa cidade tinha dinheiro, né? Tanto que até hoje quando a gente vai visitar as igrejas em Ouro Preto é tanto ouro que tem no altar, nas imagens, que a gente fica impressionada com a quantidade de ouro que existia na região. Bom, vamos continuar...

-Se chamava Vila Rica por causa da?

- Mineração.

- Principalmente por causa do?

- Ouro!

- Então, os senhores ricos, donos das minas compravam?

- Escravos.
- Pessoas que se tornavam escravizadas e eram elas que trabalhavam cavando a terra a procura do Ouro. Vocês acham que o dono da mina ia lá cavoucar a terra e ir lá procurar? Será que eles pagavam?
- Não!
- Qual é a característica do trabalho escravizado?
- É tipo assim trabalhar sem ganhar.
- Isso trabalho sem remuneração, eles eram obrigados a trabalharem duro e não recebiam nada em troca, não tinha nenhum... Sim! Eles eram ameaçados de morte se não fizesse o que o patrão estava mandando. Então, havia essa maldade? Sim! Então, os senhores ricos donos das minas compravam escravos que trabalhavam cavando a terra a procura de ouro, certo? Embarcavam em grandes navios com velas de pano grosso, chamados de?
- Naus
- Ou?
- Caravelas
- Então, os navios eram naus, era remos que vocês também estão lembrados disso, chamadas também de caravelas que atravessavam os mares movidos pelos ventos e pelas forças dos próprios escravos que iam remando. Muitos deles morriam pelo caminho pegavam doenças, morriam de cansaço, posso continuar?
- Então, ele era um rei de onde mesmo?
- Do Congo.
- A tribo dele era do Congo, o reino do Congo era outro reino, não existiu o reino de Dahomé? Não existia o reino de Cuxe, Benin, o Congo, era um outro reino cujo Rei Galanga foi escravizado, aprisionado e trazido para o Brasil. Ele perdeu todos os seus parentes, o único que veio junto com ele foi o filho mais velho, chamado Muzinga.
- Então, de Galanga ele passou a ser chamado de Francisco daí o apelido de Chico, percebe de onde vem o Chico, o Chico vem de Francisco nome dado pelos portugueses a ele.
- Por que Chico Rei?
- Porque ele era o rei do ouro.
- Ele era rei, mas não do ouro, Rei do Congo. Como ele era rei e foi batizado por Francisco ele, então, virou Chico Rei. Ele tinha

uma família real, mulheres, filhos que eram príncipes e aí aqui está o reinado dele. Posso continuar?

- Pode!

- Como eles pegavam o ouro? Às vezes pegavam escondido, porque os escravos que eram encontrados com ouro, eles matavam, pegavam escondido. Tanto que a igreja dos escravos também tem ouro é bem menos, mas também tem e aí era crime se eles fossem pegos com ouro morriam. Eles passavam por uma vistoria, né? Onde ficavam os escravos que fugiam?

- Quilombos.

- Muito bem! Chamavam quilombos.

- Alguns escravos que tinham cabelo grande colocavam o ouro no meio do cabelo.

- Isso!

- Pepitas é o nome que a gente dá para as pedrinhas de ouro. O que é carta de alforria?

- Quando eles eram libertados.

- Isso, era um documento que alforriava eles, que dava liberdade e aí o que Chico Rei fez? Ao ir procurando o ouro foi extremamente esperto, né? Ele foi escondendo pepitas de ouro, até ele ter colhido uma quantidade tão grande que comprou a alforria dele, tá?

- Aqui uma imagem para vocês terem ideia dos quilombos.

- Claro, gente! Que o ouro é algo que leva muitos anos para se formar, aí a extração quando ela é muita vai chegar um momento que aquilo vai se esgotar, né? Porque a terra não vai conseguir produzir a mesma proporção. Então, a gente pode dizer que o



grande feito do Chico Rei foi justamente com esse dinheiro ele comprou não só a alforria dele, comprou a alforria do filho.

- Ele comprou a mina, porque ela parou de produzir, o senhor não quis mais. Ele comprou a mina e começou a comprar a alforria, a liberdade daqueles que trabalhavam junto com ele no quilombo, começou a comprar a de todo mundo. Podemos continuar? Está quase acabando, tá?

- Porque naquele tempo, o império era português, era o rei que mandava, o imperador que mandava. A religião católica era a religião dos portugueses, como aqui só tinha é.... Empregados de gentes que eram portugueses, não se podiam ter outra religião, a não ser catolicismo. Então, a religião de matriz africana ela começa a ser condenada, proibida desde essa época, tá? Então, essa ideia de achar que ela é perigosa, macumbeira e que ela faz mal vem desse preconceito que os portugueses deixaram, porque era uma forma que eles tinham de tirar a coragem também dos negros, eram tirar deles as crenças. Então, se eles não tinham essas crenças, eles iriam ficar meio que sem pé e sem chão, tá? Então, era proibido nessa época qualquer tipo de religião de matriz africana, tá bom?

- Vocês já devem ter ouvido falar nos orixás...

- Sim!

- Vocês conhecem alguns dos orixás? Alguns dos Deuses?

- Não!

- Então, eu tenho que trazer para vocês verem... Nunca ouviram falar em Oxóssi, Oxalá, Iemanjá, Oxum, nunca? E aí aqui fala, oh! Como eles eram perseguidos, não poderiam cultuar os Deuses deles tinham que cultuar os santos católicos, mas como eles não queriam todos os santos católicos escolheram alguns santos. Então, vamos ver quais eles escolheram, oh...

- Por exemplo, São Jorge era um guerreiro e eles usaram São Jorge, para representar os orixás que também era guerreiro, o Ogum.

- Oh tia, você já ouviu falar que cada orixá representa, tipo, uma cor...

- Isso, cada um representa uma cor na natureza.

- Eu vou trazer para vocês um texto só dos orixás para vocês conhecerem, vocês querem conhecer os orixás?

- Sim!

- Mas, aí gente o que eles fizeram? Já que a gente não pode, é proibido! A gente não pode adorar os nossos Deuses, a gente vai lá na igreja católica e busca um santo católico. Aquele que vai representar os nossos orixás, uma primeira representação foi São

Jorge, porque São Jorge é o que? Um santo católico, mas ele também é um guerreiro. Então, eles associaram o guerreiro católico, ao guerreiro orixá e aí São Jorge para eles representa Ogum, tá? Santa Bárbara, por exemplo, representa para eles um outro orixá que é muito importante que é o orixá das águas, o orixá Iansã. Já viram falar em Iansã?

- Não!

- Olha como eles foram bem inteligentes, eles estavam lá com a imagem de São Jorge, mas na verdade eles estavam rezando para?

- Ogum.

- Então, aqui o desenho da Igreja de Nossa Senhora do Rosário que é uma santa negra, viu gente? Ela é representada na cor da pele negra. Por isso, que eles escolhem Nossa Senhora do Rosário, por isso que a congada que não é da escola, que a festa deles é religiosa, traz um estandarte a bandeira de **Nossa Senhora do Rosário**.



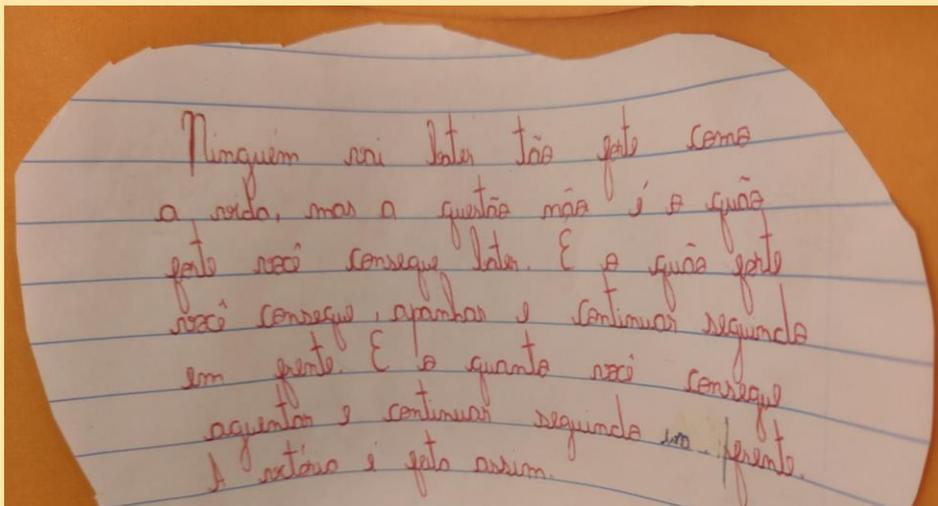
- Existem várias Nossas Senhoras, tá? Podemos continuar?

- Sim!

- O que é resistência? O que é resistir?

- Agu.

- Você lutar muito para conseguir no final.



- Tá! **Lutar para conseguir**, alguém mais traz alguma coisa para falar da palavra resistir?

- O Agu falou a palavra que eu queria para o resistir. Aguentar! O sinônimo de resistir é justamente esse. Quem resiste a alguma coisa, aguenta aquilo e aguenta forte, aguenta firme, porque sabe que vai passar. Sabe que

lá na frente pode ter um retorno, tá bom? Então, a palavra resistência tem a ver com essa coisa do suportar, se cair, levanta! É resistir, é não desistir também, tá?

- Essa história do Chico Rei é um dos sinais de resistência dentro das dificuldades que eles enfrentaram.

- Qual é a mina encardideira?

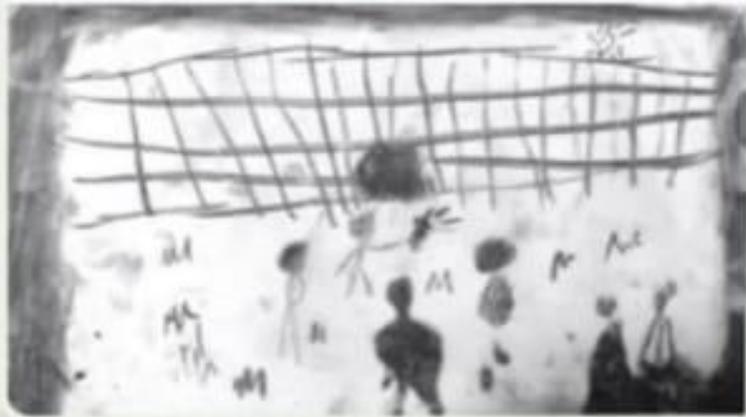
- A mina que ele tinha comprado.

- Muito bem, a que o Chico Rei comprou.

- O narrador da história é quem? O autor do livro, essa história faz parte da infância dele, ele está trazendo para vocês uma história que aconteceu na vida dele. Ele jogando bola no quintal da avó acertou um muro, cujas pedras caíram, descobriu-se uma entrada de uma mina. Ele conta aqui no final do livro que esse golaço que ele fez lá na infância dele, hoje é uma mina estudada, existe em Ouro Preto que tem 80 km ao quadrado, 175 galerias e 3 níveis de profundidade. Fica em Ouro Preto e pode ser visitada.

- Gente, então pessoal, **com essa história do Chico Rei vocês têm condição de me contar a história do Chico Rei? Tem?** Beleza! Eu vou dar para vocês agora meia folha de ofício e vocês vão retratar para mim a parte da história que ficou na memória de vocês. Tá? Quero que vocês parem para pensar agora essa parte, pensa em um momento da história, vocês vão fazer o desenho para mim. Pode ser? Eu vou dar o lápis de carvão para vocês. Vocês não vão fazer um desenho colorido, mas vão fazer um desenho com lápis carvão, tá bom?





E, assim, as crianças iniciaram a **experimentação da história** escutada e conversada juntamente com a professora. Pegaram os papéis, o lápis de carvão, e começaram a experimentar aquela ação de ouvir e comentar a história. Experimentação, experimentar a ação, Experimentação.

Em outra aula de história a professora disse:

- Agora vamos fazer um cartaz a partir dessa história do Chico Rei. Vamos fazer uma construção coletiva, entregarei a vocês pequenos pedaços de papel, para que cada um faça o desenho de um personagem que eu vou falar...

Depois, começaram a montar o cartaz, produziam as bordas, coloriam daqui, coloriam dali. A professora juntou quatro mesas, ela e o alunos ficaram em volta delas, colocou cada desenho dos personagens sobre a mesa e foi apresentando para os alunos:

- Esse é o Galanga, essa aqui é a mulher do Galanga, esse é o Mizunga, esses aqui são os outros escravos que trabalhavam nas minas. Esse aqui é a coroação dele, quando ele é coroadado, tá? Ele era coroadado no navio, vocês lembram disso? Lá na mina, acho esse aqui combina com a mina. Corta aqui em volta para mim [...]. Vamos começar a pensar o início da história, certo? Se a gente pensar no início, daqui para lá, a gente tem o início com as caravelas, né? A gente não fez eles na terra deles sendo capturados, porque a gente está resumindo a história, né? Gente? Então, a nossa história já vai iniciar com eles na caravela. Eu pensei, pois é, esse aí ficou legal, mas eu quero ver

isso com vocês. O Bakari acabou fazendo na caravela vários bonequinhos sendo acorrentados, escravizados, sendo maltratados. Vocês acham que ainda precisam colocar mais algum aqui?

- Sim! Se não vai ficar maior que a caravela, né?

- E isso é uma preocupação que eu tive na hora.

- Tia, não tem aquela hora que os portugueses jogam a mulher e filha na água? A gente podia fazer essa hora, a gente podia fazer o mar aqui rapidinho e elas aqui.

- Tá, tá bom! Acabei fazendo duas pequenininhas aqui que eu fiz no computador² para vocês, porque não tinha menor só se a gente colocasse aqui, tipo assim aí faz um mar aqui. Pode ser gente? Esse galanginha aqui, de repente, eu não sei se ele fica aqui assim, eu não sei né, gente? Vocês vão ter que imaginar também. Vamos ter que usar a imaginação! Mas, vocês concordam da gente fazer o mar aqui e elas sendo jogadas no mar? Que aí o negócio é a gente lembrar, para gente contar a história e aí na hora que a gente for contar a história, a gente vai dizer olha... Vocês vão fazer de conta que essa aqui é uma caravela que a pessoa caiu, aí a pessoa também vai ter que imaginar, né? Posso colocar essa caravela aqui, então, gente?

- Sim!

- Então, Barke passa cola aí para mim nesses dois aqui. Aí o problema aqui é esse: tem um pequenininho aqui que eu cortei? Aqui, oh!

- Porque ele é coroado na caravela, segura esse, passa cola nesse.

- Pode colar aqui, tia?

- Pode!

- Você podia era sentar aqui, nessa cadeira que a Yihana está, que eu puxo o cartaz aqui para você sentar para fazer o mar. Você me dá licença um pouquinho? Faz aqui assim, mas não faz muito para cá não, para colocar outras coisas.

- Onde que a Yihana põe ele sendo coroado no navio? Então, tá!

- Tia, assim está bom? Eu acho que está bom faz assim! Oh! Só para não ficar uma coisa subindo aqui, assim, tá? Isso tem que fazer o mar assim, porque estava uma tempestade, aí Bakari eu

² A professora escaneou o próprio desenho dos alunos em tamanho menor.

acabei tirando esse sol lindo que você colocou aqui, porque estava uma tempestade, tá?

- Yihana, pega um giz de cera, faz uns pontos para cá, olha! De chuva.

- Alguém tem alguma sugestão nesse oceano? Assim, isso, esse é o nosso limite de oceano. Faz uma chuva bem poderosa aí, isso! Trovão! Deu?



- Vocês entenderam gente que isso é uma tempestade? Tá, agora vamos colocar a mulher e a filha sendo jogada ao mar.

- Mas esse é o Mizunga põe ele no navio, aquele ali a gente pode colocar numa casinha, podemos colocar ele perto da mina. Esse não! São da mina. Cadê a filha? Aí ela caiu, certo? Aí gente chegando no continente na cidade de Vila Rica. Atenção, essa é uma parte muito importante, é um pedaço da história. Então, meninas vocês três aqui comigo, nesse cartaz eu vou

colocar a Vila Rica neste pedacinho aqui. Mas, o que vocês não podem entender? Então, eu estou avisando que Vila Rica, Ouro Preto não fica no litoral, vocês estão entendendo? Ele não chegou direto de barco aqui em Vila Rica, tá? Porque senão ele tinha que ter chegado de barco em Juiz de Fora, porque Juiz de Fora está antes de Ouro Preto. Ele chegou no Rio de Janeiro, ok?

- No Rio de Janeiro eles foram transportados ou de carroça, ou vieram andando a pé pela estrada a fora, porque naquela época era, ahan? Então, qual que era o meu medo, ontem eu estava pensando isso, eu vou colocar Vila Rica aqui e talvez para facilitar a compreensão a gente colocar algumas árvores aqui, ou alguma cidade antes. Vocês acham que precisa representar o Rio de Janeiro? O que eu quero que vocês entendam é que o barco, a caravela não chegou em Vila Rica, antiga Ouro Preto. Ele chegou aonde? Rio de Janeiro, tá? Isso ficou claro? Do Rio de Janeiro, eles foram levados de alguns meios ou caminhando até Ouro Preto, tá? Então, cadê aquelas casinhas? A gente agora tem que fazer Ouro Preto. Alguém sugere alguma coisa? Eu quero que vocês se lembrem que essa é uma parte da história e que daqui para lá é outra. Por que Ouro Preto não está na beira do mar... Ficou claro isso? Tá?

- Olha aqui se vocês olharem no mapa de Minas Gerais, eles chegaram no porto no Rio de Janeiro, Ouro Preto gente está nessa altura mais ou menos, oh! Então, não está na beira do mar. Eles

nunca iriam conseguir chegar, porque Minas não é banhado pelo mar e Ouro Preto é Minas Gerias. Tá bom? Então, olha só a gente faz aqui uma... Aí vocês vão entender que isso aqui é uma parte da história e daqui para lá a história começa de um outro lugar.

- Então, agora vocês vão começar a montar Vila Rica e cadê a nossa mina? A gente pode fazer nossa Ouro Preto com umas casinhas.

- Oh, tia! Essa aqui não é a filha, não?

- Ah, a filha que eu estava procurando.

- Ah, a gente podia fazer o padre dando o nome para ele, né? Aqui, o que vocês acham? Pode ser? Não só para ele, mas para os outros escravos também, não é só para ele, não! Um monte de escravos, aí gente vocês vão imaginar...

- A mina, cadê a mina? Ainda tem a igreja a gente pode por lá no canto. Pode colar em cima como ela está pequenininha parece que está lá no alto do morro. O que vocês acham gente? Vamos começar a colocar os outros personagens? Temos que colocar aqui, tem um coroadado grande, mas sabe porque eu não quero pôr aqui, porque ele vai ficar maior que o barco. Mas, pode pôr ele aqui varrendo a rua, a Tayná deu a ideia de fazer uma rua aqui. Mais o que que temos?

- Não, porque nenhuma pessoa dessa época vai estar vestida assim.

- Põe esse pequeno aqui jogado no mar, era uma criança jogada no mar, tem mais aí para jogar no mar?

- Não!

- Vai ficar desse jeito aí?

- Ei já colaram?

- Dá para ser assim gente, assim que vocês querem? Vocês dão conta de contar do jeito que está aí?

- Não! Ao contrário, a gente tem que localizar eles para saber onde vai ficar a estrada. Olha só, a igreja está aqui, aqui não vai descer uma escadinha? Essa aqui a Yihana quer colocar perto da igreja, porque é a santa Nossa Senhora do Rosário que apareceu para eles, esse aqui é trabalhador da mina, né?

- Isso! Pode fazer a rua para cá. Yihana, pega só o lápis e faz só o contorno.



- Pode começar a colar aqui?
- Pode!
- Deixa para colar daqui para lá, porque se colar assim a gente vai perder a noção de espaço, não tira tudo do lugar porque nós não vamos saber onde que põe depois. Passa a cola aqui.
- Adrick não é assim, a gente precisa ter uma certa ordem, por exemplo, aqui precisa ter alguma coisa, não tem? A lá, tem! O Eze vai colar aí, você pode colar depois.
- Deixa só a gente colar lá que você faz a escadaria da igreja. O Bakari deu uma ideia ótima toda igreja antiga tem uma escadaria. Explica para ele o que é uma escadaria.
- Olha aqui, como você colou isso aqui, olha! Tem jeito de ficar assim, pode? O que você fez, passou a cola no único lugar que não precisava, no meio. Não! Só precisa nas beiradas, agora não tem mais jeito de consertar aquilo ali. A gente passa a cola nas beiradas o meio não precisa colar, não!
- Aí gente agora pode colar esse casario aí.
- Ah, mas vocês são tão espertos para isso, né? Eu adoro essa esperteza de vocês para a hora do recreio, ainda vamos terminar de colar isso aqui tem a sala para arrumar. Esse monte de gente que está fazendo fofoca da vida alheia podia era arrumar a sala.
- Eu estou ajudando.
- Eu também!
- Oh, tia um quadradinho assim?
- Não! Assim, oh!
- Esse bonequinho aqui vou fazer ele varrendo a rua.
- Bakari já dá para fazer a escadaria ali?
- Isso, coloca mais uns pequenininhos para descer a escadaria que Bakari vai fazer ali. Aí esse aqui eu vou dar para vocês colarem no caderno, a não ser que vocês colarem ele aqui, oh!
- Gente vamos deixar ele fazer a escadaria do jeito dele? É palpite demais!
- Vai lá Bakari faz a escadaria.

- Vem cá kari para de graça, cara!
- Anda Bakari para de graça mesmo. Isso para de graça! Vem aqui fazer. Ajuda aí gente, arruma a sala que a gente tem que descer e deixar a sala arrumadinha.
- Onde vai ficar a rua? Tem que tomar cuidado, porque já estão colando.
- Acho melhor a gente não fazer a rua, não!
- Vocês não vão fazer rua mais?
- Não vamos fazer rua mais.
- Deu pessoal para acabar?
- Vocês vão colocar mais pessoas aqui?
- Mais? Já está muito cheio.
- É gente já está muito cheio, chega! Me entrega aqui. As minhas tesouras! Olha os vidros de cola ficando para trás...
- Agora vocês podem descer!





Depois que o **cartaz ficou pronto**, a professora o pregou na parede e perguntou:

- **Quem gostaria de contar a história para turma?**

Três meninas levantaram a mão e se direcionaram para frente da sala de aula **e começaram a contar...**



Esse processo de contar a história estava recheado de vergonha, risos, interrupções, esquecimentos, uma **fabricação** das infâncias num cortejo. Tal movimento acontecia em comunidade, porque os colegas da turma também movimentavam suas falas, seja com brincadeiras ou contribuições. Outras histórias também foram contadas, recontadas e conversadas. Às vezes, a professora preparava a sala de aula, outras modificava a organização das cadeiras dos alunos em forma circular, sempre que ouviam uma **história** também a **experimentavam como obra de arte no papel**.



EntreCortejos (Fabricação...)

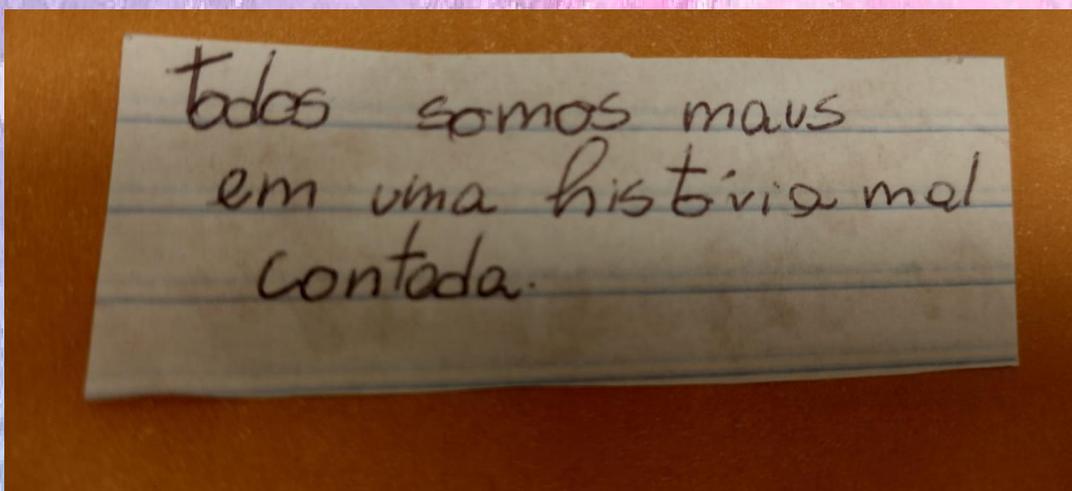
“Nós entendemos que as perguntas são que ensinam, as respostas que nos fazem aprender”

(BISPO DOS SANTOS, 2020).

Quantas versões foram necessárias para se fabricar uma tese?

Cinco versões foram necessárias para fabricar uma tese, mas o que importa são as versões ou o processo? Escrevia coisas sem sentido, sem rumo, depois começava a escrever tudo de novo. Logo, comecei a escrever a história da escola, mas não demorou muito para desconstruí-la. Escrever a história da escola seria o mesmo que ir contra as suas práticas de cortejos, que buscavam desconstruir as histórias hegemônicas, narcisistas e excludentes. Mas será que tudo que eu escrevia era jogado fora mesmo? Será que vivenciar esse processo fabricava uma pesquisadora também? Naquela escola não operava a ideia de uma história única, também poderia ter contando os prêmios que essa escola ganhou e vários outros caminhos, eram muitas possibilidades. Quanto mais eu conhecia a escola, mais pensava o que faria sentido, naquele espaço. Então, um pouco antes de começar a escrever a versão oficial, li um artigo sobre currículo de Thiesen (2012) que trazia a seguinte afirmação: existem pesquisadores que utilizam as escolas como territórios de exploração, sem fazer parte da comunidade, às vezes até omitem os resultados de suas pesquisas. Quando me deparei com esta parte do texto, logo pensei que gostaria de fazer o movimento contrário, fazer parte daquela comunidade, fazer a tese com a escola, seguindo os movimentos da escola. Se na história da escola ela construiu um arquivo de suas práticas, então seria importante para escola fazer uma tese de suas práticas? Mais uma porta se abriu, uma tese de fabricações da escola, deixar no arquivo de práticas, as práticas fabricadas na escola.

A história do Chico Rei e a conversa da professora com os alunos também colocam em xeque, questões e desafios que a escola enfrentou e ainda enfrenta, a partir do trabalho da pedagogia de cortejos. Uma mãe que acompanhou essa transformação pedagógica com os seus filhos mais velhos, ainda segue a escola a partir do seu filho mais novo, trouxe essa questão de tabu e alguns preconceitos com relação a prática pedagógica da escola:



Teve preconceito no ano passado em uma das festas. Eu acho, assim, um pouco, como eu vou dizer, uma falta de respeito, de educação, apesar que cada um tem a sua religião, mas tem que saber respeitar a do próximo. Então, muitas pessoas não tem noção do que eu acho que também afeta, de certa forma, as crianças. Eu acho, assim, a gente é um espelho para eles, uma influência, então, a partir do momento que você tem preconceito com alguma coisa, eles vão reproduzir o que estão vendo. Então, assim, acaba fazendo com que a criança também tenha um certo preconceito com uma coisa que é muito bonita e rica de se ver, de se aprender e de participar[...]. A gente estava na festa do rei e da rainha, na troca da coroa e tem o toque do batoque, aí na multidão aqui, tudo bonitinho, as crianças e o meu cunhado fala assim: “- Ah, isso é toque de macumba toda sexta-feira eu escuto esse toque no portão da minha casa”. Aí uma outra moça que é participante do candomblé ficou chateada com o comentário dele que realmente foi um comentário muito feio e desagradável. Ela ficou tentando explicar que não eram só os macumbeiros que faziam esse toque, que os africanos já faziam desde antes e ele não aceitava, batia o pé que era macumba, porque toda sexta-feira ele escutava esse toque de macumba. Então, assim, é um preconceito muito feio, sabe, não respeitar a cultura dos outros que cada um tem a sua. (Depoimento da mãe de um aluno concedido a esta pesquisa em 2023).



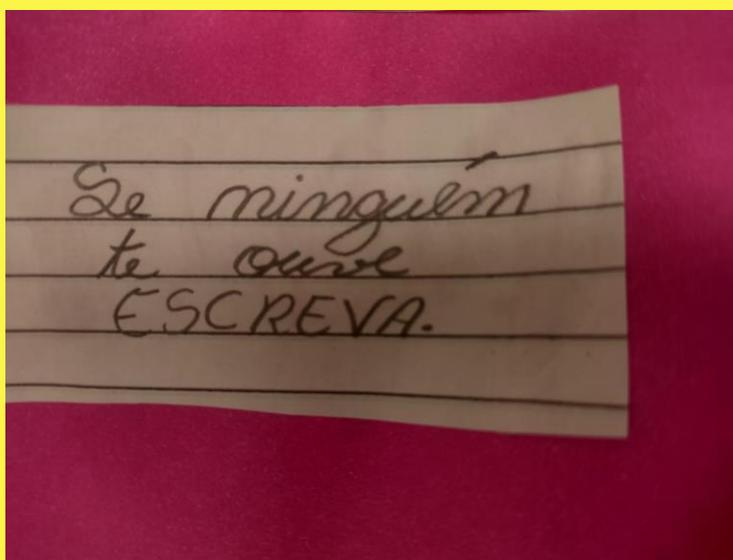
A escola é fabricada pelos acontecimentos que arrastam professores, alunos e famílias, deslocam o tempo, produzem experimentações, frestas e cortejos, uma brincadeira de criança faz emergir o tempo de reinados na escola.



EntreCortejos

O que pode uma criança? “Profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas”. (AGAMBEN, 2007, p.67). Então a criança, ou as crianças da Educação Infantil que brincaram de coroar reis e rainhas também contribuíram com as práticas de profanação da escola. Contar histórias e experimentá-las com o corpo, abriram portas para outros usos e outras histórias... As crianças jogaram, participaram da invenção dos cortejos, devolvendo à educação ao uso comum da comunidade. Assim, o jogo como possibilidade na escola foi capaz de abrir portas para momentos de alegria. CortejAção! Crianças fabricam infâncias.

Assim diz a antiga coordenadora e vice diretora da instituição:



Então, isso é uma história tão longa [...] não só do ponto de vista do tempo, porque a primeira **Coroação de Reis** acontece lá em 2006 e até os dias atuais. Então, ela é longa na questão do tempo, mas ela é longa porque são vários caminhos entrelaçados, né? Então, aquilo que começou antes numa brincadeira de criança que foi isso que aconteceu em 2006, a partir de um livro de literatura se transforma em um evento. Todo ano tem essa coroação e que crianças antes era da Educação Infantil, depois o quarto e quinto ano reivindicaram a coroa para si. Todos podem se candidatar, isso não é, assim, como eu posso falar, quem

pode e quem não pode, todos podem, mas a partir de uma determinada época, a escolha de quem seria o rei ou a rainha passa por uma carta que as crianças escrevem e que ela tem que colocar. É uma carta de intenção, elas tem que colocar nesta carta, aquelas aprendizagens ou aquelas construções que elas fizeram ao longo desses cinco anos de escola. Porque elas estão no quinto ano, quando elas escrevem essa carta sobre a questão da cultura afro brasileira, da relação étnico racial e dos pertencimentos. Então, essas cartas são lidas publicamente, para as crianças do quarto e quinto ano que são elas que elegem, porque tem uma história que muda isso, porque eles reivindicaram em 2011 que fossem o quinto ano. A partir de então, é no quinto ano que o rei é coroado e a rainha é coroada, mas quem vota são as duas turmas quarto e quinto, essas cartas são lidas publicamente e é a consistência da carta e o compromisso daquela criança com a escola que define a escolha. Mas, o coletivo ali que faz a escolha tanto das crianças, quanto dos professores, via de regra tem escolhido crianças afro brasileiras que tem consistência de escrita. Então, as cartas são muito lindas, quando a gente lê essas produções é inacreditável o que essas crianças produzem sobre esse tipo de situação que já acontece na escola há mais de 16 anos. Então, tem todo um trabalho que nós fizemos ao longo aí desde 1999, de formação em torno dessas questões raciais e de identidade, que repercutem na vida das crianças e que elas se tornam capazes de reivindicar para si essa coroa, que diz muito das origens, das relações, das ancestralidades, né? Então, é muito bonito, ler essas cartas, ouvir a fala dessas crianças por meio dessas cartas e perceber como elas estão maduras para fazer essa escolha, valorizando a afro brasilidade. Eu fico muito encantada com o que eu vejo e eu ainda vejo até, hoje... (Depoimento da Marjani concedido a esta pesquisa em 2023).

Na Educação Infantil, no início do dia, a professora começa a cantar:

Dê me cá a sua mão, dê me cá a sua mão
chame logo, chame logo, chame logo o seu irmão... (2x)

À medida que a professora ia cantando, convidava as crianças para entrarem na roda, seja a partir de sinais ou pelo nome. E depois disse:

Minha cabeça ao céu aponta minhas pernas a terra sustenta com os meus dois
olhos eu olho para frente bato a minhas duas mãos alegremente (2x)

Ela falava e gesticulava ao mesmo tempo, apontando para a cabeça e depois para o teto da sala de aula, movimentava os pés duas vezes fortemente ao chão e depois batia

as duas mãos também duas vezes. Em seguida, repetia somente os gestos, mas sem falar uma palavra.



Olha o sol lá no céu de
mansinho vem chegando em luz
Ilumina, o meu dia e de amor
enche o meu coração
Ilumina o meu dia, faz meu
gesto ser paz e gratidão.

Assim, a professora cantava e gesticulava até começar a trazer as músicas do Cortejo Coroação de Reis:

Serenou, serenou
Clariou, clariou
Serenou eeeia clariou (2x)
Olha, o meu senhor, mandou
lhe dizer que a flor da alfazema
cheira bem querer
Eeeia (2x)

Ela já havia colocado no centro da roda uma cesta com capas, cajado, coroas e um chocalho feito de garrafa pet, ia cantando e ao mesmo tempo escolhia as crianças que seriam coroadas na roda.

Depois falou:

Essa história de um reizinho coroadado quem tiver boca, não fale
Quem estiver ouvido, que escute
Essa história veio de longe de um lugar chamado África.

Oeoê eeeia (2x)
Olha a festa está chegando meu Deus
Olha querendo chegar (2x)
Oeoê eeeia (2x)
Olha a festa está chegando meu Deus
Olha querendo chegar (2x)
Olhos negros de angola olha vamos festejar (2x)
Olha a festa está chegando meu Deus
Olha querendo chegar (2x)

Meu senhor e minha senhora prestem já muita atenção quem entra agora no terreiro é o reizinho congo para alegrar o seu coração.

E a criança que já estava com a capa, a coroa de rei e o cajado entrou no meio da roda e ficou girando. Todos começaram a cantar e dançar:

Vosso rei pede uma é de ponta de pé é de calcanhar (2x)
 Onde mora nosso rei é de ponta de pé é de calcanhar.
 Vosso rei pede uma é de ponta de pé é de calcanhar (2x)
 Onde mora nosso rei é de ponta de pé é de calcanhar.
 O seis ande, o dança lelê, o dança e balança o calcanhar. (2x)

Mas o reizinho está triste e falta uma companheira
 E quem falta para completar essa brincadeira?
 A Rainha Conga menina que vem de lá toda faceira.

Da Rainha Conga

Venha ver seu rei que já vai para guerra
 Sá Rainha Conga venha na janela venha ver seu rei que já vai para a guerra.

Ooooooo

E cá está o rei e a rainha de mãos dadas giram na roda que se inicia para celebrar a congada com muita alegria

Mão para trás vamos seguir o senhor capitão.

Senhor capitão pode vir mandar eu vou (2x)
 No palácio da rainha nasceu um pé de fulô tá caindo fulô (2x)
 Tá no céu está na terra rei tá caindo fulô (2x)
 Lá na rua de baixo lá fundo da oca (2x)
 Se a polícia me prende olelê se a rainha me solta (2x)

Viva! O Rei do Congo!

Viva a Rainha Conga!

E viva o tocador...

Cruzou a perna as canções de África agora...

Vamos cantar a música de despedida?

Se as águas não me levar tamborim
 Se a terra não me comer tamborim
 Ai, ai, ai tamborim...
 Para o ano eu vou voltar tamborim (2x)
 Adeus povo bom. Adeus!
 Adeus povo bom que eu já vou embora
 Pelas águas do mar eu vim
 Pelas águas do mar eu vou embora... (2x)



Em um dia nublado, a turma do quinto ano estava realizando uma dinâmica que deveria ser feita ao ar livre, a professora organizou as cadeiras em círculo e colocou um galho de árvore bem grande no meio da sala de aula. Essa dinâmica faz uma travessia, momento de um processo **entre**, a árvore do esquecimento fazia parte da mobilização para a escrita das cartas.



EntreCortejos

O “entre”: partir sempre do meio, estar sempre no meio, não possuir início e nem fim, estar sempre “entre”. Uma trama de conjunção “e... e... e...” que desenraiza o verbo “ser”. O movimento do “e... e... e...”:

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 48).

EntreCortejos: lugar do corte, do fazer fugir, da transgressão, de lançar questões, de fazer dobras entre as maquinarias que estão instaladas nos cortejos e nas fabricações das infâncias. A serviço de que fabricação da infância esse cortejo se coloca?

E a professora diz:

- Agora vamos fazer uma dinâmica, antes de serem retirados da terra natal e trazidos ao processo de escravização tem uma travessia, que é o momento que eles são desgarrados de seus locais de origem e as culturas. As histórias contam que esse era um momento acompanhado por um ritual que era o ritual da árvore do esquecimento. Os grandes portos, por exemplo, o

porto da mina que eram um dos maiores portos negreiros no Brasil, existiu um baobá e todos os negros passavam em volta desse baobá, na tentativa de fazê-los perder, esquecer, de um esquecimento das suas origens, nome, parentes, cultura, religiosidade, língua. Então, é feito isso, aí em seguida eles eram embarcados e esse momento da travessia eram movimentos muito dolorosos para eles, porque a própria travessia já era um livramento, porque quem consegue chegar ao Brasil e ainda mais se tornar escravizado, não era um movimento fácil. Gente vocês **lembram** da história da Dandara em que narra o movimento dessa passagem?



- Sim!

- Nós vamos tentar fazer o mesmo aqui. Vamos passar em volta da **árvore**, tentar esquecer quem somos, a partir dessas voltas também vamos tentar deixar a nossa bagagem aqui. Depois de darmos essas voltas vamos escrever em um papelzinho os nossos sentimentos e pregar na árvore.



**“DAR VEZ E VOZ ÀQUELAS
CRIANÇAS”**

(MEDEIROS, 2001, P.17)

Outro movimento, para a mobilização da escrita das cartas e da votação das mesmas foi a roda de conversa, que a coordenadora da escola realizou com as turmas do 4º e



5º ano. Ela subiu para a sala de aula com o violão na mão, pediu a ajuda de algumas crianças, uma para levar a bandeira e a outra para levar a caixa de memórias da Coroação de Reis na escola. Nessa roda, a coordenadora levantou a seguinte questão:

Como podemos pensar a Coroação de Reis
e Rainhas em uma escola pública?

Por meio dessas problematizações, vários disparos foram lançados em conjunto com os cantos, objetos e imagens presentes na caixa de memórias. A coordenadora e a professora foram costurando, trazendo a fabricação da Coroação de Reis na escola, a partir do encontro com as raízes ancestrais e do povo brasileiro. Contaram também como isso vem se repetindo ao longo dos anos. A coordenadora disse:

-Gente! Quem pode ser rei e rainha aqui na escola?



EntreCortejos

A escola com sua prática de produção de cortejos parece fabricar um ambiente favorável ao processo do tornar-se negro. Ela corteja, resiste, ensina, empodera, fortalece a autoestima das crianças, contribuindo com a construção da identidade negra por meio do discurso de si ou escrita de si. As cartas de Reis e Rainhas também poderiam ser consideradas como um ato político, de descolinização do “eu” e do amor a si mesmo. “Tornar-se negro/a, processo individual e coletivo, supõe um refazimento de ideais, de identidades e de negritudes, que permitam ao/à negro/a se desvencilhar do olhar aprisionador e reificador do outro, do discurso racista e sua introjeção pela sua própria estrutura psíquica” (NASCIUTTI,2023, p.23).

CARTA DA RAINHA

Escola Municipal José Calil Ahouagi

Juiz de fora, 13 de novembro de 2023.

Queridos alunos, professores e funcionários da José Calil.

Meu nome é Bashira, eu sou aluna do 5º ano. Sou de uma família negra e gostaria de me candidatar como rainha do cortejo de Reis e Rainhas da escola.

Eu moro no bairro Marilândia desde pequena e todos da minha família são negros. Eu sempre gostei da “congada”. Ver a escola toda dançando, cantando e o tambor vibrando me faz bem.

Meu sonho é ser rainha, estou na escola a 5 anos e eu gostaria muito de ser a Rainha esse ano. Peça carinhosamente o seu voto.

Peça a vocês que votem em mim, pois vou representar a escola toda.

Obrigada!

Bashira

CARTA DO REI

Escola Municipal José Calil Ahouagi

Juiz de fora, 13 de novembro de 2023.

Olá!

Meu nome é Harif. Tenho 10 anos e já estou na escola a mais de 7 anos, desde o primeiro período. A minha pele é negra e eu puxei muito a minha mãe. Todos os meus irmãos não tem a pele negra igual a minha mãe, meu pai, vó e avô.

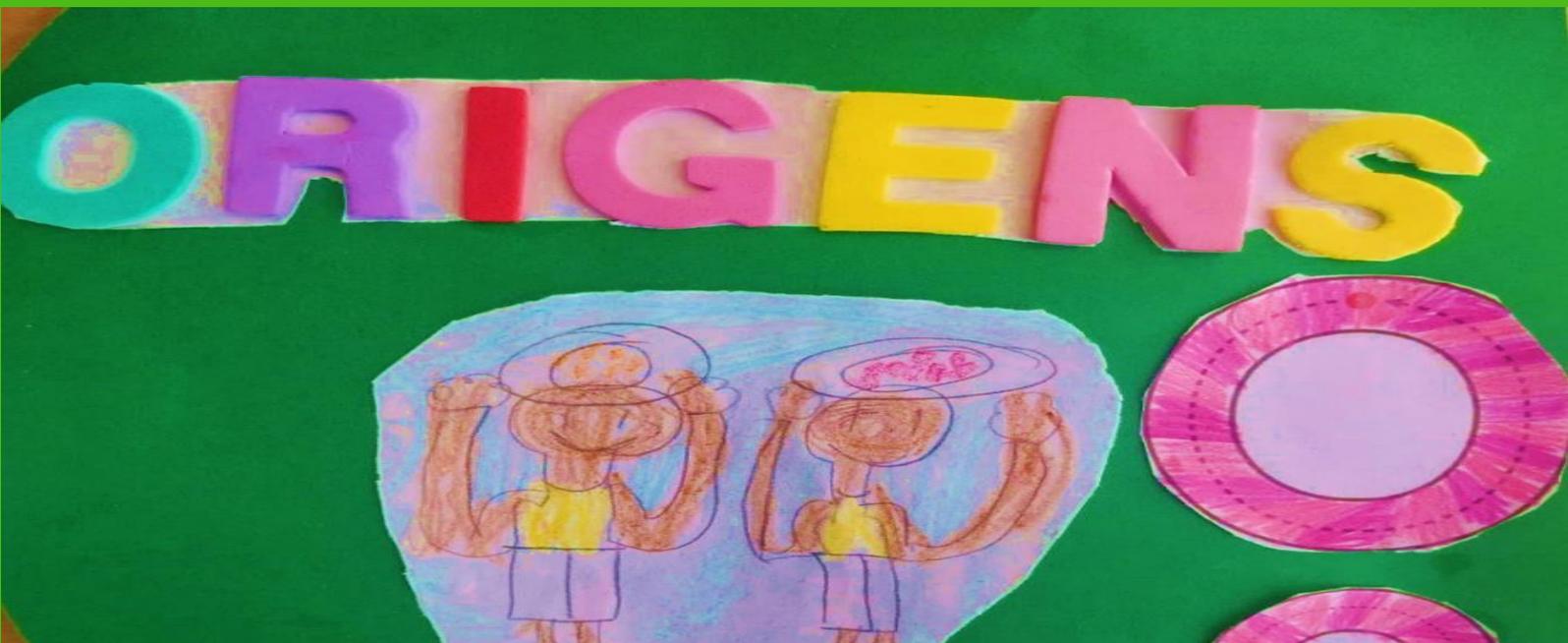
A minha candidatura a Rei seria muito importante para mim e meus familiares.

Minha avó me disse que suas ancestrais eram agojies, mulheres guerreiras do Dahome. Elas batalharam muito para chegar aqui. Infelizmente a minha avó já se foi.

Peça o seu voto pela minha história e escrita

Harif

Uma roda que faz emergir um movimento de uma escola por meio de um cortejo, entrelaçando-se também a história de vida das crianças e suas famílias. E uma delas diz:



- Tia! Minha mãe era negra, minha avó também e a minha bisavó Mandisa já tinha coroadado as crianças e era uma benzedeira importante.

Aos poucos foram conversando sobre a importância de buscarem suas origens e coordenadora aproveitou para mostrar a bandeira da escola:

- A gente não tem a santa que a escola é laica, não pode ser uma festa de devoção, de fé, mas ela é uma festa de fortalecimento, resistência, de histórias e memórias vindas da África.

Após cantarem algumas músicas a coordenadora pergunta:

- Que palavra podem trazer para simbolizar essa discussão?
- Pertencimento!
- Resistência!
- Força!
- Beleza!

Nos quartos anos a roda foi assim:



- Eu vim contar um pouco para vocês o que é a festa na escola, porque a festa está chegando tem gente que ainda não sabe. Você sabe?

- A festa tem muita música e tem a Coroação de Reis na escola.

- Como chama essa festa?

- Eu sei. Congada!

- Dança guerreira.

- Tem comida!

- O Daktari disse sobre a dança com os paus... Alguém sabe o nome disso?

- É uma dança guerreira!

- Capoeira.

- É uma dança guerreira. O que vocês estão ensaiando com o Enam chama-se maculelê, então no dia da festa, para abrir a festa que estiver no maculelê vai entrar com o canto do maculelê.

- Vai ter salgadinho?

- Depois eu vou chegar nessa parte aí.

- O maculelê é uma festa, uma dança, uma luta que veio lá da África. Então, essa festa que a gente faz é uma festa que ela veio de África de uma certa forma, né? Uma festa que a gente vai coroar, que a gente vai dançar, que a gente vai cantar. Vocês sabem que essa festa que a gente faz ela parece muito com a congada, vocês já ouviram falar disso, né?

- Essa escola é laica, tia!

- Olha, ele até usou uma palavra difícil.

- Ela não é religiosa! Não pode ter santo. Não pode fazer festa para Nossa Senhora do Rosário.

- Gente, isso! Essa é uma escola laica. Vocês estão sabendo muita coisa. O que é uma escola laica? Então, a nossa festa também é laica, né? Não tem religião.

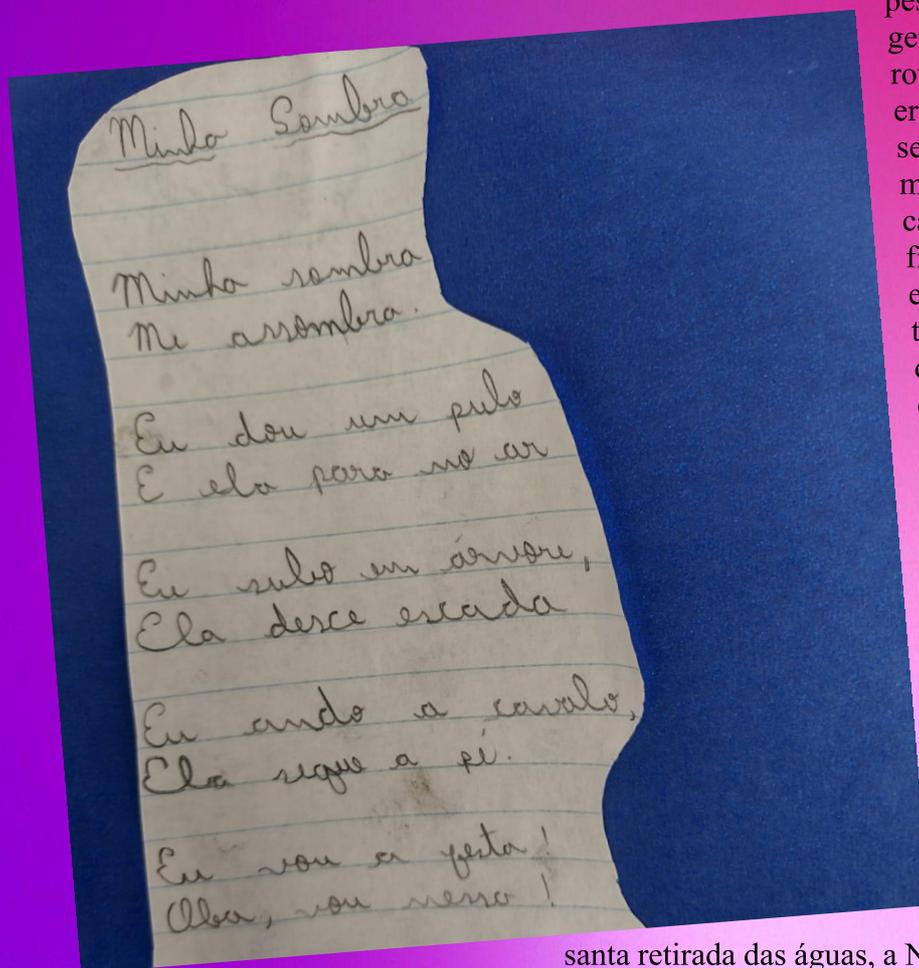
- Nathifa você contou a história da congada para eles esses dias? Ah, a tia Nathifa contou a história de quando o povo africano veio para cá, aqui no Brasil a gente tinha os povos indígenas. O povo Português chegou aqui para conquistar a terra, para dominar essa terra, vocês estão sabendo de tudo. E aí como eles não gostavam de trabalhar e precisavam de gente para trabalhar para eles, eles foram buscar o povo negro lá em África, né? Os africanos eles não queriam vir para cá, vocês sabiam disso, né? Ninguém queria vir para cá, eles eram felizes lá, eles eram reis, rainhas, eram nobres, tinham suas vidas, suas famílias. Um dia, chegou os navios com as pessoas brancas, eles agarraram essas pessoas aprisionaram, maltrataram, mandaram essas pessoas girar em volta de uma árvore que era uma baobá. Era uma árvore para eles esquecerem que eles eram reis, que eram rainhas, para esquecerem os seus próprios nomes e suas próprias histórias. E aí eles foram colocados no navio.

- Tia, **no navio** o ambiente era muito abafado.

- E tinha gente que fazia as necessidades lá e tinha um fedô.



- Olha era horrível, lá dentro muitas pessoas adoeciam e morriam, né? Ou eram jogados no mar. Quando chegavam aqui uma das forças maiores que tinham as pessoas negras, africanas eram os seus cabelos. Quando eles chegavam aqui todos tinham a cabeça raspada. Que o cabelo também marcava de que lugares eles eram, de que origem eles eram, de que aldeia, que língua eles falavam. Cortava o cabelo deles, deixavam eles com pouca roupa, essas



peças eram compradas igual a gente vende uma bolsa, uma roupa e aí chegavam aqui e eram vendidos, eles eram separados. O pai separava a mãe, que separava do filho e cada um ia para um lugar e eles ficavam muito tristes. Só que eles tinham que trabalhar, tinham que sofrer, trabalhava de manhã até de noite sem comer direito, sem receber nenhum dinheiro. Só que eles inventaram uma forma deles não esquecerem quem eles eram, inventaram uma forma porque eles eram reis, rainhas, princesas, eles inventaram as festas. Inventaram as danças, a capoeira é uma dessas invenções, mas a congada, aí eles inventaram essa festa que se chamava congada. É uma festa que traz as histórias, traz essa

santa retirada das águas, a Nossa Senhora do Rosário que ela tem um nome lá na África chamada de Unganda Derederê. Na língua dos povos banto que mora na África significa senhora que mora nas águas.

- Quando os negros fizeram a casinha para Nossa Senhora ela saiu de lá? Nunca mais, né? A Nossa Senhora do Rosário ela não é branca, ela é preta, mas ela foi trazida pelos portugueses, rainha do povo negro. Como disse o Dawit a santa nunca mais saiu dali, né? A Nossa Senhora do Rosário por isso essa é a festa do congado. Só que a gente aqui na escola não faz assim, a gente não pode trazer a santa aqui para a escola, porque cada um tem a sua religião. E aí a gente inventou um jeito de fazer essa festa, já que o Cleon falou, nós vamos cantar uma música que canta também uma língua africana...

- Oh, mina tererê... Mizaina saiô, saiô...

- Olha só, aí com essa canção a gente abre a festa, eu vou contar como é que essa festa começou aqui nessa escola, eu vou abrir uma caixa que está aqui guardada a dezoito anos. Toda vez que a tia Mhina traz essa caixa, a tia Mhina vai mostrar uma coisa que é um tesouro que a gente tem, que a gente começou a fazer a primeira vez que a gente fez a festa aqui na escola.

- Eu não lembro, não!

- Você não existia aqui nessa época.

- A tia Mhina vai falar baixinho se vocês não sabem ouvir...

- Cala a boca!

- Não é cala a boca, não fala assim, fala faz silencio, por favor! E olha só essa festa começou com esse livro aqui, que é um livro muito importante, a gente não tinha essa festa aqui na escola. Ela começou com uma rodinha pequeninha, uma brincadeira de roda lá com os pequeninhos de 4 e 5 anos. Aí, a tia Mhina era a professora deles, eu contei essa história do Reizinho do Congo que conta a história de um reizinho lá da África, de uma rainha menina que também veio de África. Eles vieram nesse navio aqui, atravessando o mar foi uma travessia muito doída e muito sofrida. Acontece que a gente estava contando essas histórias, tinha uma menina nessa sala que ela chamava Jahzara, essa menina tinha um cabelo igual essa menina e ela quis ser princesa e a Jahzara é igualzinha ela. Olha só, todas as salas sabem ouvir é chato falar para quem não sabe ouvir, né? Aqui foram as primeiras crianças dessa escola que brincaram dessa festa, aqui está a Jahzara, olha! Foi a primeira Rainha Conga dessa escola e ela achou que era tão parecida com a rainha, que eles queriam brincar todo dia de ser rei e de ser rainha, aí eles começaram a desenhar o rei e rainha. Depois, eles quiseram fazer também um bonequinho, eles ajudaram a tia Mhina fazer a Rainha Conga e o Reizinho do Congo.

- Isso tudo aí é antigo?

- Muito antigo.

- A tia Mhina nessa época devia ser até nova, né? Tia?

- Eu era até nova, aí olha só, eles cantavam muitas músicas e essas músicas que a gente cantava naquela época ficaram guardadas aqui dentro. Quem sabe o que é isso?

- Pen drive.

- Porta fotos.

- Fita, tia!

- Uma fita que hoje em dia...

- Eu posso ver?

- Olha, [rodava](#) num gravador antigo.

- A gente não consegue mais ouvir, porque aqui a gente não tem um gravador, aqui dentro estão guardadas todas as vozes daquelas crianças, Afram, Ajala. Todas as vozes das crianças estão guardadas aqui.

- Até da Jahzara?

- Até da Jahzara, para gente não esquecer, aqui tem uma coisa muito importante, aqui dentro do chaveiro tem uma foto pequenininha, olha. Esse moço foi o primeiro rei da escola, ele tinha cinco anos, esse menino chamava Gakere e pai dele também chamava Gakere. O pai dele ficou tão emocionado, o dia que viu que ele foi coroado o rei, mandou fazer um chaveiro para ele nunca esquecer que um dia o filho dele tinha sido rei dessa escola. Eu vou mostrar para vocês uma foto dele hoje.

- Ele morreu?

- Não! Esse menino que está no chaveiro, ele está aqui vou mostrar uma coisa para vocês que ninguém viu ainda, só vocês. Olha só, a tia Mhina vai mostrar para vocês uma coisa que acabou de ficar pronta, conta a história dessa festa. A tia Mhina e a tia Marjani, conta uma história junto, a gente conseguiu escrever um livro que conta as histórias de vocês que vai para outras cidades e lugares contando as histórias de vocês. Na capa desse livro, tem uma foto do nosso último Rei que foi o Wendrick, o rei coroado no ano passado.

- Sim, eu me lembro tem até uma foto dele lá embaixo.





- E que dia vai ser isso?

- Calma, lá no quinto ano eles já estão se preparando, já tem duas meninas ou três que vão ser candidatas a rainha e tem três meninos candidatos rei. Quando chega no quinto ano é que pode ser rei e rainha. Se vocês souberem as histórias do congado, se vocês souberem o porquê a gente faz essa festa, vocês vão poder ser reis. Tudo que a tia Nathifa conta, que a tia Ayana conta, se vocês souberem sobre a história de África, se vocês souberem tudo isso, vocês vão poder se candidatar.

- Tia!

- Escuta meu Deus do céu! E aí saber disso tudo é importante, tá bom? Uma coisa importante para ser rei e rainha, como é uma festa de coroação, ela veio da África nasceu para ser uma festa de resistência. Uma festa para eles não esquecerem que eram reis e rainhas, uma festa das memórias, das histórias, né? Então, a criança que vai ser coroada a rei, ela tem que ser negra, precisa trazer na cor da pele dela a marca que tem um antepassado de África.

- Então tem chance de eu não ser rei?

- Clevon é um pouco difícil de você ser rei, porque a sua pele é bem branquinha, mas você pode ter outros papéis na festa. Aqui na sala olha só, vamos ver quem traz a cor da pele, a cor da negritude.

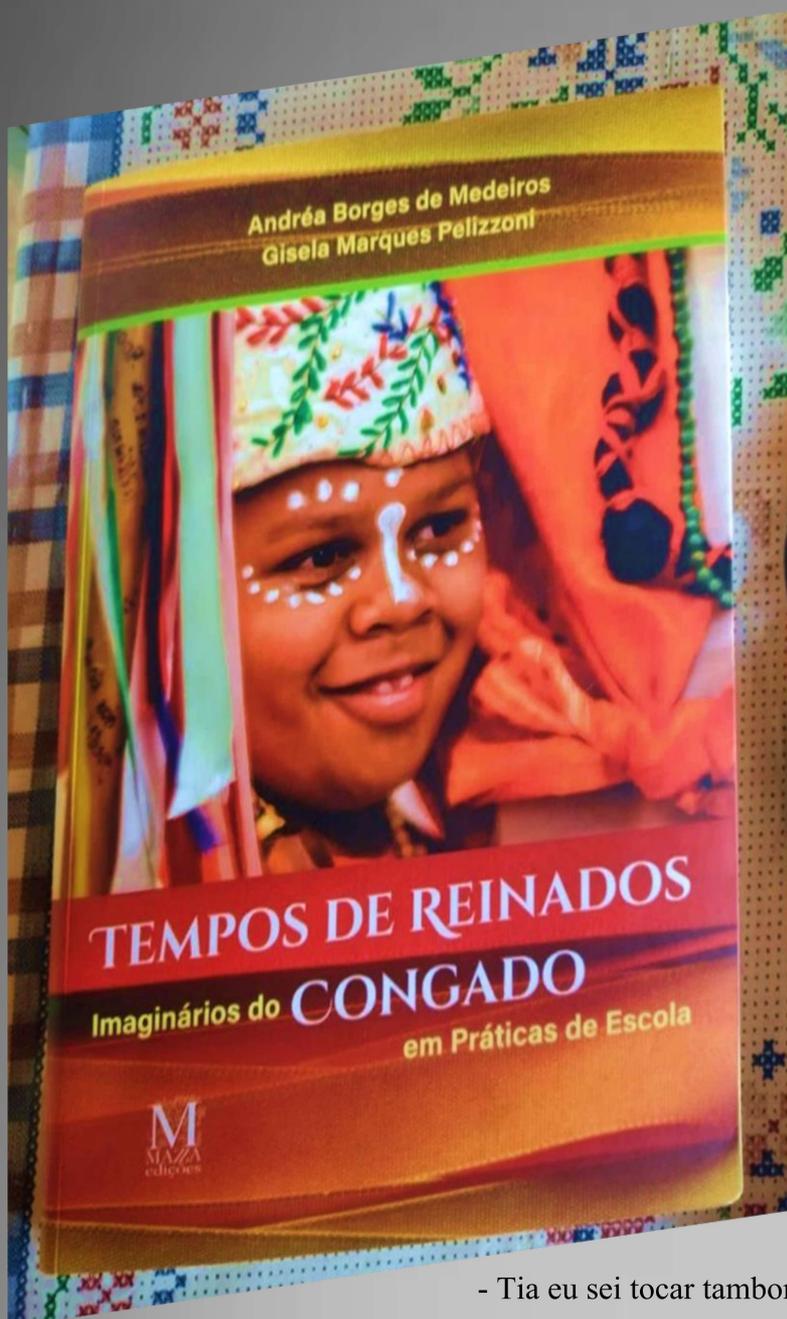
- Você acha que você traz?

-Você traz?

-Você acha que você traz?

- Não!

- Tia, a minha é...
- Você acha que você é?
- Oh, Bomani você acha?
- Acha que sim, né?
- Você acha? Escuta, deixa ele falar...
- Você acha que você traz a pele negra? Não, né?
- Você?



- Você?

- E você acha? Quando o quarto ano B for para o quinto ano tem vários meninos e meninas aqui que podem ser bons reis e boas rainhas. Escuta! Só pode ser rei no quinto ano, então vocês não vão poder se candidatar rei, mas agora vocês vão votar. Como é que eles estão fazendo? O quinto ano está escrevendo carta, cada menino e cada menina está escrevendo uma carta lá e dizendo assim: eu quero ser rei por isso e por isso, eu quero ser rainha por isso e por isso. A pessoa que escrever a carta mais bonita, mais emocionante, mais legal. A tia Nathifa vai ler, você tem aula com eles Nathifa? Quinta feira, a Nathifa vai ler todas as cartas do rei e da rainha, vocês vão receber as cédulas e só vai poder votar Nathifa quem for votar com consciência, tá?

- Aí olha só, depois que a gente passa pelo quinto ano, a gente vai para o sexto, sétimo, oitavo e nono e fica grande. Aí é só no sexto ano que vocês têm direito de tocar o tambor, só vai tocar o tambor quem presta a atenção nas aulas. O tambor não é para qualquer criança tocar é um instrumento que precisa ter consciência.

- Tia eu sei tocar tambor.

- No sexto ano, a professora Luena vai convidar para tocar com vocês, aquelas crianças que sabem bastante coisa sobre a congada e sobre o cortejo, tá bom? Agora deixa eu mostrar uma coisa para vocês. Nesse livro aqui tem o Wendrick na capa, olha deixa eu mostrar aqui, olha essa aqui é a nossa bandeira, a nossa bandeira tem Nossa Senhora na frente?

- Não!

- É uma pomba branca. O que será que significa uma pomba branca?

- Liberdade.

- Olha deixa eu perguntar para cada um... Então, quando o Daktari olha para essa pomba branca na bandeira, a bandeira ninguém pode passar na frente da bandeira. Então, a gente não pode ter a Nossa Senhora na bandeira como disse o Daktari, a nossa escola é laica. Quando ele olha para essa bandeira com a pomba branca o coração dele vê a imagem de liberdade.

- Erasto para você vem o que?

- Paz!

- O que você vê Felizardo?

- **Alegria!**

- Amizade!

- O que você pensa?

- Um símbolo de paz.

- E você?

- Amor!

- Gente quanta coisa bonita vocês estão falando e você o que você acha Daktari? Pode ir pensando... Oh, Bomani o que você vê quando olha para essa pomba?

- Uma vida.

- Uma vida... Que coisa bonita que você falou! E você Beatriz? E você o que você acha?

- Liberdade!



- Carinho.

- Paz!

- Calma!

- Harmonia!

- E você?

- Paz!

- O Daktari falou uma coisa tão bonita, tia Mhina quando eu vejo essa pomba eu vejo amor pela sua terra de origem, ou seja, os africanos quando chegaram aqui que foram arrancados da sua terra natal, traziam eles para trabalharem aqui, para serem escravizados. Eles tinham saudade da sua terra natal? Não tinha?

- Tinha!

- Vocês acham que ele tinha saudade da África?

- Sim!

- Olha, escuta, o Daktari falou que essa bandeira significa saudade da sua terra natal. Olha aqui esse reizinho, aqui é Kambami lá do quinto ano que vai ser candidato a rei, ele era pequenininho tinha 4 anos de idade. Olha a guarda aqui na foto, vocês vão poder colocar o capacete e a capa. Vocês não estão prestando a atenção, participando... Olha o Gakere, esse aqui do chaveirinho, aqui o Gakere tinha 5 anos e aqui a Jahzara e a Aina que era outra rainha. Olha só agora eu vou mostrar, como esse Gakere era pequenininho.

- Deixa eu ver o Gakere!

- Como ele está hoje. Olha o Gakere, hoje!

- Caraca!

- Ele hoje, escuta, ele hoje é um professor de Educação Física e ele vem aqui vai ajudar na nossa festa com a coroa dele, ele que vai coroar o novo rei. E aqui é a última foto, esse livro tem muitas fotografias, escuta, aqui está o Jafari que foi o nosso rei a muito tempo atrás e aqui está o Wendrick abraçado com ele. Foi na hora que o Jafari tirou a coroa dele e passou para a cabeça do Wendrick. No sábado, o Wendrick vai tirar a coroa dele, vai passar para o novo rei que está lá no quinto ano e no ano de 2025, a rainha e o rei daquela sala vai tirar a coroa deles e vai passar

para um menino e uma menina que tem comprometimento, que está prestando a atenção, sabe o significado das coisas e dessa festa.

- Aí a gente viu nas fotos da guarda que a maior parte eram os meninos, a senhora me contou uma vez, quando surgiu a ideia de as meninas participarem da guarda. A senhora poderia contar para eles, porque eu não soube explicar muito bem.

- Para ser capitão de guarda, seria os meninos, mas uma menina falou eu quero ser capitã.

- Foi a partir de um filme que eu tinha passado para ela da Nazunga, ela disse que queria ser guerreira como a Nazunga, então dali várias crianças puderam ser capitãs. Esse ano, por exemplo, tem duas meninas do quinto ano que estão lá brigando para ser a capitã de guarda. A nossa antiga capitã de guarda que está no sexto ano vai passar a espada para as meninas.

-Aqui na mão desse **rei** vocês estão vendo que ele está segurando um **cajado?** É um pedaço de pau que tem umas fitas, esse aqui é um símbolo de poder, nesse cajado tem o nome de cada rei escrito com uma caneta de fogo que a pontinha dela solta um pouquinho de fogo. Ela consegue gravar o nome para sempre do rei e de uma rainha, nessa madeira aqui, está o nome de cada rei e de cada rainha que passaram nessa escola. Nunca vão sair esses nomes daqui, quando vocês forem velhinhos e vierem aqui na escola, esses nomes vão estar aqui. Se um de vocês forem rei e rainha esse nome vai estar aqui para quê? Para que ninguém esqueça que vocês foram reis ou rainhas dessa escola.



EntreCortejos

Enquanto se referem a um mesmo objeto que deve passar do profano ao sagrado e do sagrado ao profano, tais operações devem prestar contas, cada vez, a algo parecido com um resíduo de profanidade em toda coisa consagrada e a uma sobra de sacralidade presente em todo objeto profanado (AGAMBEN, 2007, p.61).

O cajado na escola parece assumir um uso específico e não consumista. O cajado pensado enquanto um dos objetos principais do Cortejo de Reis fabrica uma relação de profanação do sagrado, quando modifica as relações de poder, como, por exemplo, quando a escola cria a comunidade, mas ao mesmo tempo o cajado também se configura como símbolo de poder. O cajado pode profanar a sacralidade do rei? Interessante também relatar que os candidatos a rei e rainha entram junto com eles como uma comitiva, todos participam do processo na mesma condição, embora somente o rei ou rainha sejam coroados. Ainda que a princípio haja uma competição de votação das cartas, cria-se modos das crianças entrarem junto com o rei, por exemplo, o candidato loiro dos olhos azuis entra com a foto do avô sambista em mãos. Seria esse movimento também uma profanação? Esse acontecimento poderia ser considerado como inflexões do poder? O papel do rei na escola, não recebe tanto destaque ao longo do ano ou mesmo em outros cortejos, não ocupa um papel cotidiano como rei. A escolha das cartas ocorre como uma sedução, não se baseia em um mérito anterior e nem tem a ver com os atributos clássicos da escola, somente as crianças pretas podem concorrer. Portanto, a carta para a candidatura de reis e rainhas também pode profanar a meritocracia que é sagrada na escola?



- Nas congadas originais, as mulheres não podem participar até hoje, só os homens, mas na nossa história, aos pouquinhos, né?

- Nossa, imagina o que ser rei é...

- O Wendrick nem estuda mais nessa escola.

- Por quê?

- Por que ele saiu, mas ninguém vai esquecer que ele foi rei desta escola nunca mais, porque **no cajado tem o nome dele.**

- E cadê o cajado dele?

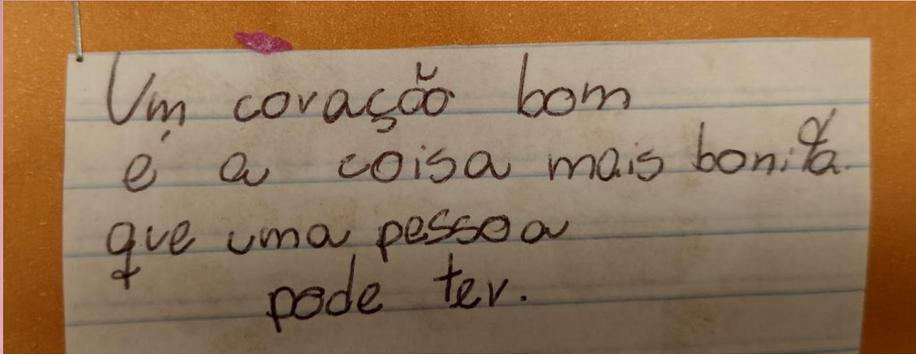
- O cajado está com a tia Marjani, porque ela levou para casa, porque ela que tem essa caneta de fogo para escrever o nome dele.

- Tia, só os negros podem ser guardas?

- Os negros só podem ser reis, para ser rei ou rainha, eles precisam ser negros. Agora para ser da guarda Eric qualquer cor, qualquer pessoa, desde que tenha compromisso com a escola, meninos e meninas, tá bom? Na hora a gente canta uma música: "Nagô, nagô a rainha já se coroou, nagô, nagô o rei já se coroou...".

-Amanhã nós vamos começar a ensaiar, aí vocês vão começar a se preparar para isso primeiro, então a primeira canção...

- Agora eu vou pedir para fecharem os olhinhos, silêncio! Eu vou perguntar para cada criança, o que sentiu dentro do coração, quando ouviu canções tão antigas. O que vocês sentiram, fica de olho fechado, eu vou falar o nome de cada um e vamos ouvir o que vocês sentiram no coração quando ouviram essas canções. Davi o que você sentiu?



- Só coisa boa!
- Clevon o que você sentiu?
- Muita saudade das coisas antigas.
- Gente! O que você sentiu?
- Amizade!

- O que você sentiu?
- Paz!
- O que você sentiu Daktari?
- Calma!
- O que você sentiu?
- Vida!
- Alegria!
- O que você sentiu?
- Amor!
- O que você sentiu?
- Palmas!
- Amor!
- Paz!
- E você?
- Libertação!

- Quem vai se candidatar a rei e rainha?



Retoma as discussões da roda de conversa e lança a escrita da carta, mas antes deveria ocorrer uma candidatura, então começam a decidir entre elas e depois alguns candidatos acabaram desistindo. Agora, restaram três candidatos para rei e três candidatas para rainha, já reescreveram a carta que vai para o mural como objeto de

escolha e votação. Próximo à entrada da escola organizaram o

mural com as cartas e o baú de votação:

Assim que os dados foram apurados, a coordenadora da escola, a diretora, a capitã de guarda, a rainha e as outras professoras subiram para a sala do quinto ano. Quando elas abriram a porta, as crianças sorriram e começaram a conversar umas com as outras, pareciam ansiosas para descobrirem quem seria o novo rei e a nova rainha da escola.

E a coordenadora disse:

- Boa tarde, gente!

- Boa tarde!

A diretora continuou:

- Nós viemos em grupo aqui trazer uma notícia muito importante para o quinto ano, porque com certeza, todo mundo aqui está aguardando ansiosamente.

- O rei e a rainha antigos não puderam vir, porque o rei não estuda mais nessa escola agora, a rainha está com suspeita de conjuntivite e não pôde vir. Então, a gente pediu para representar os novos reis, a capitã de guarda atual e a nossa rainha do ano passado. E aí eu vou fazer o seguinte, apuramos os votos, eu não fiquei sozinha lá, estava eu, a diretora, a funcionária da secretaria e a estagiária para a gente ter um monte de testemunhas que não teve fraude, não teve roubo, tá bom? E aí eu vou anunciar os

segundos lugares. Em segundo lugar como rei ficou o Kambami e ele merece palmas também, né? No segundo lugar como rainha ficou a Charminique que não está aqui, né? O primeiro lugar, o nosso Rei do Congo que será coroado amanhã é o **Harif**. E a nossa nova rainha que será coroada amanhã é a Bashira.



- Eu quero dar parabéns também pode deixar ela te abraçar.
- Então, amanhã, e aí eu quero anunciar também que a capitã vai anunciar para mim. A capitã de guarda do ano passado e desse ano ainda, ela vai chamar aqui as novas capitãs de guarda que vai condecorar no dia da festa, que ponderou comigo e conversou muito comigo e escutei muito ela, para tomar essa decisão e ela como capitã, né? Ela sabe tomar essa decisão ficou olhando o ano todo quem tinha postura de capitã, para tomar esse lugar importante igual o dela, né? E aí ela vai revelar agora quem são as novas duplas, as duas capitãs de guarda.
- Yihana!
- Linda! Ela falando bonito, lá!
- Charminique!
- Todos vocês do quinto ano, vocês vão ser da guarda principal do rei e da rainha, o quarto ano também é guarda, mas eles não incluem as espadas. Vocês segurarão as espadas e vão fazer o túnel de espadas para as passagens para os reis e as rainhas. Então, cada um vocês tem um papel muito importante nesta festa, tá bom? Então, tá!
- Viva o quinto ano!
- éééé...
- A gente vai descer daqui a um pouquinho com o quinto ano inteiro, para montar já vocês Bashira e Harif, já vão representando o rei e a rainha para o último ensaio hoje.
- Uhuuuu!
- Daqui a um pouquinho eu chamo vocês!

Foi um momento contagiante, de muita emoção, uma emoção que transbordava para todos os lados. Quando o novo rei soube da notícia chorou muito e seu amigo o abraçou e disse:

-Você vai ser o novo rei, cara! Você tem noção o que significa isso?

Senti um arrepio, olhei para todos, ninguém conseguiu conter as lágrimas nos olhos. Fiquei perplexa, esse foi o ponto auge da preparação para cortejo, depois desse momento emergiam emoções cada vez mais fortes. Me senti tocada com esse acontecimento, porque nunca imaginei que um cortejo em uma escola poderia nos afetar tão profundamente. Um cortejo que faz explodir, que vira maquinaria, produção, que contagia a todos com emoção, tensão, alegria, invenção, acolhimento e respeito.

A escola fez três ensaios para a preparação do cortejo e coordenadora disse:

- Se prepara, porque hoje é o dia do caos.

Levaram as crianças do primeiro ao quinto ano para o pátio da escola. Havia muito barulho e o vice diretor disse:

- Vocês tem que escutar a gente, nós não vamos pegar o microfone para falar, então vamos escutar.

- Quem não estiver participando com silêncio, não vai poder ficar aqui com a gente, escuta só, a gente vai cantar, vai ensaiar e depois vai subir. Agora a tia Mhina quer um silêncio profundo de vocês. A festa é sábado e tem dois ensaios para fazer, o ensaio tem que estar bonito, presta atenção no que vocês estão fazendo. Eu vou botar o primeiro, o segundo, o terceiro ano aqui juntinho, oh! A guarda, o quarto e o quinto ano vai ficar parado aqui.

- Oh, Aasir ajuda a gente está calor rapaz, tem muita gente!

- Levanta quem está sentado. Vamos lá, cantar bonito as canções que a gente preparou, presta a atenção na tia Shasa vai falar lá no fundo com o microfone, tá? Atenção! Eu vou chamar aqui primeiro uma criança para... Olha! Vou chamar a Abena e o Agu, vocês são os reis, eu vou precisar de uma criança para ser os reis

antigos, eu vou pedir a Abla e Bakari vão fazer de conta que são os antigos os reis.

- Quem pode segurar a bandeira agora tia?

- Pega lá um menino grande!

- Lá de trás, tia... Esse que está em pé aqui pode vir Camar. Oh, Camar vai fazer o papel de segurar o estandarte a coisa mais importante da nossa festa, a nossa bandeira, ok? Tá já já a gente vai cantar. Um casal de aluno e aluna para representar os reis novos, um casal para representar os reis antigos, uma pessoa para segurar o estandarte vamos ver o que mais vai precisar. Não agita, está calor. Quanto mais agita, mais calor vocês sentem. Respira vai, respira, respira mais uma vez, respira. Calma!

- Vamos lá! Shasa, pode chamar as crianças pequenas primeiro.

- Agora é a chegada das crianças, os brincantes, a voz da nossa congada!

- Bato palma duas vezes, silêncio!

- Agora chegada das vozes dos tambores.

(Música) Dá licença que eu cheguei...

- Vamos receber os antigos reis com o estandarte.

- Agora os novos reis que serão coroados
(música - Oh, mina teré teré, Oh, mina saiô, saiô...)

- Agora que os reis já foram coroados (nagô, nagô)

-Viva o Rei do Congo, viva!!! Viva a Rainha Conga!!! Viva!!!

- Senhor capitão pode vir me mandar que eu vou...

E assim foram seguindo os batuques e os cânticos da festa...

- Bato palmas duas vezes! Bato palma três vezes... Crianças atenção, agora o cortejo vai sair, quero o silêncio de vocês... A gente vai fazer a despedida, o estandarte vai na frente, vocês vão atrás reis e rainhas. Depois, a guarda e depois os pequenos tudo junto, tá bom?

- Tamborim. Adeus povo bom adeus....



A coordenadora (Mhina) e antiga coordenadora/diretora (Marjani) da escola começam a separar e organizar os figurinos que as crianças vão vestir para a festa. A cada roupa que separavam, percebi o quanto aquelas roupas estavam permeadas de memórias, lembranças de cortejos passados e falas assim emergiam:

- Você lembra desse casaquinho branco? Eu mesma lavei esse casaquinho, era do seu Adofo, a vinte anos atrás tinha até chiclete pregado nele.
- Essa é a roupa da Rainha Festeira tem essa figura? Se não tiver a gente deixa dobrada. Essa roupa da menina festeira surgiu, porque uma criança começou a chorar, porque queria uma roupa festeira. Não teve essa coisa de festeira esse ano?
- Você lembra do Kafu? Eu fiz para ele uma saia para vestir por cima da calça, na época, e essa blusa aqui.
- Vou deixar aqui, porque se aparecer uma menina grande querendo participar, aí ela entra, junto com a corte antiga.
- Pode entrar quem quiser!
- Aqui tem os cordões que combinam com as roupas.
- Agora o seguinte: as coroas!

Nesse momento, algumas crianças entravam e saíam da sala, para verem suas roupas. Para a antiga diretora e coordenadora essas memórias foram sendo constituídas quando as crianças foram se inserindo nos cortejos. Assim, iam conversando, olhando as medidas das roupas para saberem se era compatível com o tamanho das crianças, iam colocando os figurinos de cada criança na cadeira e pregavam uma fita com o respectivo nome e a antiga coordenadora disse:



- Poxa! Eu estou sonhando com uma para vestir aquela roupa, mas ninguém quer... Tá bom! Depende do desejo, a gente trabalha muito com essa coisa do desejo do menino, o menino tem que ser feliz, né? Então, é um seguinte: Quero isso! Eu não quero isso! Eu quero participar da festa, porque já houve um tempo que ninguém queria, era pouca gente que participava, agora virou isso. Então, você precisa atender, porque se a gente não atende o desejo deles a coisa não acontece. Você não pode trabalhar com ordem, nunca trabalhei assim, eu inventava, trazia a possibilidade e as pessoas escolhiam. Eu escolho ser! Eu escolho isso! Quando você está trabalhando com o desejo todo mundo se sente feliz, incluído, ninguém fica de fora. A professora que tem outra religião e não gosta, mas ela adora ver a rainha, então ela vai ajudar.

- Você é da guarda?

- Capitã.

- Todos são guardas, tá?

- O lugar do Capitão é aquela pessoa que dá o grito do começo e dá ordem, né? A guarda ela é importantíssima, porque o rei e uma rainha precisam de ter uma guarda. Não é? Porque é igual polícia para proteger, precisa ter uma guarda para dizer assim: Tenho seguidores! Ter seguidores no congado é ter uma comunidade de partilha, de sentimentos, de história de vida, de ancestralidade, entendeu? Por isso que chama guarda e eles inventaram essa moda de guarda, para copiar das guardas de polícia que existiam, mas eles chamaram de guarda para ninguém importar com eles. Entendeu?



EntreCortejos

O mundo da escritura era o mundo fora da comunidade, Nego Bispo foi para escola por ser necessário e contribuir com a sua comunidade, ao contrário de ser importante (BISPO DOS SANTOS, 2023):

A pessoa que é importante não é quase nada. É aquela pessoa que se acha ótima, mas não serve. O termo que tem valor para nós é necessário. Há pessoas que são necessárias e há pessoas que são importantes. As pessoas que são importantes acham que as outras pessoas existem para servi-las. As pessoas necessárias são diferentes, são pessoas que fazem falta. Pessoas que precisam estar presentes, de quem se vai atrás (BISPO DOS SANTOS, p.12, 2023).

Ele também acredita que as histórias na cidade grande viram mercadoria, nas comunidades são contadas de modo prazeroso, sem cobrar nada, como forma de fortalecer suas próprias histórias. Então, histórias são contadas e cortejos são fabricados na escola, por que são necessárias ou importantes? A Coroação de Reis e Rainhas acontece, por que são importantes ou é uma discussão necessária para a comunidade? A serviço de que fabricação da infância esse cortejo se coloca?

- Entendeu
- Lindas!
- Ela é guardadeira! Guarda usa a capa que chama terno e o chapéu que chama capacete. Mostra para ela!
- Você é o... Você acha que essa calça serve em você?
- Sim!
- Quer vestir aí por cima para ver se serve? Isso! Tá bom? Que bacana! A primeira vez que a gente vai ter um menino carregando a bandeira, um porta estandarte. Maravilhoso! Pronto!
- Pode ir, então, tia?

- Pode ir, querido!
- Se quiser manter essas roupas em organização tem que ser em caixa e não em sacola.
- Então, era o que tinha. O laranja não é uma cor de referência do congado, o congado é azul e rosa por variações, o vermelho, a matização do rosa, o congado mineiro que eu estou falando. E a matização do azul, tudo que é azul pertence a rainha e tudo que é vermelho pertence ao rei, porque a cor azul está associada ao mito da Nossa Senhora do Rosário e a cor vermelha a terra da Península Ibérica, o rei usava vermelho sangue, né? Então, isso é trocado, é menino vestindo rosa e vermelho e menina vestindo cor azul. Então, inverte a cor não é **colonizada**. Como é uma invenção tudo poder ser... Isso aqui finalmente é para montar o babador. A proteção do peito, nunca foi usado. Nossa, encontrei aqui as cartas das meninas que entraram na festa do ano passado, insistiram em ser rainhas porque houve uma pandemia.



- Tia, a Tia pediu para você falar qual é a nossa roupa, a gente vai jogar flor.
- Quem são vocês?
- São essas daqui, oh! Quando vier procurar a roupa de vocês é só achar o nominho. Aqui tem quatro, peraí deixa eu ver aqui, é só perguntar tia Mhina e falar assim:
- Tia, Marjani não achou o meu nome tia Mhina!
- Eu achei você?
- A hora que ela aparecer você me fala que eu marco ali, tá?
- Brigada, tia!
- Se não tiver a gente inventa roupa, tem mais...
- Vocês estão felizes?

- Sim!

- Eu nem dormi de tanta ansiedade!

- Você nem dormiu de ansiedade? Essa pessoa não dormiu de ansiedade, ela ficou cantando as músicas, vê se eu aguento! Agora hoje você vai dormir, porque você já sabe as músicas, já tem roupa, por que senão você vai chegar aqui com os olhos fundos igual a tia Marjani, tá?

- E a Akia soube me dizer, porque essa festa é importante, ela soube me dizer. Fala para tia Marjani o que você me falou:

- Porque acabou o racismo.

- Acabou a escravidão, né?

- É muito importante isso, né?

- Tia, de noite eu rezei para a festa dar tudo certo!

- Vai dar... Já está dando, vai rezando para não chover, né?

Os olhos da tia Mina ficaram lacrimejantes e ela disse:

- Eu sou uma boba mesmo!

- Tchau! Brigada!

- Essa bandeira deve ser de 2010, talvez 2011. Cada ano que eu venho aqui ajudar, eu descubro invenções novas e eu acho isso, gente que contribuiu e você nem sabe quem foi, uma coisa que parece uma coisa que prolifera, sabe. Eu acho isso tão fantástico. Eu acho uma coisa assim, você conseguir encontrar um movimento, juntar com muitos, para encontrar um movimento que vai só aumentando. Acontece agora uma outra coisa que são esses [meninos de outras religiões a dizer](#):



Outra situação como essa foi o caso de uma menina como Marjani também relata:

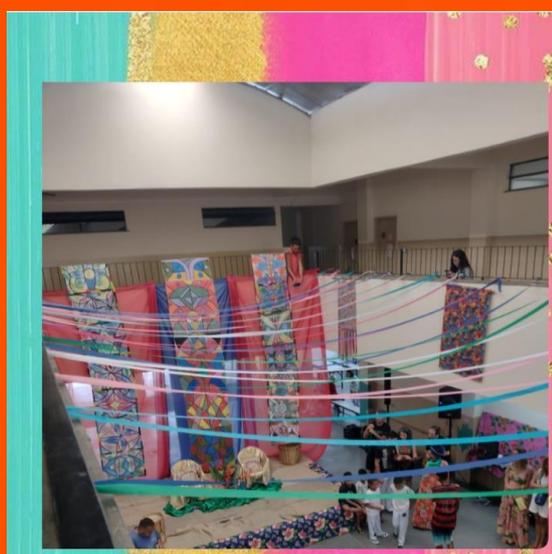
A minha mãe é evangélica não vem na festa, mas eu venho, porque ela gosta das coisas que a escola faz! Pensa bem gente, uma criança, uma menina evangélica que fez o padrasto[...] A mãe tinha um evento na igreja, ela ia para a igreja, ela fez o

padrasto levar ela, porque falou deixa a mãe ir para a igreja, mas eu quero ser feliz no lançamento do livro e a mãe permitiu e o padrasto levou. Ainda queria comprar o livro, mas o cartão não passou, tadinho, fiquei morrendo de pena. Por isso que aqui na escola, a gente tem que ter muitos livros para eles terem. Eu acho um pouco triste isso, da gente fazer tudo isso com o livro e o livro não está na mão dos meninos para poder levar para casa. Eu falei: “Gente cria uma possibilidade de empréstimo, tem que ter livro aqui, põem os livros para poder levar para casa”.

E assim, a escola vai fabricando as crianças junto aos cortejos e da alegria que as festas emanam, também fortalecidos pelo diálogo, [abertura e confiança que atravessam as relações com os pais dos alunos.](#)



Três dias antes, a escola já se movimentava na preparação do cortejo, talvez poderia dizer o principal cortejo do ano. Além dos ensaios, a escola também investe na decoração dos cortejos, a decoração começou com as fitas coloridas trançadas no andar de cima entre as grades. Duas professoras eventuais se lançaram nesse processo de enfeitar a escola, no dia seguinte me disponibilizei a ajudar, nesse movimento de esticar as fitas de duas a duas e trançá-las na grade, [enquanto as fitas eram trançadas algumas histórias do cortejo desta escola iam sendo disparadas:](#)



- Cada ano fazemos uma decoração diferente.
- Então essas fitas vocês ainda não colocaram?
- Não! A primeira vez.
- Esses estandartes que vamos colocar agora foi feito pela mãe da professora Ayana, ela fez todos eles a muitos anos atrás.
- As faixas que vamos colocar lá embaixo foram pintadas pelo professor de artes visuais e seus alunos.

Também ocorreram outras modificações no cortejo desse ano como relata a coordenadora:

Teve uma questão de organização, que as crianças do tambor votaram, nunca tinham votado foi a primeira vez. Essa invenção toda da Nala, a capitã de guarda. Ela que pediu tudo isso, esse é ano dela passar a espada, de condecorar isso tudo é ela. Isso porque, ela que escolheu as duas, a gente escutou ela. A música, as crianças pela primeira vez vão cantar com o tambor, as músicas que eu ensinei para eles e esse ano vai vir o maracatu tocar, no ano passado não teve. [...] Cada coisinha dessa tem também, esse ano, por exemplo, uma criança insistiu a ser candidato a rei e trouxe um livro de uma avó dele que era sambista, justificou o direito, porque tem um ancestral negro são coisas que são muito fortes para a gente.

“Juquita”

Nasceu em 19 de março de 1910. Ainda adolescente, começou a trabalhar como pintor de cartazes no extinto Cine Glória, que ficava na Rua Halfeld, entre os cinemas Central e Palace, juntamente com Carriço e Pedro Costa. Aos 16 anos de idade, fugiu com um circo que passou por Juiz de Fora e a família teve que buscá-lo na Bahia. Trabalhou posteriormente no Cinema Central, também como pintor de cartazes, atividade que desempenhou até aposentar-se por volta de 1964, quando sofreu uma trombose. Ligado à escola de samba Feliz Lembrança, compôs, para o carnaval de 1949, juntamente com Djalma de Carvalho e B.O., o samba "Se Eu Fosse Feliz", considerado o "hino" de Juiz de Fora. Apesar do vínculo com a Feliz Lembrança, também compôs sambas em parceria com os turunenses Ministrinho ("Homenagem a Catulo da Paixão Cearense") e Alfredo Toschi ("Não É Preciso Procurar", "Fica a Lembrança"). Outras composições marcantes de Juquita, na época áurea do rádio juiz-forano, na década de 1950, são "Depois" e "Carnet de Ilusões", ambas com Djalma de Carvalho, registradas no LP Juizforana Opus 62 e no CD da cantora Dionysia Moreira. Era frequentador assíduo, juntamente com Alfredo Toschi, do Café Tropical, considerado o "quartel-general" dos compositores da cidade. Faleceu em 06 de setembro de 1971.





Aos poucos, os professores também iam expondo no pátio junto com os seus alunos suas produções e experimentações realizadas na sala de aula. Uma hora antes do cortejo, as crianças que participariam das apresentações já estavam chegando, estava tudo preparado. As roupas separadas, acessórios expostos, como também as professoras com os pincéis na mão para pintar os rostinhos das crianças em uma sala reservada para essa finalidade. Tive a oportunidade de conversar com os novos reis e foi muito bonito ver o encontro da professora de história do quinto ano com a nova rainha. A professora a abraçou fortemente e disse:

- Parabéns foi muito merecido você ter ganhado, eu estava torcendo por você!

Ela respondeu:

- Obrigada, tia!

Quando o abraço terminou, a tia Ayana estava com os olhos lacrimejantes, toda emocionada, em seguida, perguntou a um menino:

- Por que você estava chorando àquela hora?
- De emoção, tia!
- Ah, que bom!

Já estava tudo pronto e antes do cortejo começar aproveitei para conversar um pouquinho com [o antigo rei, a nova rainha e o novo rei:](#)



As crianças conversavam ansiosas umas com as outras, logo algumas professoras a chamaram para o camarim e começaram a vesti-las uma a uma, quando estava tudo preparado [a diretora com o microfone na mão dá início a festa.](#)



E o cortejo começa com a capoeira, crianças bem pequenas dançando lindamente, a plateia se contagiava com o ritmo da música e começaram a [bater palmas com muita alegria e emoção.](#)



No momento do cortejo, as crianças da Educação Infantil até o quinto ano participam da composição da festa, cada uma com as suas respectivas funções. As crianças do primeiro ao terceiro ano entram cantando e formam duas filas como um corredor. Os adolescentes tocando os tambores se posicionam em volta do palco para receberem a entrada da bandeira/estandarte junto com os reis antigos. Uma outra música é cantada para que os novos reis possam entrar. Para cada entrada uma música antes e depois do ritual de coroação, depois ocorre o ritual de passagem das espadas para as novas

capitães de guarda, por fim uma homenagem dos tambores ao novo rei e a nova rainha. Era emocionante de se ver, por vários momentos, pude perceber a coordenadora/diretora antiga se derramando em lágrimas, como também a coordenadora atual, as quais se dedicaram muitos anos às crianças e àquela escola. Quando acaba a coroação, todos vão para a rua em cortejo, de forma a apresentar aquele rei e aquela rainha para a comunidade. Assim, esse cortejo é permeado de alegria, danças, músicas, narrativas e tambores.

A escola busca entrelaçar as histórias dos velhos congadeiros com as histórias das crianças e de suas famílias. Consta no documento da escola que esse evento busca também entrelaçar a cultura popular, a infância, a juventude, o cortejo, a memória e a afirmação das identidades.

A mãe de um aluno também destacou sobre esse cortejo:



Eu acho interessante o começo da seleção do rei e da rainha, cada ano tem a troca que é uma coisa bem empolgante para os alunos [...]. Na maioria das vezes escolhem os mais negros, os meninos, assim, sabem, mas teve também igual a Bruna era bem branquinha. Então, não sofre um preconceito aqui, só o negro, ou então, ah vamos colocar só branco, não tem essa escolha. Primeiro inicia com as danças, com os cânticos, com os toques do tambor vem a professora de artes com eles. Depois, vem as músicas com eles para depois ter a troca, tipo aquela música “tá caindo fulô” ... E aí tem uma **chuva de pétalas**, que é muito legal, todo mundo participa tem todas essas músicas para depois fazer essa troca. Depois, a escola oferece um lanche para todo mundo, geralmente é uma canjiquinha doce ou salgada, depois tem o encerramento e cada um vai para a sua casa. (Depoimento da mãe de um aluno concedido a esta pesquisa em 2023).

Esse cortejo não termina no dia da festa, nem para as crianças, nem para os professores. Na semana seguinte, o cortejo ainda reverberava na escola, a turma do quinto ano estava muito empolgada e queriam contar as suas histórias. A professora do tambor que organizou a turma, uma vez que depois desse cortejo, os alunos que vão para o sexto ano já estão aptos a tocar o tambor. As crianças estavam muito felizes em poder entrar para o grupo de repercussão, todos queriam se inscrever no grupo e a professora ficou até sem saber o que dizer, porque não tinha instrumento para todas as crianças. Então, ela fez uma roda para que pudessem comentar sobre o cortejo, como ele foi, o que aconteceu, as músicas, a história que o envolvia, a **comida** que foi compartilhada.



EntreCortejos

As festas não são mercadorias, mas a manifestação da alegria que se relaciona a vida. “A festa é mais forte do que a lei, uma vez que o Estado não consegue quebrar os modos de vida quando eles estão envolvidos nas festas” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p.27). A festa agrega todo mundo, a festa existe por causa da comida, a comida organiza a festa, tudo gira em torno da comida. “Toda prática alimentar que se conecta com as festas se torna mais forte. Quando os modos alimentares se desconectam e se deslocam das festas, eles se enfraquecem” (SANTOS, 2023, p.27). As festas também são defesas das práticas alimentares, portanto, deste modo, não existe festa sem comida nem comida sem festa, um preserva o outro.

Em seguida, a coordenadora entrou na sala de aula para convidar os reis e rainhas com suas capas, coroas e cajados, acompanhados de seus guardiões para se apresentarem de sala em sala. As crianças que ficavam admiradas com suas fantasias, abraçavam eles e comentavam que quando estivessem no quinto ano também gostariam de fazer parte da corte, alguns diziam que queriam ser reis, outros guardiões. Os guardiões dos reis com as suas espadas abençoavam e protegiam as crianças como disse a coordenadora:

Olha e quem quiser, agora, os capitães de guarda vão passar, vocês vão fazer uma promessa que vão ser bons alunos, felizes, muito estudiosos e muito compromissados com essa escola, tá bom? Então, podem trazer a benção para cada cabecinha de cada criança. Serão compromissados, respeitosos.

E, assim, os guardiões com suas espadas passaram de mesa em mesa, abençoando a cabeça de cada criança. Esse movimento pós cortejo, dava continuidade e alimentava ainda mais o encantamento das crianças pelo cortejo, o sonho de serem reis e rainhas daquela escola. Assim, o cortejo não possui início, meio e fim, porque é uma festa curricular que se mantém viva o ano inteiro, uma vez que é desejada, sonhada e esperada pelas crianças como também pelos professores.

Uma semana após o cortejo, [o mesmo movimento de reverberação da festa foi realizado com os professores em uma reunião pedagógica](#), fizeram uma roda e passaram um vídeo com a música do tamborim e imagens de alguns acontecimentos vivenciados no cortejo. Em seguida, entregaram um papelzinho com três questões para responderem e a partir disso foi disparada a roda de conversa:

- 1) Dentre as imagens compartilhadas no vídeo, escolha uma e descreva como essa imagem te mobiliza e sensibiliza enquanto professor (a).
- 2) De que maneira a proposta curricular desta escola, comprometida em trazer para o centro do currículo, culturas historicamente silenciadas (culturas afrodiaspóricas, ameríndias, culturas da infância) está presente na sua prática pedagógica?



E os relatos dos professores traziam questões sobre a importância da [união](#), da diversidade, como o slogan da camisa de uniforme, desde a transformação pedagógica. Um fio que só vai se fortalecendo com o passar dos anos por meio da possibilidade de diálogo entre professores, alunos e famílias, mas também de disputas de relações de força

que atravessam discussões religiosas, seja pela história da Dona Holla, como também pelos preconceitos e conflitos com os rituais vivenciados no cortejo de Coroação de Reis. Por que esse cortejo se torna uma questão política difícil para a escola? Disputas em torno da natureza de inventar um mundo, uma festa que cria relações, relações que perduram o ano todo, cortejos e encantamentos, entrelaçam a prática cotidiana de professores e crianças a partir das formas artísticas de se expressarem, seja pelas músicas, desenhos, pinturas e colagens. A relação de afeto, acolhimento, emoção, alegria, a força de experiências e trocas do coletivo da escola que escutam as crianças e festejam junto com elas.



A GIGANTE MENINA QUE
QUERIA CONTAR HISTÓRIAS
BONITAS



Tarcísio Moreira Mendes, membro do Travessia Grupo de Pesquisa, em invenção de história afetado pela leitura deste texto em fabricação– UFJF, 2023.

AUTO DE NATAL



EntreCortejos

Para Agamben (2005) o presépio como miniatura, uma imagem histórica, coloca em xeque o mundo da fábula, no momento que acorda do encanto para entrar na história. A fábula desencadeia o desencanto na história, ela se desvincula dos ritos, distanciando-se da experiência dos mistérios, transformando em sortilégio. Não experimenta, mas suporta como encantamento, um feitiço que deve ser rompido e superado. “A cifra desta liberação profana do encanto é a miniaturização, aquela salvação do pequeno” (AGAMBEN, 2005, p.156). Na fábula, os animais falam, são encantados. A conexão mágica do presépio, cada componente do presépio é um todo em si, mas colocadas lado a lado participam do evento messiânico “o gesto da criatura desfaz-se de toda criatura de toda espessura mágico-jurídica-divinatória e torna-se simplesmente humano e profano.” (AGAMBEN, 2005, p.155). O presépio representa a historicidade, que vem ao mundo por meio do nascimento do menino Jesus “por isso, na festiva, desmensurada proliferação das figuras e dos episódios, em que a cena sacra original é quase esquecida e o olho se exaure tentando encontrá-la, cai toda distinção entre sagrado e profano, e as duas esferas se coincidem na história”. (AGAMBEN, 2005, p.157). O presépio começa a se desvencilhar do costume familiar, deixando de falar também a infância que merece sobreviver, sendo conservado com o jogo e fábula. O Cortejo de Natal também é atravessado pelo sagrado e pelo profano, existe o encantamento, assim a infância é conservada pelos mistérios e magias, mas acima de tudo o presépio é uma imagem histórica fabricada pela linguagem e pela experiência.

Uma semana após O Cortejo da Coroação de Reis, a escola já começava a se movimentar para a preparação do Auto de Natal, na rodinha da Educação Infantil esse cortejo também foi encenado como uma peça teatral. E a professora diz:

- Olha, quem trouxe pedrinha, conchinha, guarda em cima da mesa, a gente não vai colocar agora. Crianças olha só, quem trouxe os presentinhos para o menino Jesus, a gente só vai colocar na hora da história, a Mayara não estava aqui ontem então ela não sabia, a gente essa semana vai trazer só pedrinha e conchinha, tá? Mas só na hora da história.

- Tia, mas eu não trouxe.

- Não tem problema, então o Kauã até deu uma ideia boa, quem não trouxe na hora do parquinho quiser pegar pedrinha grande lá, pode também tá?

Silêncio nessa hora é hora da nossa roda (5x)

Passa a luz no seu coração, peço a Deus uma proteção, uma proteção
Ao neném que vai nascer, nascer
Traga o sol, a luz, e o calor faça no seu coração um bercinho de amor (2x)

Dê me cá a sua mão
Chame logo, chame logo o seu irmão (5x)



Assim, a professora foi cantando e chamando cada criança para entrar na roda. Ela já havia organizado o cenário, no centro da roda, havia uma cesta com os acessórios e à medida que ia cantando escolhia uma criança para assumir um determinado papel. As crianças ficavam atentas aos comandos da docente, prestavam muita atenção para acompanharem a história, conciliada a encenação que ocorria simultaneamente.

De onde vem o pastor, de onde vem, venho de um presépio que fica em Belém.

Que viu o pastor, sobre a parafina e o bom Jesus
Que de lá passou

José e Maria juntos deles estão,
 Algo mais pastor algo mais
 Anjos e anjinhos no raio de luz
 Cantando de mansinho ... Jesus

Mariaaa, Maariiii, Mariiiiiaaaa (2x)

- Quem será o meu São José?

São José de porta em porta junto com a Virgem Maria
 Tanto andava de noite, quanto andava de dia. (2x)

Aleluia, aleluia, aleluia...(2x)

- Quem será a estrela?

Divina estrela já chegou
 Divina estrela traz a paz e ensina a ter o amor (2x)



Quem será o homem de bom coração que vai abrir a porta para
 José e Maria?
 Um homem de bom coração que vai abrir o seu coração.

- E o meu pastor?

No alto da montanha pertinho lá do céu
 Morava um pastorzinho que acenava com um chapéu
 De lá seguiu o céu, seguiu o sol, tão longe o mar
 No alto da montanha quem dera morar lá
 pertinho de Jesus que nasceu para nos salvar.

- Quem quer ser o carneirinho junto com o pastor vou escolher
 dois carneirinhos. Psiu! Deixa eu ver quem está com carinho...
 Silêncio nessa hora que a nossa roda vai brilhar...

Sininho, dimdilimdilim
 Soa sininho
 Oh vós meus meninos já sabeis agora
 que já vem chegando a mais bela hora (2x)

- Era uma vez a muito tempo atrás uma moça bonita seu nome
 era Maria...

Mariaaa, Maariia, Maaariiaaaa (2x)

- Um dia, Maria estava ajoelhada a rezar na sua casa, quando ela recebeu uma visita de um anjinho lá do céu.

Aleluia, aleluia, aleluia...(2x)

- O anjinho foi para trás de Maria com os bracinhos bem abertos e disse:

- Maria, oh Maria! Alegra o teu coração, pois de ti nascerá um menino que se chamará Jesus, e dizendo isso ele foi para o céu.

Aleluia, aleluia, aleluia...(2x)

- Maria com o bom carpinteiro José, que um dia sabendo do Rei Herodes pegou a sua mulher pela mão, a levou embora fugindo do perigo e foi batendo de porta em porta. Crianças deixa eu ver a porta da Aruana? Ele foi abrindo de porta em porta, mas ninguém abria a porta, aí faz assim, oh:

São José de porta em porta...



- Até que ele bateu na porta de um homem de bom coração faz assim Moacir, oh! E levou José e Maria até o curralzinho. Sentou Maria no cantinho e o homem de bom coração ficou do lado de José que era um bom amigo dele. Ficaram lá esperando, nesta hora, não foi que aconteceu uma coisa linda? Uma estrela muito brilhante veio brilhando lá do céu.

Divina estrela já chegou ...



- E a estrelinha foi ali para trás de José e Maria, ficou ali brilhando, muito brilhante no meio deles com a sua estrela dourada. Nessa hora, o pastorzinho viu a estrela brilhando junto com dois carneirinhos, veio andando devagarinho, procurando o menino Jesus.

No alto da montanha pertinho lá do céu...



- O pastorzinho ficou perto de Maria, bem pertinho, os carneirinhos ficaram um no pezinho de Maria e outro para perto do pezinho de São José. Ficaram bem quietinhos, nessa hora minha gente, o anjo do céu veio trazendo um presente para Maria. Preparem os seus corações!

Faça a luz no seu coração
 Faça a Deus uma proteção, uma proteção
 Ao neném que já nasceu, nasceu
 Passado no sol a luz e o calor passa do seu coração um bercinho de amor
 Traga do sol a luz e o calor passa do seu coração um bercinho de amor.

Hoje à noite é bela juntos eu e ela fomos a capela felizes a rezar
 Ao soar o sino, sino pequenino
 Venho o Deus menino nos abençoar

Bate o sino pequenino sino de Belém
 Já nasceu Deus menino para o nosso bem
 Paz na terra pega o sino alegre a cantar
 Abençoa Deus menino esse é o nosso lar.

- Agora a gente vai falar juntinho:

- Feliz natal!

- Que coisa linda gente, vocês fizeram a coisa mais bonita hoje com muito respeito, com muito carinho. A tia Mhina ficou muito feliz, viu? Podem agora sentar nos seus lugares quem está com as roupinhas, tia Mhina vai guardar, tá?

A coordenadora se reuniu com as crianças que tiveram o interesse em participar da encenação teatral do Auto de Natal na biblioteca, crianças de várias



último ensaio foi lindo, lindo, lindo agora vamos ver como vocês estão cantando. Vamos começar com o sininho?

Sininho, dimdilimdilim...



- E agora a música da pastora que veio visitar... Pastoras, né?

Boa noite meus senhores todos

Boa noite senhoras também

Somos pastoras, pastorinhas belas que alegremente vamos a
Belém, Belém! (2x)

- Agora mais alegria ainda, hein? Lembrado que as meninas estão dançando... Gente não dá para cantar com palmas, agora também, senão eu não escuto a voz de vocês? Tá bom? A palma é muito difícil de bater no ritmo, só a voz é lindo, tá? Vamos lá... A última vez não tem Belém. Só tem Belém, Belém! Somos pastoras, pastorinhas belas que alegremente vamos a Belém. A primeira vez tem Belém, Belém e a última só tem Belém. Tá? Vamos lá, vamos ver quem está cantando bonito.

- Agora ficou aquela pastorinha atrasada que veio trazendo o Boi Estrela, quem lembra?

- Mas não é natal?



EntreCortejos

A religião retira as coisas do uso comum, deixando-as separadas. “O que foi separado ritualmente pode ser restituído, mediante o rito, à esfera profana” (AGAMBEN, 2007, p.58). As formas e fórmulas separam o sagrado do profano, profanar ignora a separação, abre possibilidade. Jogo como um “reuso”, passagem do sagrado para o profano. Então, a religião, neste contexto, não é mais analisada, ou observada, porém jogada. Assim o jogo, nos distancia do sagrado, mas não é capaz de extingui-lo o uso devolvido ao sagrado não utilitarista ou consumista. Mas como ocorre essa travessia do sagrado para o profano? Essa profanação pode ser considerada uma operação política, algo considerado como sagrado está associado ao exercício do poder que define algo como sagrado, já a profanação, joga, desativa os dispositivos de poder, proporcionando novamente ao uso comum aquilo que havia sido retirado da comunidade. Então, a figura do boi profana o Auto de Natal?

- É natal, mas o Boi Estrela vai visitar o menino Jesus também.
Vamos lá?

Pastorinha Homana (2x)
O que andas fazendo? (2x)
Pastorando o gado (2x)
O que andas comendo
O que andas bebendo

Olé, olá, foi dançar com o meu boi
Olé, olá, vem para namorar
Olé, olá vem cá pintadinha.
Olé, olá sacode a poeira.

O meu boi bonito, o meu boi voador, tu faz uma cena para o
nosso senhor.

Olé, olá, foi dançar com o meu boi
Olé, olá vem para namorar
Olé, olá vem cá pintadinha.
Olé, olá sacode a poeira.

- Agora, chegou à pastora com o meu boi vai chegar a divina
estrela, ah! Antes da divina estrela, tem uma música que a gente
não cantou, tem também duas lindas borboletas que vão visitar o
menino. Olha para cá, Tainara! Eu não vou tocar no violão essa,
tá? Vou ter que tirar ela ainda.

Borboleta pequenina saia fora do rosal
Venha ver quanta alegria que hoje é noite de natal (2x)
Eu sou uma borboleta pequenina **feiticeira**
Ando no meio das flores procurando quem me queira.



EntreCortejos



Sobre a questão do mistério, magia, encanto e feitiço o ato do feiticeiro é cortado para fazer passagem para a história. O único mistério do presépio passa a ser o nascimento do menino Jesus. O que interessa não é a fábula, mas o intervalo messiânico, o instante em que o sagrado e o profano atravessam a história. O homem fica **enfeitado** pela história na qual emerge o **presépio**. (AGAMBEN, 2005). Uma fabricação?

- Onde, onde!
- E os carneirinhos respondem:
- Beelém, Beelém!
- É duas vezes e aí nessa hora, o menino Jesus vai chegar nos braços da mamãe, ainda tem gente falando, xiiii!!! Quando o menino Jesus chega, a gente vai cantar uma música bem linda que é assim, com a voz de anjo de vocês que vão cantar agora:

Noite feliz, noite feliz...



Hoje à noite é bela juntos eu e ela...

- Vocês estão correndo parece que estão fazendo um rock in roll.
- Rsrtrs...
- Olha palma, olha. Bate o sino pequenino, devagar, hein? Bate o sino pequenino... Um dois e já...
- Aí a gente vai respirar e vamos falar juntos:



- Feliz Natal!

- Bato palma duas vezes, bato palma três vezes. As meninas na noite feliz, elas vão cantar com a flauta, as meninas grandes. Elas já estão ensaiando, semana que vem nós vamos ensaiar com as flautas, tá bom? Agora vamos fechar os olhinhos, deixa eu ver quem vai levar o violão, boquinha fechada, olhinho fechado, só o barulho do ventilador, xiiii!!!

Quando o vento vem ohh que a folha caiu
Siriri cantando ohh sirri dormiu (2x)

- Mãozinha no coração, olhinho fechado, olhar de que tem uma estrelinha brilhando bem dentro do coração, tem gente tão relaxado, tão silencioso que nem a perninha mexe, nem o pezinho. Xiiii!!! Silêncio profundo. Está difícil de escolher dos meninos o Rudá. Me ajuda a escolher, você vai ver que essa menina está com o coração brilhando, se a gente olhar bem dentro do coração a gente vai encontrar uma estrela brilhando, a Janaína. E agora o terceiro ano vai sair devagarinho...



-Ararê você é do segundo ano, né? Espera aí, Ivaí não vai ter **Papai Noel** nesta festa, isso é só no dia 25. Deixa só a tia Mhina, rapidamente, eu vou falar o nome. Xamã! Anauê você vem? Pastor! O pastor vai ser o Itai ele confirmou comigo. Não precisa bater palma, não! O Itai vai ser o pastor. Quem vai ser pastora, levanta aí?

- Não, tia!

- A pastoras são as meninas que andam com as saias rodadas.

- A pastora entra com o boi.

- A pastora tem que ser grande.

- Pastorinhos. Então, tá! Pastoras, Yanci, preciso de meninas muito animadas. Yacamim você também vai querer ser pastora? Vou falar com a sua mãe para vir.

- Eu também quero.

- Espera aí, xiii!!! Deixa eu ver se tem mais alguma menina, Upiara você quer ser pastora? Tá bom, já achei as pastoras, agora, Guaci.

- Faz um favor Guaci chega para trás. Eu hein?

- Olha só agora a estrela é a Iara.

- É as três Marias.

- Ah, esse ano vocês querem fazer três Marias?

- É a Maria um, falta a Maria dois e a Maria três.

- Quer ser estrela? Eu vou botar isso das três Marias uma, duas.... Agora eu preciso do anjo.

- Eu!

- Eu!

- Calma! Você está me pedindo muito desde o início do ano, Ipanema vai ser o anjo, Ariri disse que talvez empreste uma asa de anjo. Aí quem gostaria de ser anjo também?

- Mas, ela já é a estrela.

- Ahanu, pode? Eu vou ver com o seu pai, tá? Agora eu preciso, eu vou precisar de muitos carneirinhos, xiii!!! Chatam, Athoi, os outros vão ser da Educação Infantil, tá?

- Ubiraci, você quer ser carneiro? Então, está bom!

- Quem é do segundo ano pode subir.





Na sala do primeiro ano, a professora também contou uma história de Natal, ela subiu com uma **caixa de papelão** para organizar a história, a medida em que ia contando ia ajeitando a mesa e montando todo cenário. As crianças, sentaram no chão para ouvir a história, isso ocorreu em vários dias:

- Deixa eu explicar uma coisa para vocês, lembra que eu mostrei o calendário, que a gente está no último mês do ano.
- Sim!
- Vocês lembram o nome desse mês?
- Dezembro.
- Exatamente, é o último mês, nesse mês de dezembro tem uma data muito especial que a gente adora. Quem sabe qual que é?
- Natal!
- Ah, o Natal, mas o que é o Natal? Não! Vamos fazer o seguinte, levanta o dedo, fala Uirá:

- É porque Jesus vai nascer.
- E você ia falar a mesma coisa?
- É? E você?
- É um dia muito especial para gente...
- Hummm, por quê?
- Porque a gente comemora.
- Exatamente! Oi.
- É uma data muito especial quando Jesus nasce, a gente ganha presente, ele está lá no céu...
- Aqui se vocês estiverem conversando, não vamos ter essa conversa aqui, não! Educação vocês têm que ter... Oh, Yaci fecha essa janela para mim, oh a cortina, por favor? Desculpa, Chogan pode falar:
- É o aniversário de Jesus!
- Exatamente! E você?
- O natal está feliz para a gente.
- Por que está feliz para gente me explica?
- Porque a gente ganha presente.
- Ah, entendi, por isso que fica feliz, né? E você?
- A mesma coisa.
- Então, deixa eu contar uma história para vocês. Você quer falar. O quê?
- É momento que todo mundo tem alegria, brincadeiras, do nascimento de Jesus.



- Agora me fala uma coisa, vocês já apareceram na escola assim, ou vocês nasceram e eram pequenininhos. Tudo pequenininho vocês eram bebezinhos?

- Sim!

- Igual o menino Jesus? Ai que fofinho. E o que que acontece toda vez que vocês vão fazendo aniversário igual vocês falaram? É o nascimento de Jesus, não é? Aí quando a gente nasce, a gente guarda aquela data e aí vira o nosso aniversário, vocês sabiam disso? E o aniversário de vocês é a data. Agora tem graça eu parar de falar toda hora, porque eu tenho que chamar a atenção de vocês? Vocês conseguem ficar um pouquinho prestando a atenção, conseguem? Então, tá bom! Porque fica chato! Todo mundo querendo escutar a historinha e não consegue. No dia do nosso nascimento, ele fica marcado e vira o dia do nosso



aniversário por isso que a gente faz, um ano, dois anos e vai fazendo aniversário todo ano. Vocês aqui já estão com sete anos mais ou menos, né?

- Eu tenho sete.

- Por que vocês já fizeram aniversário não foi?

- Você está com seis?

- Olha só, vocês encheram uma mão de aniversário, fizeram cinco e já estão começando a encher a outra. Daqui a pouco vocês estão com duas mãos cheias de aniversário. Agora, vocês não sabem da maior, sabem quantos anos que o menino Jesus tem?

- Não!
- Tá, mas agora eu quero falar do menino Jesus. Quantos anos vocês acham que o menino Jesus tem?
- Quarenta.
- Será que vocês vão adivinhar?
- Cinquenta.
- Cem.
- Um aninho.
- E se eu falar para vocês que o menino Jesus tem 2023 anos, sabe porque, por isso que a gente tem que prestar a atenção nas historinhas. Teve um rei que a muito tempo atrás, ele resolveu que a partir do nascimento de Jesus, depois do nascimento de Jesus, ele ia começar a contar os anos. Então, ele pegou o primeiro dia do nascimento de Jesus e começou a contar, 2 anos, 3 anos, depois que Jesus nasceu e foi contando. Então, hoje em dia, tem 2023 anos que o menino Jesus veio para a Terra. Sabia?
- Eu pensei que ele tinha uns cem anos.
- Agora, eu vou contar a história de como aconteceu isso do menino Jesus, só que antes de eu começar a contar me fala uma coisa, vocês falaram que fazem aniversário não faz?
- Sim!
- No dia que vocês fazem aniversário, quando o aniversário é na casa de vocês, deixam a casa bagunçada?
- Não!
- Vocês não deixam os brinquedos jogados? Vocês não deixam o banheiro cheio de papel higiênico?
- Não!
- A mamãe lava o banheiro, ela arruma a casa?
- Sim!
- Sua casa fica suja? Então, sua casa é arrumada no dia do seu aniversário só ou todo dia?
- Todo dia!
- Mas, no dia do nosso aniversário, no dia que a gente vai receber uma visita na nossa casa, a gente não arruma a nossa casa melhor?
- Sim!
- Vocês gostariam que uma visitinha chegasse na casa de vocês e que encontrassem brinquedos espalhados, a casa toda cheia de

papel, cheia de comida jogada. Copos espalhados, banheiro com cheiro de xixi, vocês iam gostar disso?

- Rrsrsrs...

- Não!

- E nesse dia que a gente convida um amiguinho, que a gente vai fazer aniversário, a gente não gosta de deixar a nossa casa limpinha?

- Sim!

- E nesse dia que, a gente faz aniversário ou que a gente vai no aniversário de alguém, a gente vai descabelado?

- Não!

- A gente vai sem tomar banho?

- Não!

- Roupa feia?

- Não!

- Vocês pegam a melhor roupa de vocês?

- Sim!

- O melhor calçado de vocês?

- Sim!

- Então, vocês vão bonitos para o aniversário?

- Sim!

- Que gracinha! Olha só, o menino Jesus, quando ele nasceu e começou a comemorar o aniversário dele. Ele também queria que as coisas ficassem muito bonitas igual vocês ficam bonitos. Aí o que as pessoas começaram a fazer, começaram a arrumar a casa delas para casa ficar bem bonita, para receber o menino Jesus. Só que o menino Jesus, ele cresceu, aí depois que ele estava maior que já estava adulto, ele morreu na cruz, depois ele ressuscitou. O quê que é ressuscitou? Ele nasceu de novo e fica no céu, não é?

- Ele virou um **anjinho**.

- Ele não virou um anjinho ele virou um Rei do Céu.

- Exatamente, Chogan.

- Quem que é o pai de Jesus?

- Deus.

- Deus é só pai do menino Jesus?

- Não!



- Deus é pai de todos nós. Então, vocês sabiam que são irmãos de Jesus?

- Sim!

- Sabiam, né? Gente vocês são muitos inteligentes! Então, olha só o que acontece, todo Natal as famílias arrumam, porque sabem que nesta data a gente comemora o aniversário de Jesus. Aí teve um homem, que resolveu montar uma coisa que a gente chama presépio, o que é um presépio? É uma representação, igual quando a gente faz uma representação de desenho das histórias que a gente escuta. A tia Jurandir de vez em quando conta uma história e fala assim: “vamos fazer um desenho da história?” não é assim?



- Esse presépio é uma representação do nascimento, do dia de nascimento do menino Jesus, aí o que acontece nesse dia, oh nesse presépio? Aí aparece o menino Jesus, aparece a mãe dele que é Maria, aparece o pai dele aqui na terra que é o José e aparece quem foi visitar o menino Jesus. Deus mesmo ficou lá do céu observando tudo, os animais, vocês vão ver.

- Eu vou contar uma historinha para vocês, para vocês verem como que aconteceu, só que o menino Jesus todo ano ele visita o coração da gente. Vocês sabiam disso?

- Não!

- Ele está lá no céu e fica observando tudo que a gente faz, na época de natal, ele se transforma naquele bebezinho lindo e quer ir morar em **um coraçãozinho cheio de luz**. Só que ele viu que tinha muitas crianças, muitas mulheres, muitos homens que tinha um **coração tão feio**, porque era tão maldoso. Que o coração era escuro e o menino Jesus quer ficar em um lugar escuro?



EntreCortejos

Uma disputa: coraçãozinho bondoso versus coraçãozinho maldoso. Um sistema de valores se constitui: o primeiro, lindo e cheio de luz; o segundo, feio e escuro. Como se fabrica uma infância na disputa desses sistemas de valores?

- Não!

- E como a gente faz para o coraçãozinho ficar cheio de luz?

- Ficar feliz, ter alegria, amor, ter carinho.

- Amor!

- Verdade!

- Nossa, vocês são muito inteligentes! O nosso coração, ele só fica cheio de luz, se a gente jogar fora primeiro as coisas feias que estão dentro dele. Quando limpamos a casa, a gente varre o lixo, você guarda o lixo no seu armário?

- Não!

- Você joga fora, né? E como a gente limpa o nosso coração? Vocês varrem o coração?

- Não!

- O nosso coração, só limpa, quando a gente vira crianças, mulheres e homens de bom coração. Como a gente faz isso? Sendo educado, sendo respeitador, não falando nome feio, obedecendo as professoras, obedecendo o papai e a mamãe, cuidando bem dos coleguinhos que precisam da gente. Vocês iam gostar de morar em um lugar sujo?



- Não!

- Pois é, então! Deus quando estava lá em cima, ele percebeu que o coração de muita gente estava escuro, eles viviam em uma escuridão, tudo sem luz, as pessoas eram tristes. Não tinham amor no coração, aí Deus não ficou feliz com aquilo, ele pensou, pensou e falou: “eu vou mandar o meu filho, o Jesus, lá para a Terra para ele ensinar essas pessoas a ter bom coração”. Só que antes dele mandar o filho dele, ele chamou quatro anjos e falou assim: “vai lá para a terra e avisa as pessoas que o menino Jesus estava chegando” e o primeiro anjo que ele mandou tinha asas azuis. O anjo azul foi lá no trono de Deus, pegou uma luz com o formato de uma velinha, desceu com a aquela vela foi levando luz para a terra. Quando ele chegou, primeiro preparou a chuva, a chuva lavou as pedrinhas e começaram a aparecer pedrinhas coloridas. Vocês viram que essa noite choveu muito? Vocês viram que começou a chover?

- Sim!

- É porque o anjo já deve estar chegando, gente eu quero que vocês prestem atenção na história, o anjo azul já deve estar chegando limpando toda a sujeira que aparece nas ruas e nas terras. Esse aqui o anjo da natureza que cuida de todas as pedrinhas e que cuida da chuva. Com essa chuva, começou também a molhar a terrinha, começou a nascer um monte de semente um monte de plantinhas. Então, Deus chamou o segundo anjo para avisar todo mundo na Terra a cada criança, a cada mulher, a cada homem que o filho dele já estava chegando. O segundo anjo que ele chamou tem asas verdes, esse anjo de asas verdes ele foi também no trono de Deus, pegou uma luz bem brilhante, trouxe para Terra e começou a iluminar toda a natureza, toda a plantinha que ele via começou a brotar florzinha. Vocês já repararam que a natureza agora está ficando cheia de florzinha?

- Sim!

- Porque eu estou achando que o anjo verde também está chegando.

- Lá embaixo tem umas florzinhas.

- Você viu como elas estão crescendo?

- Huhum!

- Estou achando que o anjo verde também está chegando...

- Tia! O azul é da água.
- É o da água e das pedrinhas, o verde é das plantinhas, ele mandou o terceiro anjo.
- Tia!
- Vamos escutar a história primeiro e depois você pergunta? Pode ser? Depois ele mandou o terceiro anjo, o terceiro anjo, tinha asas amarelas. Esse anjo chegou no trono de Deus pegou uma luz bem linda que estava lá, trouxe bem devagarzinho e foi devagar, devagar...
- Parece um sol.



- Ele chegou, já estava quase anoitecendo, ele foi responsável de avisar todos os animais que Jesus ia nascer. Então, as abelhas começaram a fazer mel, as borboletas coloriram as asas delas, os animais começaram a falar um para os outros do nascimento de Jesus. Vocês viram lá com a musiquinha da tia Mhina.

- Sim!

- Como que o boizinho faz? Onde! Onde! E o cabritinho lá com as ovelhinhas como é que fala? Beeelém! Beeelém! E os animais foram espalhando para todos os lugares, que o menino Jesus estava chegando, foi, então que Deus chamou os animais. E, agora, o quarto anjo, que é o anjo mais poderoso que é anjo das asas vermelhas.

- Ahhhh!

- Ele pegou a luz mais forte do trono de Deus, trouxe aqui para Terra e Deus falou com ele: “eu quero que você avise a todos da chegada do meu filho”. Então, o anjo veio com essa luz e iluminou o coração de cada criança, de cada mulher e cada homem. Eles ficaram sabendo que estava bem próximo do dia do nascimento do menino Jesus. O nosso presépio nós vamos ter José que é o pai do menino Jesus aqui na terra, a tia Jurandir faz ele sem rosto, sabe por quê? A gente não tem vários sentimentos no rosto da gente?

- Sim.

- Aí ele estando sem rosto, a gente pode imaginar se ele está feliz, se ele está triste, se ele está esperançoso, se ele está nervoso. Então, a gente vai imaginando toda a carinha que ele faz.

- Tia! Já estou imaginando...

- Vai imaginando!

- Depois, vocês vão me ajudar a montar esse presépio, tá?
- Ehhh!
- Sabe, porque, está faltando algumas coisas que depois eu vou explicar para vocês. Mas?
- Por quê?
- Eu vou explicar, mas José, Maria e o menino Jesus são conhecidos como a sagrada família. Eles são uma família e são muito sagrados, porque Deus, oh! Cuida muito deles, porque eles cuidaram do menino Jesus, essa é a Maria.



- Ai, que linda! Ela de azul e ele de rosa.
- E a pessoa mais importante dessa data.
- Jesus! Que bonitinho!
- Então, essa história que os anjos descem e vão preparando tudo para a chegada do menino Jesus, vocês vão me ajudar a fazer esse presépio ficar bem bonito para o menino Jesus. A primeira tarefa, olha só tem tarefa que é de coração, vocês não são obrigados a fazer, ninguém aqui vai ser obrigado a fazer, mas quem tiver bom coração vai lembrar, primeira tarefa muito, muito importante, ter bom coração. Vocês conseguem?
- Sim!
- Ótimo!
- Vocês vão ter duas tarefas essa semana, uma tarefa é quando vocês estiverem andando na rua, ou em casa ou na hora que vocês saírem com a mamãe e com o papai. Se vocês olharem na natureza e acharem uma pedra que foi lavada pela chuva, uma pedra que vocês falam assim: “nossa que pedra bonitinha”, por exemplo, deixa eu achar uma pedra aqui. Aí vocês vão trazer a pedra de

vocês e vão colocar aqui no presépio, essa pedra quem trouxe foi de uma criancinha do ano passado, deixou de presente para o menino Jesus. Outra pedrinha que eu ganhei também para colocar no presépio, só um minutinho.

- ohhhaaá!

- São mini pedras, senta por favor, perguntaram se podia ter concha.

- Pode?

- Oh, a tarefa de vocês vai ser pedrinhas, tia tem que ser branca? Não! É uma pedra que vocês vão bater o olho e vai falar assim: “Nossa! Eu vou levar essa para colocar no presépio tem que tocar o coração de vocês, tá?”

- Aonde vocês estavam mesmo amor? Ah, era lá, né?

- Tem que ser uma bem limpinha.

- Vocês já vão ter lavado ela, né? Essa foi a primeira. Olha só, a tarefa que vai ser trazer pedra e trazer plantinhas, só que olha só, as plantinhas podem ser arrancadas da terra?



- Não!

- Tem que deixar na natureza para ela ficar bonita. Então, como a gente vai trazer plantinha? Tem algumas maneiras ou traz um vasinho pequenininho que a mamãe ou a família deixar, porque tudo tem que ser conversado com a família. Porque se a gente vai cuidar da sagrada família, a gente tem que cuidar da nossa família, por que gente pode mentir para a família da gente?

- Não!

- Se não o nosso coração fica sujo. Aí vocês vão falar: “mãe, pai, vó, eu tenho duas tarefas, levar pedrinha e levar elementos da natureza. O que são elementos da natureza? Um galhinho

seco, uma folhinha que já caiu da árvore lá, mas que está bonitinha. Eu posso pegar aquela folhinha que está cheia de barro para colocar aqui no presépio?

- Não!

- Mas, tem uma folhinha seca caída lá, eu posso pegar para trazer para o presépio?

- Sim!

- Ah, minha mãe tem um vasinho assim e falou que eu posso trazer para colocar no presépio, pode trazer? Pode! Aí a gente vai colocando aqui, uma outra plantinha, por exemplo, igual aqui olha me trouxeram uma casca de árvore, tá vendo? Não estragaram a árvore e aí ela vai fazer parte do nosso presépio. Um pedacinho de tronco da natureza.

- Tia, eu posso falar uma coisa?

- Ahhhhh, uma pinha, mas olha só, agora, exatamente, olha escuta, Sami vai de van como ela vai achar coisas no meio do caminho? Muito provavelmente não vai? Mas, você só fica presa dentro de casa ou costuma sair na rua com a sua família, com a mamãe, com o papai. Você costuma dar uma passeada?

- Às vezes para o Bahamas.

- Então, será que no caminho para o Bahamas, você não acha uma pedrinha? Eu acho que acha! Tem criança aqui que mora em apartamento, mas só de atravessar a rua já vê pedrinha, tem criança que mora em algum lugar que a mãe as vezes não deixa ir à rua sabe, Taciguara? A mãe não deixa ir à rua, mas as vezes em casa tem uma plantinha que tem uma pedrinha. Aí sabe uma vez o que uma criança trouxe para enfeitar o nosso presépio? Uma pedrinha do aquário. Ela tinha um aquário em casa e ela falou: “Mãe estou precisando de pedrinha, eu posso pegar a pedrinha...”. Ela autorizou e ele trouxe a pedrinha. Vocês primeiro, vão pensar nessas duas tarefas, depois vocês vão ter mais uma.

- Nãaaaoooo!

- Já vai pensando, o anjo azul das pedras, o anjo verde é o que?

- Das plantas.

- E o anjo amarelo?

- Do sol.

- Dos animais. Olha os animaizinhos chegando...



- Tia!



- **Cadê o burro?**

- Pessoal, prestem atenção! Escuta, escuta, um minutinho. Nem todos vocês vão poder trazer bichinho de casa, o que a gente pode fazer? A gente vai poder fazer um desenho de algum animal, a gente já fez animal o ano inteiro, se eu não conseguir trazer um animalzinho para o presépio, eu desenho um animalzinho.

- Alguém falou burrinho, alguém falou ovelha, aí, por exemplo, a gente pode fazer um desenho bem lindo, porque para pôr no presépio tem que ser coisa bonita.

- Pode colocar um cavalinho?

-Pode! Só que para você trazer o cavalinho da sua casa. O quê que você vai ter que fazer?

- Pode ser um branquinho?

- Depois, eu vou te devolver, tá? As suas coisas que ficarem aqui, o que for de vocês, depois, eu devolvo, porque vai ficar aqui até acabar a nossa aula. Tudo bem? Vocês topam montar o presépio comigo?

- Sim!

-De verdade?

- Sim!

- Nossa, mas o menino Jesus vai ficar muito feliz com vocês! E o menino Jesus é tão bonzinho. Sabe o que ele fez? O aniversário é dele, mas quem ganha presente é quem?

- A gente.

- **Tia! Eu posso falar uma coisa:** “Ele não é só o Deus do Céu é do Céu e da Terra”.

- Tia, lá em casa tem muita terra e muita planta.

- Mas olha só, você não vai trazer, eu não quero que você traga. Tipo assim, uma sacola cheia de planta nem vai caber aqui é punhadinho, tá bom? É vocês não vão trazer uma pedra para mim de construção né, gente? Se não, eu vou ter que colocar na cabeça de vocês! Pode falar, ele está esperando aqui educadamente, só vou conversar com quem... Não adianta falar oh, tia! Eu não escuto a palavra tia mais, o meu ouvido agora eu fiz uma operação aqui quando fala, oh tia! Oh tia! Ele apaga. Pode falar:

- Tem uma planta que está meio jogada no caminho. Ela não está seca, seca, ela ainda meio que tipo tem flores.

- Entendi, tá entendi.

- Pode trazer um pouquinho de pedra branca e um potinho de ...

- Pode! Mas, aí tudo conversando com a mãe. Mas, tem que conversar com quem?

- Com a mãe!

- Exatamente, Deus não gosta de mentira! **Deus gosta de criança desobediente?**

- Não! E nem de mentira.



EntreCortejos

Uma disputa: criança obediente x criança desobediente um sistema de valores se constitui da primeira Deus gosta, da segunda, Deus desgosta. Como se fabrica uma disputa nesse sistema de valores?

- Pois é, mas tem hora que eu vejo criança que não está obedecendo na sala. Será que Deus e o menino Jesus está gostando disso?

-Não!

- É o que eu penso!

- Lá na minha casa, também tem folha seca, pedras de várias cores.

- Então, você vai escolher a que você achar mais bonita vai conversar com o papai e traz para gente, combinado?

- Fala:

- Eu tenho um monte de conchinha em casa.

- Então, fala com a mamãe, explica para ela o que a gente está fazendo. Se você pode trazer aí a gente coloca no nosso presépio. Combinado?

- Às vezes sua mãe libera uma para gente. Só que tem que ser o quê? Conversado!

- Eu vou pedir a minha mãe uma plantinha, aí se a minha mãe deixar eu pegar uma, eu trago para cá.

- Mas essa coisa do comprar gente, eu acho meio complicado, porque as vezes a mamãe não tem dinheiro para comprar e eu não quero.

- Ela tem dinheiro.

- Não, não, não! Você não sabe isso, quem sabe isso é a sua mãe. Então, ela é que vai resolver. Sabe por quê? Quando eu faço pirraça, Kenai, eu quero, eu quero uma coisa, isso não é ser um menino de bom coração. Se a mamãe fala, hoje não dá para comprar isso, hoje eu não posso comprar isso, a gente obedece ou não?

- Sim!

- Não tem que fazer pirraça, não! Igual chutar carro ou fazer umas coisas feias, menino assim com o coração feio faz, mas o seu coração agora é bonito, né? Agora, é só quem não falou agora a última vez, tá?

- E eu vou trazer um filme para vocês de Natal!

- Ehhhhh!

- Lá em casa tem um tantão de pedras.

- Mas, tudo combinado, né? Agora, prestem a atenção, abaixem o dedinho e prestem atenção, vocês vão fazer para mim o desenho do presépio. Só que esse momento que a gente tem, que a gente está preparando o presépio, chama advento. A palavra advento

significa preparação para algo novo que vai chegar, na verdade, a palavra advento significa chegada de algo novo. Quem que vai chegar? O menino Jesus, então, durante o advento que a gente está esperando o menino Jesus, a gente se prepara para ser uma pessoa melhor. Então, nós estamos na época do advento, tá bom? Todo mundo se preparando para a chegada do menino Jesus, na hora que a gente for colocar as coisas aqui, a gente vai cantar uma musiquinha que eu aprendi com a tia Mhina. A música é assim, oh:

- Advento, advento, uma luz, reluz. (2x)

- O anjo não vai pegar a luz, lá? Aí ela reluz, porque ela brilha muito, aí a gente fala a palavra advento duas vezes, vamos...

- Uma após a outra anunciando Jesus.

- A partir de amanhã, a tia Jurandir vai trazer a velinha, uma e depois a outra até a gente chegar no menino Jesus. Tá bom? Vamos cantar esse pedacinho da música de novo.



- Vocês sabem o que é anunciar?

- Sim!

- É o que?

- Falar.



- Nossa Jesus está chegando.

- Agora eu vou anunciar uma coisa para vocês, nós vamos sentar e vocês vão fazer o desenho mais lindo do presépio que vocês conseguirem, combinado? Eu vou pegar a folha para vocês.

A antiga capitã da guarda, também inventou de tocar flauta no Auto de Natal, a professora de música falou assim para a coordenadora da escola:



- Mas, Mhina você nem me falou que ia ter que ensaiar para tocar flauta com os meninos.

Ela respondeu:

- Mas nem eu, os meninos é que inventaram isso.

Assim, a professora começou a ensaiar com três crianças, depois surgiram mais duas menores e antes dos ensaios a professora dizia:

-Vamos começar, então? Vamos tentar a primeira, a segunda e a terceira, beleza? Respira fundo, coloca as mãozinhas no lugar aí, vamos lá? Se organiza aí....

- Charminique, oh! Quando a gente precisa de uma nota, eu anotei aqui as posições, então, tipo, não olha para a minha mão. Você vai precisar decorar para fazer sozinha. Tá bem? Se não você fica parecendo um espelho. Então, olha para cá, não sabe a nota, eu coloquei, sol, lá, dó, si, ré e o mi grave. Se você perceber que tem uma parte que você não sabe, não sopra, porque é melhor respirar e se organizar do que tocar desafinado.





No dia do cortejo o palco já estava montado, as crianças chegaram mais cedo, ensaiaram as músicas e se vestiram. Antes de iniciar o cortejo, a coordenadora cantou com as crianças para acalmá-las, em seguida, explicou para cada uma como seria a entrada de acordo com os seus respectivos papéis.



EntreCortejos

Quais são os efeitos do Cortejo Auto de Natal?

Ao acompanhar o Cortejo Auto de Natal, pude perceber o quanto ele é naturalizado, as famílias não questionam o teor religioso como na Coroação de Reis. Uma disputa antiga? De algum modo a entrada do boi no Auto de Natal profana esse cortejo. “No Cortejo de Natal, o breve encerramento de um ciclo e as notícias daquilo que virá. Promessas de um futuro permeadas pelos sonhos do presente, contados pelos ancestrais” (DOCUMENTO DA ESCOLA, p.8, 2020). O Auto de Natal não é realizado em uma escola cristã, sendo este, o último cortejo do ano. A ideia de trazer as notícias do que virá está articulada a constante atualização do currículo? O documento também traz esse cortejo como luz, renovação e esperança. Uma aproximação com a História da Menina da Lanterna? A serviço de que fabricação da infância o Auto de Natal se coloca?

Assim, o cortejo começou, duas professoras e uma criança entraram com o estandarte e a entregaram para os diretores da escola que já estavam no palco.



Depois, adentraram os cordões vermelhos e azuis, as pastorzinhas com o boi dançando em volta delas. As borboletas dançando, uma azul e a outra vermelha e agradeceram a todos em cima do palco. As estrelas entraram e se direcionaram atrás das cadeiras. Os dois pastorzinhos também, trazendo os seus **carnerinhos**, acenando com os seus chapéus, até a chegada do anjo com o canto de noite feliz.



A questão religiosa também atravessa fortemente esse cortejo, se transforma em uma espécie de apaziguamento dos conflitos que são gerados na Coroação de Reis, as questões que perpassam a religião de matriz africana. Ao decorrer da minha participação no Auto Natal, não percebi nenhum conflito ao trazer o nascimento do menino Jesus, Maria e José para este cortejo. Por que no natal a questão religiosa para as famílias também não se revela como um problema? Talvez as crianças do quinto ano e todas as aprendizagens que tiveram ao longo das aulas de história estejam aptas a **problematizar**

essa questão, afinal tudo é fabricação... Fabricação e disputas que se remetem a memórias e histórias muito antigas.



EntreCortejos (Fabricação...)

“Nós entendemos que as perguntas são que ensinam, as respostas que nos fazem aprender”

(BISPO DOS SANTOS, 2020).

Para que a tese é toda colorida?

Desde a transformação pedagógica **as cores vivas** tomaram conta da escola, isso se faz presente nos cortejos, nas fabricações de desenhos, pinturas, objetos, tecidos de cores diferentes, tecidos de chita, murais coloridos, fantasias coloridas, fitas coloridas (DOCUMENTO DA ESCOLA, 2013). Assim, a tese foi sendo fabricada, junto com o próprio movimento da escola e a alegria das cores dos cortejos e da infância também invadiram esta tese. Mais uma porta se abriu...

Problematizações do Auto de Natal

Ao me deparar com o Auto de Natal confesso ter me sentido travada, a questão que emergia era à seguinte: Como problematizar esse cortejo sem cair na arapuca do julgamento? Então, a problematização realizada aqui, não se refere a atuação da escola ou de professores/as, mas da lógica cristã que atravessa o conjunto social. E a partir daí várias questões foram surgindo: Será que a escola e outras instituições são laicas como prega a lei? Entendo que pensando a partir da lógica de fabricação de sujeitos, um ateu também segue os valores cristãos, porque já foram naturalizados, não há como negar a história que nos atravessa e nos fabrica. Outras questões iam tomando conta do meu pensamento: O Auto de Natal naturalizado e apaziguado na escola seria uma imposição da colonização? Por que a cultura cristã impediu e ainda impede o fortalecimento da cultura africana? Essas são também relações de forças que buscam manter a cultura europeia no controle do poder favorecendo a manutenção do capitalismo? O poder disciplinar discutido por Foucault fabrica corpos silenciosos, obedientes e submissos, tornando-os dóceis, organizados e homogêneos. Seria essa uma lógica de neutralização e negação da diversidade? Um princípio fundamentado na essência humana que busca formar um sujeito ideal e produtivo? A religiosidade também é violenta quando faz um jogo entre bem e mal?

UMA PESQUISA EM ENCANTOS

Por: Júlia Maria Ferreira Leite (Este texto consta em sua tese).

Uma escola em cortejos segue. Festejo, Cor, Produção, Artesania... Fabricação. Na pesquisa, segue um cortejo conceitual. Academia outra. Quatro cortejos em pesquisa dando a ver infâncias em maquinações. Quatro cortejos a se fazer. Um ciclo anual. Intensificação dos fios das tensões da escola. Uma escola a se (in)ventar. Maquinar. Fabricar. Infânciar.

Uma pesquisa em encantos. No primeiro estandarte, brilha a imagem de uma lanterna. Menina meiga a iluminar caminhos. Distribui luz por onde passa. Traz uma mensagem aos olhos que brilham por aquela magia. As crianças mais velhas fabricam os artefatos para os pequeninhos. A comunidade se fortalece. Quem é mais velho hoje, já foi pequenininho um dia e ganhou seu artefato das mãos dos que estavam lá na frente, quase se formando. A comunidade gira.

No segundo estandarte, brilha uma coroa. Faz-se um rei. A escola se agita no processo. Há que se escolher um rei. Um rei menino, um rei negro, um rei orgulho, uma reconstrução. A escola se agita. Chico Rei, a escravidão, os ritos e a resistência. A resistência do povo negro. (E há incômodos... daqueles que não querem bater tambor). A escola sempre se agita. Uma força dentro da escola faz reinar uma pedagogia. Outras forças dentro da escola fazem questionar uma pedagogia.

No terceiro estandarte, brilha o Auto de Natal. Não é festa religiosa. (Agora, isso não se questiona). Apenas uma louvação ao nascimento, ao recomeço. Não é festa religiosa, mas houve um presépio e nele brilhavam anjinhos de luz. Não é festa religiosa, mas há uma mãe santa e um pai santo e um divino menino deitado no presépio. Não é festa religiosa porque a escola é laica. A escola é laica? É diversa? O último estandarte, será o primeiro em verdade. Nele, brilhará um boi.

Bumba meu

(LEITE, Júlia Maria Ferreira. Componente TRAVESSIA do grupo de pesquisa, em sua produção escrita junto a leitura desta pesquisa/Escrita Realizada em 2021, p.68-69).

BOI BUMBÁ



Oi, tia! Tem muito tempo que você trabalha nesta escola?

- Eu não trabalho aqui, mas já tem algum tempo que estou na escola.
- Se você está aqui há algum tempo, você deve conhecer o Boi Estrela, ele é o mais famoso da escola!

Esta criança me parou no corredor para fazer uma pergunta, me parece que foi motivada pelos movimentos do cortejo junino que se alastrava pela escola, já era possível ver professoras confeccionando balões de papel, outras bandeirinhas coloridas, encenações da história do boi já aconteciam em algumas salas de aula. Então, depois desta conversa, subi para a aula da professora Ayana que começou a discutir com os seus alunos a Festa Junina e as suas relações com o boi:

- O boi esse elemento aqui, vocês sabiam que quando os portugueses aqui chegaram, não existia boi no Brasil, não existia! Os nossos indígenas não conheciam bois e não conheciam cavalos. Vocês estão lembrados de uma parte da história das Icamiabas, que fala que quando elas queriam galopar, em quê que elas montavam?

- Porcos selvagens!

- Porcos selvagens, é isso? Aí vocês me perguntam assim: “Mas por quê que ela montou num porco selvagem e não num cavalo?” Porque não existia! Os nossos indígenas de pindorama, não conheciam esses dois animais, esses dois seres. Quem introduz esses dois seres na nossa cultura?

- Os portugueses.

- O português traz esse boi e o boi, inicialmente, ele vem para trabalhar, porque o boi é aquele animal...

- Malik, presta a atenção e se concentra!

- Ele é forte!

- Exatamente! Ele é um animal forte, ele consegue puxar, ele consegue fracionar, ele é capaz de mover carroças, carros de boi, porque ele tem uma força física muito grande. Então, quando eles trazem esse boi, o boi vira esse elemento de força nas culturas. Hoje em dia, até tentaram substituir por máquinas, mas hoje em dia nós estamos falando de 1.500, né? Gente! Então, nessa época, a força era dada pelos animais e o animal que trazia essa força era o boi. Como se fosse um símbolo de força mesmo! Então, aos poucos o boi foi sendo visto como aquele animal forte, que trazia a força, que arrastava o peso para terra, que carregava o peso que os humanos não conseguiam carregar. Aí o boi, quando a colheita acontecia, o quê que eles também reverenciavam em agradecimento?

- O boi.

- O boi que tinha ajudado a colheita! E esse boi, ele vai aparecendo nas festas, não são em todas as festas em algumas festas.



- Nem sempre é o mesmo boi, tá? Pode ser um boi branco, pode ser um boi preto, pode ser um boi manchado. O nosso boizinho Estrela, ele é um boizinho que vem da cultura do Maranhão que é chamado Boi de Pindaré, Boi de Matraca. Esse boi aqui é preto, o Boi de Pindaré é preto, ele é um boi preto. Alguns lugares chamam: boi da cara preta, outros lugares chamam de Boi Bumbá, outros lugares chamam de Bumba meu Boi, mas ele vai ser esse animal que vai comemorar nas festas a força. Aí, em algumas festas, nas festas juninas, por exemplo, o Apoena viu o boi na Folia de Reis, realmente pode aparecer na Folia de Reis. Eu já falei para vocês, qual é o outro cortejo que é muito comum o boi aparecer no Norte, nessa região que nós estamos estudando aqui agora, olha? Tem dois bois aqui que fazem a festa no Amazonas, alguém já ouviu falar no Boi Garantido e no Boi Caprichoso?

- Ah, sim!

- A festa de carnaval de Paritins? É a festa do boi, hoje ela também se transformou em um espetáculo, mas ela é uma festa que vai mostrar a disputa de dois bois, o Boi Garantido e o Boi Caprichoso. Assim, como a gente hoje tem várias torcidas de futebol, lá também tem o grupo que é a torcida do Boi Caprichoso e o grupo que é a torcida do Boi Garantido. Todos os dois representam força, aí eles simulam, a festa, simulam um duelo, uma disputa entre os dois, quem ganha e quem não ganha. Enfim, a gente também tem nas festas de carnaval o boi, não só nas festas juninas, mas aqui na escola. A gente tem a prática de trazer o boi para as nossas festas e o nosso boi é o boi do Maranhão, é o Boi de Pindaré, é o Boi Estrela. E ele tem uma história, quem sabe contar a história do Boi Estrela? Então quem quer começar essa história?



- Eu!!!

- O Apoena começa e vocês vão completando, tá? Apoena...



- Tinha um casal.

- Conta mesmo a história como se você estivesse contando uma narrativa.

-Era uma noite bem fria, no meio da roça, existia um casal que um se chamava... Esqueci o nome.

- Chico e Catirina.

- É, a gente aqui chama de Catirina, mas ela também tem nomes diferentes, nas culturas diferentes, tá? Só que nós a chamamos de:

- **Catirina.**

- Como ela estava grávida, ela pediu para o marido dela: “Chico me dá uma língua de boi”. Aí ele falou: “Tá bom!”. Aí ela falou: “Não! Eu quero a língua do Boi Estrela”. Então, ele falou: “Do Boi Estrela? Do boi do chefe, o mais preferido? Eu não posso, se não ele vai me arrancar o pescoço”. Aí ela falou: “Se você não pegar essa língua do boi nosso filho vai nascer com cara de bezerro”. Aí essa parte eu esqueci.

- Aí ele pegou e matou o boi.

- Não! Ele não matou o boi! Aí ele tirou a língua do boi...

-Ai, lembrei!

- Deixa o Sekani continuar esse pedacinho.

- Naquela noite, aí tipo, quando amanheceu, mas só que o boi não queria acordar de jeito nenhum.

- Parecia que ele estava morto!

- Alguém quer mais falar?

- Aí, depois disso ele tentou chamar um **médico** e ele.

- Não! Mas, antes disso...

- O chefe lá, o Coronel ficou sabendo e ele falou assim: “Não! Não pode! Eu posso pagar para ele voltar a viver”. Aí ele tentou fazer voltar a vida, aí ele foi lá naquele médico Doutor Pinico Branco, aí eles pagaram lá para ele. Aí ele aplicou uma injeção no boi e o boi mal mexeu, só que ele não levantou, ele continuou lá. Aí o Chico virou e falou assim: “Não! Mas, eu conheço, uma moça lá que ela...”

- Uma bruxa!

- Uma feiticeira!

- É e ela vai lá e ela pode ajudar, aí tipo a Catirina levou o boi lá, aí essa parte eu não lembro.

- Alguém ajuda!





- Ela disse que precisava contar dez espirros.
- 5 espirros.
- É cinco espirros, aí depois de 5 espirros, o boi começa a dançar com as fitas dele todas rodando.
- Isso! E ele ressurgue, né? Cria vida novamente.
- Como ela chama?
- Margarida de Colocó.
- Então, essa história do Boi Estrela de Pindaré que a gente conta aqui na escola, ela é uma história que todo ano a gente conta! É uma história que representa. O quê que é uma representação? O quê que essa história quer dizer com esses personagens? Então, a gente tem alguns personagens. Quem são esses personagens? O nosso colega ali falou, né? A gente tem Chico, que é o apelido do **Pai Francisco**, ou Chico. Nós temos a esposa dele, Catirina, que está grávida. Nós temos o Boi Estrela como um personagem. Nós temos o Coronel.

- Cara de pastel!

- Nós temos, o **Doutor Pinico Branco**, nós vamos ter a bezendeira **Margarida de Colocó**. Cada um desses personagens aqui, representa uma cultura ou um lugar nessa festa, nós temos a Catirina e o Pai Francisco. O quê que eles são nessa festa? O quê que eles fazem?

- O casal que toma conta do boi.

- O casal que toma conta do boi, então eles representam as pessoas que vivem na roça, isso! Eles representam os lavradores, pessoas que trabalham na terra, porque é isso que eles são o Chico e a Catirina são as pessoas que trabalham para o Coronel. Eles são empregados do Coronel, certo?

- Tia, tem uma coisa que o pessoal acredita que se não comer determinada coisa, o filho nasce com cara daquela coisa.

- Isso é **crença**, até hoje acontece muito. Várias pessoas aí quando querem comer alguma coisa vem com essa historinha para poder... Ainda é usada, é uma crença que continua que não está só com o Pai Francisco na história, né?

- Tia!

- E o Boi Estrela? Ele é o nosso personagem principal, né? Ele tem uma característica, ele é qualquer boi?

- Não!



EntreCortejos

Um dos primeiros movimentos da festa do boi, emerge a partir de uma formação pedagógica, junto aos professores com a participação da docente Juliana Manhães. Em uma manhã de sábado, participamos de uma reunião dinâmica que também envolvia [ritmo e dança](#).



A professora Juliana é uma pesquisadora de boi e contribuiu com vários movimentos que repercutiram no Cortejo Junino. Ela diz sobre crença e religião:

Cada um vai na sua crença, a gente não está nem falando de religião, eu estou falando de um lugar da relação do corpo com a natureza, né? E como o nosso corpo ressoa. Agora eu não estou falando de religião, estamos falando de lugares sagrados, nós somos sagrados, né? Nosso corpo é sagrado, nosso corpo casa [...]. Todas as relações, é importante acolher esses sagrados, independente de religião. Eu gosto de trazer, porque a gente aqui está falando de uma tradição festiva que fala do nosso contexto brasileiro, que fala da nossa diversidade. Ainda tem os povos originários que foram os mais massacrados desse país, que vem pelas figuras das índias que antigamente também não tinha índias, eram só índios, caciques, caboclos de pena.



- Ele se apresenta como? O boi mais lindo! O mais poderoso! O mais brilhante! O mais enfeitado! Ele é o mais querido do Coronel! E não é qualquer boi, se ele fosse qualquer boi a Catirina podia querer a língua de qualquer boi, mas não quer. Ela ainda fala: “Eu quero a língua desse boi”, desse boi que é forte, que é brilhante, que é genial, que é lindo, ela quer a língua desse boi, tá? E aí esse é Boi Estrela!

- Mas, ela quis a língua para comer?

- Era, porque ela estava grávida e teve o desejo de comer a língua desse boi, tá? Outro personagem dessa história?

- O Coronel.

- O Coronel quem é o Coronel nessa história?

- É o dono do boi!

- Qual é a personalidade do Coronel?

- É o chefe!

- Ele é o chefe!

- Mandão!

- Ele é o patrão, ele é o dono do boi, mas ele também é o patrão do Chico e da Catirina. O Chico e a Catirina, obedecem às ordens dele, então o Coronel é esse homem que manda. Que é autoritário, que chega, que manda, que dá ordens. Esse é o lugar do Coronel, por isso que todos os personagens que fazem o Coronel, fazem dessa forma. E o Doutor Pinico Branco?

- Ele é um doutor!

- O quê que a gente espera de um doutor?

- Que ele cuida do doente!

- Que ele tenha pelo menos um conhecimento, né? Só que esse doutor ele é mercenário, ele não tem o conhecimento, ainda cobra para não apresentar nada. Ele é mercenário! Por quê? Ele nem conhece, vocês lembram do início? É um rinoceronte? É um elefante? Ele custou para descobrir que era um boi, no entanto, ele inventou uma fórmula que é uma injeção, né? A gente acha que injeção resolve tudo? E aí ele traz a injeção com uma solução da medicina, do conhecimento dele para que o boi ressuscitasse, aí ele não consegue. O conhecimento que todo mundo achava que ele tinha, que ele é um doutor, não foi o suficiente ele não demonstrou esse conhecimento. Ele só foi lá para ganhar dinheiro por isso ele é um mercenário. No meio de tudo isso, chega à curadora, uma personagem que é interpretada como uma senhora, uma senhora humilde.

- Benzedeira!

- Que chega como benzedeira, mas aí a gente pensa assim, mas benzeção não vai resolver. Não é assim que muitas das vezes a gente pensa? E aí para essa história, para essa cultura quem vai trazer a vida ao boi, não é o doutor. Quem vai trazer vida ao boi, quem é importante, o que vai trazer vida e força é a benzeção.



EntreCortejos

Na reunião pedagógica Juliana Manhães diz sobre a cultura popular:

Falava muito em manifestação tradicional, falava muito cultura popular é uma manifestação tradicional. Aí eu me lembro, que começou a ter muita manifestação política nas ruas e as pessoas começaram a confundir um pouco as relações, né? Eu comecei a preferir falar mais dessas culturas populares, no lugar, no âmbito, assim, são as culturas tradicionais. Porque o popular é do povo, aí por falar de povo, vem a cultura de massa. O quê que é cultura de massa? O quê que é cultura de povo? Quando a gente tem na televisão e na internet que mostra tudo hoje em dia, então essa relação conceitual, ela se transformou e com a pandemia mais ainda. Por que até o ritual é apresentado ao vivo pelo celular, né? Como isso mudou? E vem mudando? O Antônio Nobrega é que fala, assim, a cultura popular lutou tanto, lutou tanto, que o termo desgastou. Nunca mais eu esqueci isso! Ele falou isso durante a pandemia, aí eu começo a falar das culturas tradicionais ou das culturas ancestrais, né? E ele gostava de trazer esses termos, não existe certo e errado, tá? São escolhas, escolhas e caminhos que a gente vai falando e vai tecendo.

- É tipo uma macumba, né?

As crianças estavam eufóricas, conversando umas com as outras, a professora concentrada no que dizia a elas não ouviu o comentário acima e continuou:

- É ela com o encantamento, com o poder de pensamento, com as mandingas que ela faz. É ela que vai dar vida para esse boi, não é a ciência do Doutor Pinico Branco, quem vai dar vida para o boi é a sabedoria popular com o conhecimento da benzedeira. Então, essa história, ela também é importante, porque ela mostra para gente que a medicina e a ciência não tem todas as respostas. As respostas também podem sair das sabedorias populares, podem sair da roça, podem sair de outros lugares.

- Oh, tia a ciência não resolve tudo, não!

- Exatamente!

- A tecnologia não é só a tecnologia digital que a gente conhece, né? E quando a benzedeira impõe sua mão e com a força do pensamento, ela movimenta energia e traz esse boi, também está dizendo isso para gente que isso é uma forma de conhecimento.

- E é isso que acontece! Quem ressuscita o boi novamente, não é o Doutor Pinico Branco mercenário, mas a nossa benzedeira Margarida de Colocó. Na volta, eu vou contar um pedacinho e nós vamos fazer um registro no caderno disso que a gente está conversando para a gente não se perder, tá bom? E aí depois, se der tempo, vocês vão fazer um registro com desenho e se não der, a gente faz amanhã e amanhã naquelas três aulas de língua portuguesa que nós temos ali. Eu vou trazer a história para vocês encenarem para mim, tá? E aí vocês farão os personagens.

- Oh, tia! Eu vou querer ser o boi!

- Então, pode vir aqui para fazer a fila aqui devagar, para a gente descer.



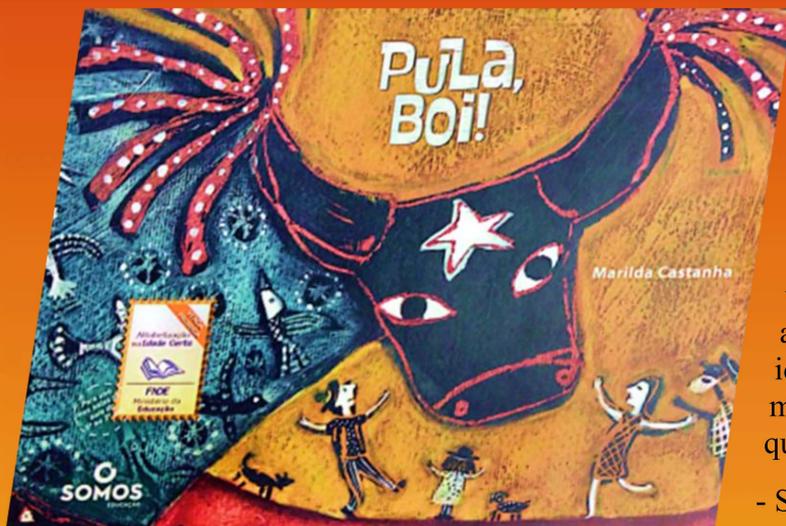
EntreCortejos

Na reunião pedagógica, Juliana Manhães discute sobre a vida e a morte do boi, articulando ao tempo espiralar:

O boi traz muito essa relação cíclica de vida, morte, renascimento e as toadas cantadas e a encenação falam disso, né? Falam de um boi que está feliz, que está ali vivo, de repente ele morre, ou ele fica doente aí tem que dar um jeito dele se recuperar, ou dele renascer, ressuscitar, né? Aí ele ressuscita, aí volta a festa, aí ele brinca, brinca, brinca e morre de novo. Aí casou para mim perfeitamente com a Leila do tempo espiralar que é o começo, o meio e o começo, não tem fim, né? A gente está sempre na vida, a gente achava, mas não, está tudo junto! Porque quando eu comecei de novo, eu já comecei de outro lugar e o boi traz muito essa relação cíclica de vida, morte, renascimento, as toadas cantadas e a encenação falam disso, né? Mas, aí Leila chega e traz que o nosso tempo é um tempo circular, é um tempo cíclico e isso nos une a uma outra relação que o Brasil tem muito que é a relação das festas.



E as professoras levavam a temática do boi para dentro da sala de aula, isso acontecia de diferentes modos, a docente do segundo ano contou uma história sobre o boi e depois fizeram uma fabricação sobre ela e assim disse:



- Olha só, hoje eu vou ler para vocês esse livro aqui que eu já tinha mostrado, Pula Boi! Lembra? Pula Boi que é da Marilda Castanha. Eu bolei uma atividade para gente fazer com esse livro aqui, é uma atividade que vai ser feita em grupos, tá? Então, olha só, eu vou ler, prestem a atenção! Eu vou fazer a leitura do livro para vocês terem uma ideia, é uma leitura que fala sobre boi, mas é uma outra versão, lembram sobre o que a gente já conversou?

- Sim!

- Sobre as diferenças nas histórias, na leitura.

- Na cultura, da Amazônia, do Brasil.

- De cada estado, né? Cada estado tem uma maneira diferente e também autores diferentes, tem autores que escrevem com uns personagens, tem autores que coloca outros, tem autor que escreve e que tira personagem. A maneira que a Tia Lauany conta é diferente da tia Mhina e foi diferente da maneira que vocês contaram, ok? Vocês contaram amor, você que não veio no dia, a história do boi aquele dia com os bonequinhos. Então, ela não veio no dia! Veio, ué! Você não lembra, não, amor? Cada um pegou um boneco para representar.

- Não!

- Então, tá! Então, vamos lá! Então, a primeira coisa que eu vou fazer, eu vou contar essa história do Pula Boi que é da Marilda Castanha. A maneira que ela conta a história do boi, vocês vão perceber que tem personagens idênticos, mas tem personagens diferentes. Depois, que vocês ouvirem com bastante atenção a história, prestando atenção nos personagens, prestando a atenção no que a história fala. Aí o que que eu vou fazer? Eu vou dividir a turma em grupos, cada grupo vai ficar responsável por fazer uma releitura. Lembra quando a gente fez uma releitura desmembrada e depois eu fiz um cartaz?

- Sim!



- Presta atenção Murici! Por favor, Murici!

- Vai ser a mesma coisa! Eu vou dar o material, eu vou fazer um seguinte, vou explicar uma vez só. Quem não estiver prestando a atenção, na hora da atividade, não vai saber! Eu vou pegar essa folha e vou dividir essa folha em quatro, cada grupo vai ficar com uma parte da folha, vou dar material para vocês fazerem à gente tem quatro ilustrações. Eu vou dividir em quatro grupos ou vou dividir em três, para eu ver como vai ser, cada grupo vai ficar responsável por uma ilustração. Essa ilustração não precisa preocupar com isso aqui, não precisa, eu só quero a imagem. Então, tem essa ilustração, tem essa ilustração, tem essa ilustração, tem essa ilustração e então a gente tem quatro, tá? O que eu vou fazer? Eu vou pegar os grupos, eu vou colocar, assim, a folha na parede. O grupo que ficar com essa imagem vai precisar fazer esses elementos, para depois a gente recontar e colocar aqui como se a gente fosse montar o quadro. Ok? “Ah, tia! Como que vai ser? Todo mundo pode fazer o boi?” Não! Vocês vão resolver entre vocês, quem vai fazer uma coisa, se pode colorir, um pode desenhar, o outro pode colorir, depois na hora de recortar eu vou ajudar. Recortar é a última coisa, aliás a penúltima, a última vai ser colar! Ah, então um pode desenhar o boi, o outro pode desenhar a mesa, um pode desenhar o quadro, a viola, isso aqui é uma janela, olha! Então, pode desenhar a janela com o cacto lá fora, com passarinho, desenhar, colorir, depois a gente vai recortar para poder colar no quadro. E aí vai vir o nome do grupo que fez essa imagem.

- Tia! Pode tipo desenhar tudo? Ou tem que desenhar uma e depois recortar?

- O que que eu acabei de falar? Recortar o quê?

- O último!

- Exatamente!

- Eu vou ajudar. Não vou deixar vocês recortarem, até porque gente, olha só, se você desenha a vaca e recorta ela.

- Não é vaca, é boi!

- Por exemplo, se ele desenha o boi, recorta antes de colorir, na hora de colorir não dá certo, tá?

- Porque aí vai colorir a mesa.

- Amassa! Colore a mesa, esquece de recortar, não estou nem pedindo para pegar a tesourinha agora. É desenhar e aí eu vou

fazer o quê? Ah, tia Lauany, eu resolvi que ao invés de fazer essa planta aqui no papel eu vou fazer o seguinte: eu vou desenhar essa janela na folha A4, mas essa árvore aqui eu vou desenhar direto no papel vermelho. Eu vou dar papel colorido para vocês, eu vou desenhar a árvore no papel colorido, depois a gente vai recortar e colar na janela. Ah, tia, eu resolvi que eu não quero fazer esse banco aqui, na folha branca para colorir, não! Eu quero fazer direto na folha colorida, faz o banquinho na folha verde, deixa que depois nós vamos recortar e colocar aqui. Então, vocês vão ter folha branca, vocês vão ter folha colorida e vocês vão fazer a atividade. Depois, nós vamos ajudar, cada um vai fazer um recorte e nós vamos colar, tá? E a colagem vai ser aqui, então nós vamos recriar essas cenas para colar aqui. Ok?

- Oh, tia e esse negócio aí é para colocar para a pessoa ver?

- Vai ser para colocar para gente ver.

- Oh, tia! Mas, pode desenhar direto nesse papel?

- Não!

- O papel, gente! Gente, a colega fez uma pergunta importante! Aquele papel nem vai ficar com vocês! Eu não vou entregar para vocês agora, ele vai ser utilizado como fundo, como uma tela, ok? Então, vocês vão desenhar ou na folha branca, ou como eu falei vocês desenham direto na folha colorida. Ok? Não precisa recortar, cada grupo vai ter uma imagem, então a gente precisa fazer isso hoje e amanhã. Se preferir fazer na folha branca e colorir também está, ok! Também vou deixar a folha branca. Na hora de fazer a atividade o quê que precisa? Concentração, silêncio...

- Atenção!

- Muito bem Chogan! Atenção...

- Calma!

- Calma, a escola está barulhenta, tem gente que vai ensaiar daqui a pouco. Se ficar todo mundo olhando para o lado, o desenho não fica legal, entendeu? Então, na hora de fazer, concentra, conversa com o seu amigo, você vai fazer o quê? Eu vou fazer isso, eu vou fazer aquilo, conversa com os amigos. Se todo mundo for brigar para fazer o boi, eu paro ali e vou dar para outro grupo fazer primeiro, tá? É um tipo de atividade que vocês já fizeram! Ok? Entenderam como vai ser a atividade de hoje para amanhã?

- Sim!

- Mas, olha só, deixa eu falar um negócio com vocês! Deixa eu **ler a história**, porque na hora que eu montar o grupo aí vocês vão saber o que cada um vai fazer. Aí eu vou tirando dúvida nas mesas, porque se eu for começar a tirar dúvida agora, a gente não vai nem ver direito, tá? Pode ser? E aí na hora que for para montar



os grupos, vocês montam e aí eu vou explicando, você pode fazer desse jeito vai ser melhor, tá?

EntreCortejos (Fabricação...)

“Nós entendemos que as perguntas são que ensinam, as respostas que nos fazem aprender”

(BISPO DOS SANTOS, 2020).

Como a menina da história, enquanto pesquisadora tive um encontro com a escola, professores, crianças, famílias, lanternas, Coroação de Reis, Auto de Natal, Boi Bumbá, cortejos... Também me desloquei da cidade que nasci, para fabricar uma pesquisa que envolve a história, o segredo das festas. Segredo? Ou profanação do sagrado? A cada dia na escola anotações, tambores, músicas, curiosidades, crianças, gravações, experiências emergiam a todo momento. A festa do boi também é fabricada pela sua história. Será, a sua história, o segredo? E todos iam contando histórias sobre as festas, sobre os cortejos, fabricando arte, objetos, desenhos, pinturas... Acompanhei toda a produção, dia após dia, até o dia dos cortejos. Foram anos de fabricação e acompanhamento. Quando a festa do boi acabou, a fogueira se apagou, fiquei a pensar na minha participação nos afazeres da escola, notícias, conversas, ouvindo histórias, confeccionando enfeites e brinquedos. Logo no início da pesquisa, também acreditei que os segredos da festa estariam no grande livro de histórias inventadas, guardadas dentro do baú que se molhou e só encontrei partes da história. A história foi danificada, desfeita, desconstruída. Então, qual é segredo das festas? O que será que iria descobrir depois da festa do boi? Se alguém me explicasse com certeza eu não entenderia. Era preciso entender alguma coisa? Ou experimentar? Na véspera do cortejo todos cuidaram de cada detalhe, tudo parecia retalhos de uma grande história, de história em história, uma história estava sendo recontada. No meio de tanta alegria, era a hora da morte do Boi Bumbá, depois ele renascia todos os anos. Havia resposta? A chuva molhou aquelas histórias inventadas e todo ano outros cortejos serão fabricados, eles não tem fim e nem começo.

Depois de contar a história, a professora dividiu as crianças em 4 grupos, fez um sorteio de cada desenho e entregou aos alunos. Disponibilizou os materiais relatados por ela e foi passando de grupo em grupo auxiliando com orientações. As crianças experimentavam a história, fabricavam suas obras de arte de modo comunitário, aprendiam a emprestar alguns materiais aos colegas, dividiam tarefas e aprendiam a respeitar o tempo de cada um ao decorrer da tarefa. Entretanto, tal fabricação não ocorria sem conflitos, desentendiam na escolha das tarefas, uns não queriam deixar o colega fazer o uso do seu material escolar, outros queriam que o colega executasse o trabalho mais rápido. Assim, produziram suas fabricações:



EntreCortejos (Fabricação...)

“Nós entendemos que as perguntas são que ensinam, as respostas que nos fazem aprender”

(BISPO DOS SANTOS, 2020).

Para que usar áudios?

No Travessia Grupo de Pesquisa, um colega realizou uma tese em formato de filme, o filme era a escrita. Depois, uma colega realizou um podcast, porque queria dar acesso à dissertação de mestrado para pessoas que não sabiam ler, como a sua avó. Outro dia, um colega trouxe para discussão da roda de conversa do grupo, áudios da escola. Logo pensei: “como é interessante o modo como as pesquisas do grupo se contagia uma com as outras, como novos formatos e usos de pesquisar vão emergindo”. Depois, me recordei da dissertação de mestrado da antiga coordenadora/diretora da escola, na qual estou investigando que contribuiu com a transformação pedagógica que era “dar vez e voz àquelas crianças” (MEDEIROS, 2001, p.17). Lembrei também, da fala da professora sobre o trabalho com a oralidade, com a escuta dos contos de tradição oral que vai passando de boca em boca, de geração para geração. Quanto mais conectava estas questões, mais percebia o quanto seria importante trazer não só a voz das crianças, mas também as “vozes” e os “ruídos” da escola. Se naquela escola a oralidade era importante, também era importante trazer a oralidade para a minha tese? Mais uma porta se abriu... Uma tese se fabrica com os movimentos da escola.

Para quem colocar no vídeo/áudio um fundo como se estivesse puxando um tecido branco?

Essa ideia fabriquei a partir do modo como a professora de Educação Infantil conta a história para as crianças. Ela conta histórias difíceis, complexas, sem imagens, para que as crianças possam imaginar o que está sendo contado, como um treino da atenção, considerando o excesso de informações que recebemos. Então, logo pensei: ao utilizar o uso do fundo branco, o tecido sendo puxado, poderia também ser considerado um esforço imaginativo daqueles que estão ouvindo? Será que imagens e áudios seriam capazes de brincar, jogar, quebrar a ordem dos acontecimentos no texto? Seriam os áudios e os EntreCortejos um modo de criar rupturas na narrativa, de sair da continuidade, para criar desvios? Uma pesquisa em tempo espiralar... Várias portas se abriram!

Na rodinha da Educação Infantil, a professora cantava canções de São João, relativos ao cortejo junino:



Ainda na rodinha junto com as crianças, uma delas pergunta para mim:



- Tia! Você está ansiosa?
- Eu respondo:
- Por quê?
 - Porque eu estou ansiosa.

Aquela menina estava ansiosa para a surpresa que a professora havia comentado logo no início da aula, uma outra criança autista chorou, porque queria ver a surpresa e estava demorando. A surpresa era a contação da história do boi, enquanto a professora contava as crianças riam e estavam muito felizes por compartilharem aquele momento, dando gargalhadas recorrentes e cantando as canções ao longo da história.



EntreCortejos

Na reunião pedagógica, Juliana Manhães comentou sobre como acontece a virada de São João no Maranhão, como também trouxe algumas contribuições para a escola:

Dia 23 para dia 24 é a virada de São João e o boi batiza, aí depois tem o apagão, ele vai brincar. É bonito que no dia do São João, ele vai brincar na comunidade aí ele sai em cortejo, igual vocês fazem aqui o cortejo. Eles saem em cortejo para na frente de alguma casa que é da família, ou é amigo e aí a pessoa fez algum mingau, ou tem um licor, tem sempre uma prova, um compartilhamento de alimento, né? Nas folias de reis tem também muito isso, aí o boi brinca lá na frente, depois ele vai indo de casa em casa da comunidade. Então, o boi ele tem essa riqueza dele ser roda, mas de ser cordão. Quando eu falo cordão é essa relação de fila, né? Cordão é uma nomenclatura para poder falar das filas. A quadrilha é cordão, a quadrilha é também riquíssima, porque ela é cordão, ela é roda e é cortejo. Cordão significa que a gente se move em cordões, dentro de uma roda ou em cordões. Quando eu falo em cortejo, eu estou falando de uma espacialidade que se move, que sai de um lugar e vai para outro, né? E é importante quando a gente pensa nessas tradições a gente vai visualizando. Ah, olha o cortejo! Ah, então é tal brincadeira! Ah, tal material! Se é toada, então é de carnaval! Isso é muito interessante você vai sacando, quando você vai pesquisando ou pela espacialidade, ou pela questão do próprio material, ou pela questão do território, do círculo[...]. E vocês já tem uma base riquíssima, o que eu proponho que vocês pudessem buscar mais é de ter as toadas próprias, porque vocês cantam o Boi do Maranhão, o Boi de Teresina e transformam outras coisas em boi. Então, poder ter uma brincadeira de criação também de toadas, relacionando esse lugar. Que vai trazer uma potência enorme, o nome dessa escola, o nome desse bairro, trazendo Juiz de Fora, trazendo esse lugar. Potencializa, muito! Não falo para deixar essas, mas deixar isso ir entrando. Ah! Tem muita folia de reis o que eles também estão cantando. Sabe o que eu achei interessante sobre isso que a gente não precisa ter uma forma, né? Seria um certo, quando você fala que o boi tem sotaques. Então, assim tem formas de tocar com características próprias. Então, “é isso!”, “o toque é esse!”, é fechado, aí quando alguém faz diferente: “não é esse o certo!”. Como esse não é o certo quando a pessoa de apontamento, acaba sendo uma referência importante.



O professor de música faz um trabalho lindo com as crianças. Já estava na hora da aula da professora Ayana, quando entramos na sala, o professor de música ainda estava lá. As crianças emitiam sons com pequenos pedacinhos de bambus, de origem indígena, que já haviam sido afinados pelo professor. Estavam tocando a música do Hermeto Pascoal “Música da Lagoa”, pareciam empolgados e felizes. O professor perguntou para Ayana, se poderiam estender mais um pouco e fazer uma apresentação para ela ver, logo aceitou o convite e se sentou para ouvir. O professor disse o nome da música e indicou que procurássemos no youtube³:



³ Música da Lagoa: <https://www.youtube.com/watch?v=lZbfNtDCHdM>,

EntreCortejos

Ao emergir a questão indígena também fiquei a pensar sobre o modo comunitário dessas vidas como ressalta Brandão (1987), a educação como um meio das pessoas se tornarem *comuns* (comunitárias) pela convivência e troca de saberes, crenças, modos de vida e trabalho que são transferidos de geração em geração. Na aldeia, o saber é utilizado em benefício de todos, não é necessário o uso de teorias complexas para expor seus saberes. A aldeia foi substituída pela escola, a educação passa a ser o ensino amparado pela pedagogia que formula métodos, técnicas, tempos, espaços, portanto, a escola emerge quando se desintegra o grupo social e comunitário. Então, isso me faz pensar que os cortejos, o arquivo de práticas na escola seria uma forma de resistência à invasão do capitalismo na educação, ao ensino pronto, imposto e formatado. Uma escola que fabrica a pedagogia dos cortejos, que traz para dentro do currículo a expressão cultural, a experiência, a comunidade e a prática de contar histórias. Uma pedagogia profana? (LARROSA, 2010). Se desloca das práticas tradicionais e profana o que é sacralizado no currículo, na metodologia, nos modos de ensinar e aprender, colocando em destaque os saberes populares, as experiências e vivências das crianças, ressignificando o contexto pedagógico. A conduta de realizar cortejos na escola se configura como um ato político, alunos, professores e famílias são capazes de criarem e recriarem a sua própria educação. Essa é uma escola que reinventa a educação, inventa pessoas, modos de viver, modos de aprender. A serviço de que fabricação da infância o Cortejo Junino se movimenta?



- É muito legal! Aí eles fazem com garrafa de água, na água e tudo, a gente fez uma adaptação assim bem simplzinha do que é. Eles vão fazer a base com os cubos e a gente vai fazer a melodia eu e o Raoni, o Caíque e a Janaína vão fazer o “lá” que é o básico, então pode começar aí vai... O Moacir está com o “mi” e o “ré” uma oitava acima, então o dele é mais agudo faz aí Moacir é o mais difícil... 1,2,3 [vai...](#)



- Para a gente que está assistindo aqui está muito legal!
- Realmente ficou excelente!
- Gente, oh ficou lindo viu?

No mesmo dia encontrei com o professor de música no corredor e disse:

- Oi professor, tudo bem? Gostei muito da sua apresentação com as crianças, você pode me contar um pouquinho sobre o seu trabalho junto com elas?

- O trabalho que eu faço com os meninos do quinto ano é de experimentação de musicalidades indígenas. Eu faço com o quarto e com o quinto, com o quinto eu faço uma coisa mais trabalhada, mais aprofundada. Eles começam no quarto tendo como primeira experiência com os chocalhinhos simples feitos com garrafa pet e areia. Depois, no quinto ano, eles vão confeccionar uma maraca que é um instrumento sagrado indígena. Um instrumento de todos os indígenas brasileiros, que está presente em todo território brasileiro, dos tupinambás e outros grupos indígenas. Além desse som dos chocalhos tem também o som da flauta, o som do sopro, instrumentos de sopro que é bem característico da musicalidade indígena. Aí para fazer essa experimentação, essa introdução, eu começo com os tubos de bambu com afinação aleatória, depois eu passo para uma afinação ocidental da escala natural de “dó”. Em um segundo momento, assim que eles conseguem reproduzir o som com mais ou menos nitidez, com mais ou menos perfeição, aí a gente faz um arranjo. Eu me baseei na música do Hermeto Pascoal que é a “Música da Lagoa”, que ele faz uma música muito mais elaborada e eu fiz uma coisa simples com eles fazendo com dois tubos, duas notas básicas com o intervalo de um tom. Eu faço a melodia com



um pífano de bambu em cima das notas que eles fazem como base. É um arranjo simples e tem um efeito bacana e até a nível de afinação das notas para eles, né? Basicamente é isso, o trabalho consiste em eles experimentarem os sons, através de referências da musicalidade indígena, tanto o chocalho como o instrumento de sopro.

EntreCortejos

Para Agamben (2005) o sagrado pode ser constituído pelo mito - elemento lúdico - e pelo rito. O papel do rito é evidenciar a contradição entre passado mítico e presente, suspendendo o intervalo que os afasta. O jogo quebra a ligação entre passado e presente, transformando as estruturas em eventos. “Sempre encontramos jogos e ritos lado a lado, mas também porque todo jogo, como foi notado, contém uma parte de rito e todo o rito uma parte de jogo, o que frequentemente dificulta a distinção entre um e outro” (AGAMBEN, 2005, p.90). O jogo e o rito se opõem, mas essas duas palavras se articulam ao calendário e ao tempo de modo inverso, enquanto o rito estrutura o calendário, o jogo o destrói. O jogo que o sagrado se articula, uma vez que o jogo emerge por meio das antigas cerimônias sagradas, como, por exemplo, danças, práticas divinatórias, lutas rituais. Nesta perspectiva, o jogo torna-se um sagrado às avessas:

A potência do ato sagrado – escreve Benveniste- reside precisamente na conjunção do mito que enuncia a história e do rito que a reproduz. Se a este esquema nós comparamos o do jogo, a diferença mostra-se essencial: no jogo apenas o rito sobrevive, e não se conserva mais que a forma do drama sagrado, na qual todas coisas voltam sempre ao início. Mas foi esquecido e abolido o mito, a fabulação em palavras ricas, de significado que confere aos atos o seu sentido e a sua eficácia. (AGAMBEN, 2005, p.84)

Na turma do primeiro ano, as crianças estavam fazendo uma atividade impressa sobre a Festa Junina, minutos depois de a professora conversar com elas o que era para ser feito, uma criança enquanto coloria os desenhos começou a cantar as músicas da festa. Em poucos minutos todas as crianças estavam cantando ao mesmo tempo em que

realizavam a atividade. A professora gostou e incentivou a criança a continuar cantando, esse movimento permaneceu por um longo período.



Muitas músicas foram experimentadas junto com aquela atividade que remetia a Festa Junina e disparou a alegria, as músicas, as memórias e letras das canções que hora esqueciam, se desentendiam, mas continuavam cantando. Assim, as bocas cantavam e as mãos trabalhavam.



Em seguida, a professora disse:

- Agora, a Bartira vai segurar de um lado e a Artemisa do outro, que a gente vai contar a historinha do Boi Estrela com um teatrinho. Vocês já viram esse teatrinho aqui?



- Sim! Está aqui dentro.
- Está aqui dentro, oh! Eu vou ver quem vai ajudar a contar...
- Eu, tia!
- Deixa eu contar! Eu queria a Catirina.

Assim, com os bonequinhos na mão a professora e as crianças foram negociando os papéis, ela mostrou o cenário e começou a narrar a história. Deixava as crianças em um primeiro momento elaborarem as suas próprias falas, uma vez que já conheciam a história, mas de vez em quando auxiliava com algumas intervenções. Assim que a história acabou, ela perguntou:

- Vocês gostaram da história?
- Sim!
- Oh, tia eu estou doida para fazer o boi!

A professora já havia falado com as crianças que confeccionariam um chocalho de boi feito com garrafinha pet. Assim, ela começou a recortar as lãs coloridas para distribuir as crianças, como também os pedaços de papel cartão preto, as garrafinhas pet, lantejoulas e cola glitter e foi orientando-as:

- Então, a gente vai colar aqui em cima, vai tirar essa fita aqui de cima e vai colar a folhinha aqui, oh! Ela vai colar na folha e vai ficar assim soltinho. A tampinha tem que ficar aqui para fora, para a gente colar a cabeça do boi, depois! Então, a gente vai enfeitar assim, oh!
- Esse vai ser o boi chocalho.
- Não é para colar agora, não!
- A fita é para colar depois, eu só mostrei para vocês saberem como vai ficar. Isso aí é para ficar caidinho a capa do boi. Essa aqui é a partizinha do boi. A gente vai enfeitar assim, Oh! Que aí a gente vai segurar a garrafinha assim.
- Olha o que aconteceu com o meu... Gente! Vocês usam a cola e depois emprestam para o colega.
- Oh, tia! Tem que usar a cola para quê?
- A cola é para colar as lantejoulas e para colar o barbante. As colas, olha, presta atenção, oh! Vocês podem pegar com o dedinho e passar na folha para dar brilho. Não tem uma para cada um, não! Vocês vão ter que aprender a dividir. Calma!
- Eu falei que eu vou dividir com ela quando eu acabar!
- Divide com o Jutai está aí pertinho.

- Deixa eu ver quem está fazendo. Põe o nome! Já falei não é para pegar sem pedir, não! Está usando? Não! Me empresta? A cabeça do boi eu acho que vou fazer de EVA e aí é só colar o rostinho.

Deixa aí agora, que a gente vai para o recreio, que depois a gente continua fazendo. Vem os meninos! Deixa aí na mesa e pega as garrafinhas para gente pegar as pedrinhas. Cada um segura a sua!



No dia seguinte, retornaram à atividade de confecção do boi, assim deu tempo da cola glitter secar e a professora disse:

- Olha aqui, gente! A cabecinha do boi é pretinha vocês estão vendo? A gente vai colar aqui na garrafinha, a gente vai colocar aqui a cabecinha do boi, a gente vai desenhar do nosso jeito aqui no papelzinho o olho e o narizinho. Olha só como eu fiz o

narizinho, mas vocês podem fazer do seu jeito, oh!

- Ah, que fofo!

- Vocês podem fazer, eu vou dá um papelzinho, vocês vão cortar o olho e o nariz dele e depois a gente vai colar. Depois, a gente vai colar com cola quente, combinado?

-Sim!

E assim, vários boizinhos foram ficando prontos e uma criança conversa comigo e diz:

- Oh, tia! Pela enfeitação da festa, eu acho que a festa vai ficar muito legal, eu já estou até arrepiada, não vejo a hora de chegar amanhã!



EntreCortejos

Para Manhães (2007) no ritual da morte do boi, Cazumbá age no sentido de graça, mas também traz uma ideia de conflito. Na reunião pedagógica ela diz:

Normalmente, os personagens ficam dentro da roda é o boi, a Catirina, o Pai Francisco e sempre tem mais, mas tem sempre o boi, a purrinha que está ali sempre com o boi. Se é boi de interior da bachada com os Cazumbás, quando eu falo os Cazumbás é porque não tem um só, são vários, né? 30, 40, 50 e Cazumbás faz uma roda, dentro da roda, né? Tem a roda maior, tem a roda de quem toca, de quem canta, tem a roda dos Cazumbás. Além dessas duas rodas, tem a roda dos bois, a purinha e tem a oncinha que é muito engraçada! Tem o pajé, né? Todo de palha e tem a Catirina e o Pai Francisco. Às vezes tem a Dona Maria, a Dona Maria é bonecão gigante que representa a mulher do amo, no Boi de Parati. Quando eu falo o boi eu estou falando do grupo todo, né? E aí se eu for falar de quantos grupos tem no Maranhão, uns quatrocentos, cada grupo pode ter de 80 pessoas a 1.000. Então, eu estou falando de um movimento muito forte, de um movimento muito intenso.

Cazumbá brinca com o vaqueiro e com o boi, dizem que ele ajuda “o vaqueiro e o Pai Francisco a prender o boi para ele morrer, mas dizem também, que ele atrapalha o mesmo vaqueiro na hora de prender no mourão, lugar que o boi será crucificado e morto” (Manhães, 2007, p.93).

A coordenadora se reuniu com as crianças na biblioteca para que pudessem ensaiar as músicas da festa. Estavam presentes os alunos do primeiro ao terceiro ano, como também o quinto ano, que auxiliava junto ao professor de música a fazer o uso os chocalhos:

- Bato palma uma vez, bato palma duas vezes, bato palma três vezes. Gente, bom dia!

- Bom dia! Quinto ano, vocês vieram hoje aqui para participar de uma partezinha, a gente vai começar inclusive com a música para vocês tocarem para depois vocês irem. Então, a gente precisa muito da ajuda de vocês para cantarem a música da Dona Margarida de Colocó, para poder ficar bonita com o chocalho deles, tá bom? Então, nós vamos abrir só com a música do São João primeiro, o último ensaio foi lindo! Não pode ter conversa agora, é nosso último ensaio antes da Festa Junina e vocês são a voz da festa, vocês são a música da festa! Se vocês não cantarem bonito, não fica bom! Xiiiiiiii... Estou vendo gente conversando aí, vamos lá?



EntreCortejos

Juliana Manhães a partir do chocalho da Margarida de Colocó diz sobre a invenção da tradição:

É porque é importante, ainda mais para essa curandeira em algum momento, desse lugar, né? De estar chacoalhando e aí aproveitar o que já tem. Se já tem esse instrumento, eu senti falta instrumentalmente falando de um chocalho, né? Porque é isso, não vamos idealizar outros lugares, só! Vamos pegar esses outros lugares como referência por isso que eu gosto de falar da referência, para saber que existe, mas o quê que a gente vai fazer com isso tudo? A gente está inventando uma tradição a ideia é essa. Tem uma escola lá no Rio, chamada CEAD que eles têm o boi, todo ano eles entregam o auto. Gente, a Catirina dança funk, porque o funk é do Rio de Janeiro, né? E traz um cotidiano, por que não trazer o cotidiano dessa experiência daqui agora? Eu fico pensando essa questão de você reivindicar a readaptação da cultura, isso é a forma da cultura viva. Então, para você trazer o Funk para dentro do boi, isso é você trazer aderência para essas culturas. Então, assim, não há uma perda de culturas você fazer essas readaptações. É você trazer, para que essa festa não morra, dar aderência para o novo contexto. Tem até um historiador que é Walter tem um livro que é a “Reinvenção da Tradição”, quando que se inicia uma tradição, quanto tempo? Vocês já estão fazendo a tradição do boi, a tradição não é o resultado de um produto, ela é o processo. O processo é muito mais importante do que o produto. Então, é importante a gente também cuidar desse processo, né?

Senhor São João venha receber
Essa coisa linda que fizemos para você! (2x)
Com a sua luz tão linda ilumina o meu batalhão
É humilde essa oferenda vai é de bom coração.



- Agora em vez de eu começar com a música do Pai Francisco, nós vamos começar com a música da Margarida, só para o pessoal do chocalho tentar acompanhar com a gente. Oh, xuuuu! Tem uma mudancinha, tia Mhina mudou um pedacinho da música do juruguruná tem uma parte que a gente falava assim: “eu quero ver juruguruná trabalhar”.

- Agora eu quero ver meu boizinho levantar!

- Parabéns, Caiubi! Eu quero ver o meu boizinho levantar, em vez de falar assim: “Eu quero ver juruguruná trabalhar”, a gente vai cantar: “Eu quero ver meu boizinho levantar!”. Combinado?

- Sim!

- Ninguém vai errar, não?

- Não!

- Tá! A nossa boca vai ter vontade de falar juruguruná, mas lembra do boi: “Eu quero ver meu boizinho levantar!”. Muito bem, Inã! Vamos começar, oh! Oh, Cobi você acha que é melhor eles escutarem a música primeiro?

- É faz primeiro a música e depois a gente vê como vai ficar.

- Então, agora a gente vai cantar! Preparou?

- Sim!

Jrugurunatátá de goiazerrerrê,
Auê, auê, eu quero ver o meu boizinho levantar (2x)

- De novo...

- Essa música tem uma segunda parte, né?

- É, auê, auê... Querem fazer de novo? Oh... 1,2,3...



- Qual é a primeira parte da música?

- Essa é a primeira parte: auê, auê, eu quero ver o meu boizinho levantar... Só que a gente canta duas vezes. A gente consegue cantar, assim, oh! Escuta! “Jurugurunatátá de goiazerrerrê” sem ser “rerê”, só um “é”, oh! “Juruguruntátá de goiazerrerrê” é só

“é”. Olha, a tia Mhina, olha, escuta! Escuta! “Jurugurunatátá de goiazeé”, só escutar agora, não canta.

Jurugurunatátá de goiazeé... (2x)
Auê, auê eu quero ver o meu boizinho levantar... (2x)

- De novo...
- Ficou bom, Cobi!
- Ficou?
- Ficou muito bom!
- Rsrprs...
- Está indo bem! Oh, a parte dos boizinhos vocês estão indo muito bem! Preparou, respirou e a gente está fazendo uma orquestra, hein? Tem o coral e tem o pessoal da música. 1,2,3...



- O Cobi, o finalzinho, hein? A última vez. Pode ser?
- Pode!
- Oh, atenção, concentração! Ritmo e o silêncio, xiii! Tem gente conversando ali, tem gente conversando ali perto do Ipuã.
- Antes de começar vamos ver o chocalho primeiro.
- Tá! Vamos ver, olha, vamos ver com o **chocalho** primeiro. Xiii!



- A entradinha tinha que ser mais rápida, né?
- Então, vamos tentar...
- Obrigada! Oh, agora o quinto ano vai embora. Xiiii! Bato palma uma vez, bato palma duas vezes, mãos juntinhas. Silêncio!

Pom, pom, pom... Quem será...
Dona mariquinha pode entrar,
Olé, olé, olé, olé, olé, olá (2x)
Oí cumpade, oí cumade!

- Xiiii, vamos cantar as outras músicas agora, é só vocês que cantam, oh! A entrada da Catirina, deixa eu ver quem está

conversando? Sem conversa! A entrada do Pai Francisco e da Catirina com a voz bem bonita, tá?



Xem, xem, xemxeremana

Olho o caboclo da velha fumana (2x)
 Pai Francisco nego velho, barba de vassoura velha
 Quer casar com a Catirina que tem cara de tigela.
 Oi, xem, xem, xemxeremana

- Aí entrou o Pai Francisco, Catirina dançou e o próximo que entra, só um pouquinho que tem um menino ali olhando para o outro lado, só um pouquinho olha para cá. Solta esse negocinho que está na sua mão e olha para frente, presta a atenção! Estou vendo o brinquedo, olha para cá, se você não puder largar esse brinquedo eu vou ter que botar ele aqui. Tá bom? Vamos lá! Vamos juntos?

É o Coronel cabeça de vento e cara de pastel (2x)
 É o dono da terra e do céu com anel de bacharel (1x)
 É o Coronel cabeça de vento e cara de pastel (2x)

- Está bonito o Coronel! Agora, aquela parte mais importante. Ah, não! Não quero ninguém aí em baixo, pode vir para cá! Não quero ninguém aí, vem para cá, o Uiara.

- Eu já estava ali.

- Não, não é para ficar ali, não! Aqui tem lugar agora! Então, vamos pedir agora licença para o boi entrar, atenção!

Eu vim foi pedir licença (2x)

Oi, se meu boi pode entrar (2x)
 Dona da casa seu terreiro alumiu (2x)
 Viva! O terreiro que o meu boi chegou (2x)
 Dona da casa seu terreiro alumiu (2x)
 Viva! O terreiro que o meu boi chegou (2x)
 O sol entra pela porta (2x)
 E ao luar pela janela (2x)
 Dona da casa seu terreiro alumiu (2x)
 Viva! O terreiro que o meu boi chegou (2x)



- De novo...

- Só vocês! Lindo demais! Agora é a hora que o boi morre. Ah, não! Antes do boi morrer tem a capoeira!

Paraná (2x) Paraná (1x) ...

- Olha a minha mão aqui, quando eu fizer assim parou! Fala!

- Oh, tia em vez de cantar aquela música...

- Qual música você sugere? Canta aí...



- Oh, adorei! Pode ser essa sim! Adorei!

- Oh, tia! Tia Mhina a gente pode cantar a música do rei e da rainha?

- Oh, gente! A Zaila sugeriu uma música maravilhosa que combinou muito. Se vocês sabem cantar eu não sei, mas vocês vão puxar sozinhos quando começar a luta, vocês puxam essa música. A Naira falou assim: “Tia Mhina canta a música do rei e da rainha?” Não é a festa do rei e da rainha, no dia da festa do rei e da rainha que é lá em novembro, perto do seu aniversário aí a gente canta, tá bom? Então, agora a gente vai cantar, prestem a atenção, agora que o meu boi morreu.

- Oi?

- Eu acho que ela está achando que é a festa do congado, porque ela falou comigo ontem que o aniversário dela estava chegando.

- É vai chegando as festas e os cortejos vão confundindo a cabeça das crianças. Então, vamos lá!



O meu boi morreu o que será de mim
Manda buscar outro oh maninha lá no Piauí (2x)
O meu boi morreu o que será da vaca oh maninha para tirar
urucubaca!

- E aí, quando o boi morre, tem gente conversando e é o Inã lá, xiiii! Inã, volta para o seu lugar! Olha, a gente vai cantar a música agora do Doutor Pinico Branco:

Mas quem é que sabe tanto é o Doutor Pinico Branco (2x)
Pinico na cabeça dinheiro na poupança (2x)

- Doutor Pinico veio e não levantou e quem vai chegar agora é a Dona Margarida?

- De Colocó.

- Eu sou a Margarida de Colocó de cima embaixo um mulambo só, no Bumba meu Boi...

- Parou, parou, parou! Respirou! Vamos cantar essa música com mais calma, olha!

Eu sou a Margarida de Colocó de cima embaixo um mulambo só
No Bumba meu Boi eu sou a maior
No passe da dança eu sou a melhor. (2x)



- Aí a Dona Margarida veio faz o juruguruná, o boi se levanta, xiiiiii! E quando o boi se levanta, nós vamos cantar aquela música bem bonita, que eu quase não vou cantar com vocês agora. Quero ver se vocês já sabem eu vou levar só os versinhos:

Vem meu boi bonito vem dançar agora já deu meia noite
já rompeu aurora (3x).



- E o cavalo marinho?

Cavalo marinho dança na calçada
Que a dona da casa tem galinha assada
Cavalo marinho dança no terreiro
Que a dona da casa tem muito dinheiro.

- Parou! Parou! Vocês souberam direitinho e agora eu não vou cantar, tá? Deixa só eu pegar o tom...



EntreCortejos

Quantos tons são dados antecipados ao viver a experimentação? Quantos momentos o tom nos é dado? No momento em que as crianças se arriscaram na cantoria junto com a atividade impressa elas inventaram o tom?

- Que lindeza! Vamos bater palma para esse ensaio foi lindo! E agora, respirou, xiii! Deixa eu ver quem vai levar o violão. Silêncio! Xiii! Respirando, olhinho fechado:

Quando o vento vem ohh que a folha caiu
Siriri cantando ohh siriri dormiu (2x).

- Deixa eu ver quem está com o olhinho bem fechado, está tão bonito que parece que tem gente que está meditado, nenhum barulhinho. Xiii! Está difícil de escolher, né?

- Está! Eles ficaram tão bonitinhos.

- Está tão bonito. Hoje tem duas crianças que estão muito meditativas parece que elas estão até se elevando, que é a Tayná e o Cauã estão muito lindos ali, ficaram sentadinhos e agora quem está ali atrás é o segundo ano ou o terceiro?

- Terceiro, ah não, é o segundo.

- O terceiro ano, sai primeiro que está com a tia Yara, sai o pessoal que está com a tia Araxá também.

EntreCortejos

Na reunião pedagógica Juliana Manhães trouxe sobre como acontece a morte do boi no Maranhão:

Aí tem uma hora de um mourão que é tipo um mastro, né? Que é um aspecto muito importante para as festas juninas, representa as festividades, o equilíbrio dessa festa. E o mourão representa a morte do boi. O que é esse mourão Juliana? É lindo e as crianças adoram, inclusive é bem interessante fazer em escolas, porque você pega um pedaço de árvore, tira os galhos, tira todas as folhas, coloca papel celofane todo colorido, coloca um bando de coisinhas. Assim, de brinquedos e aí aquele mourão é colocado em algum lugar que tem a ver com aquela comunidade, novamente na sede, né? E aí fica lá no início da festa. E aí, sei lá, por dois dias, né? Quando ele é laçado naquele mourão que representa que morreu, aí eles até fazem essa relação botam o boi assim, ah morreu! Aí o “espírito” sai e se esconde. Aí vem a toada de que o boi morreu e tudo isso é dançado, cantado, tocado. Aí vem uma bacia gigante, aquele vinho sangue de boi, né? Aquele bem doce! Aí vem uma canequinha aquela de ágata que todo mundo toma um gole, representando todo mundo fazendo parte desse corpo coletivo, olha o ritual, né? Olha o significado do ritual. E aí todo mundo bebe, aí é o sangue do boi, aí tá, morreu! E uma coisa que eu esqueci de falar! E isso tem a ver com o boi que eu brinco, tá? Mas, já vi que vários fazem. No período da morte, eles fazem um couro de bombom, de bala, no Maranhão bala é bombom. Tudo de bala, aí faz de papel, vai colando as balas até o rabo é cheio de bala. Aí no momento da morte também tem isso, as crianças vão pegando as balas, já começa esse lugar da morte ali.

Algumas turmas também brincavam de fazer a encenação do boi na sala de aula, ou na área externa da escola, seja por meio da peça teatral ou por meio de fantoches. A professora Ayana, pediu ajuda para os alunos para mudarem as posições das mesas e cadeiras, colocaram as mesas nas extremidades da parede e com as cadeiras fizeram uma grande roda. No centro da roda, ela colocou o **Boi Estrela** e ao lado da sua mesa havia organizado os apetrechos de cada personagem da história, já estava quase tudo preparado para realizarem várias encenações. A professora disse:



- Nós vamos fazer uma atividade sobre o boi, vocês já conhecem de onde o boi vem, de onde que a escola traz esse boi. A gente conversou a semana inteira também, né? E tem várias histórias de boi, essa interpretação que a gente faz é do boi do Maranhão e na nossa interpretação ele é ferido, ele é injustiçado, ele morre, né? Porque a Catirina e o Chico são esses dois empregados e ela grávida e aí a gente vai fazer agora esse lugar, tá? Não dá gente! Eu acho que vai ficar cansativo também para todo mundo ser tudo, tá bom? A ideia vai ser a gente dividir vocês, todo mundo que quiser vai experimentar um papel da história, mas se der para repetir a gente repete, se não der já aviso a vocês, não dá para todo mundo ser tudo. Então, quem não foi um personagem talvez consiga ser outro, tá bom? Então, para começar a gente precisa de duas mulheres que é a Margarida e a Catirina, quem se prontifica? Pode ser homens também se as meninas não quiserem! O Coronel, gente! O Coronel, a gente tem um cavalo e um chapéu, aqui Ipojuca, oh! Pinico Branco, ninguém vai querer ser o Pinico Branco?

- Ah, tá pode ser!

- Beleza! Ótimo! A tripa do boi.

- Eu.

- Eu.

- Eu...

- A tripa do boi tem que ter experiência. Cadê a Margarida? Agora vamos lá! A Catirina eu preciso, pode vir Catirina. Fala baixo! Vocês estão conversando com quem está do lado.

- Açucena, você consegue ir na sala da Mhina para mim? Eu queria um chocalho para a Margarida de Colocó que está dentro do armário dela, tá? E a Catirina tinha um vestidinho, uma coisa assim, para a Catirina.

- Tá bom! Já vou descer.

- Então, gente! Oh, vamos lembrar as características dos personagens, tá? O Macunaíma cadê o Chico?

- Eu!

- Então, vem! O Chico e a Catirina casal empregado, submisso do Coronel, as falas, gente! Vocês podem tentar usar o jeito que vocês sabem, desde que vocês se lembrem, que estão falando para todo mundo. Não dá para ser baixinho que as pessoas precisam ouvir e eu também preciso ouvir, tá? A nossa Margarida de Colocó também chega e faz a sua mandinga do jeito que você achar, tá? A Açucena foi buscar o chocalho para ajudar na sua encenação, você faz a sua mandinga do jeito que você quiser, tá bom? O Coronel mandando, autoritário, lembra disso. O Doutor Pinico um mercenário, não sabe de nada, confunde o boi, acha que é um rinoceronte, um elefante, aí também você pode agir da forma que você quiser, tá?

- Oh, tia!

- E o boi vai começar bem alegre e feliz, tá boi? A gente vai cantar para você dançar, aí na hora que você morre, lembra dos chiliques que você tem que dar para cada um que chega. Deixa eu ver se tem aqui uma língua. Alguém tem uma bolsinha vermelha, uma coisa vermelha aí não, gente? Para ser a língua do boi. Eu ia pegar o cachecol da Winona.

- Pega a luva, tia!

- Não o cachecol é melhor! Aí vai ser a língua do boi, tá? Aqui está ótimo, oh! Aí Chico, oh! A língua vai ficar e aí na hora você finge que arranca a língua fora, tá?

- Deixa ali em baixo, tia!

- Ele precisa da mão, Jandir presta atenção, você está vendo a tia mexendo aqui?

- Estou.

- Puxa para cima e empurra para mim, isso vai, vai, aqui, isso! Pronto! Vou esperar a Açucena chegar. O nosso boi quase que é o Garantido, o Caprichoso, né? Se trocar essa pedrinha por uma estrela azul ele vira o Caprichoso. Essa é a capa dele, né? Então, aquele vídeo, por exemplo, que eu mostrei não está assim, essa última panagem dele foi a Kaia que arrumou a uns dois anos atrás.

- O boi enlouqueceu!

- Então, ela trocou esse forrinho, colocou as flores, trocou esse pano, tá? Mas, essa estrutura dele foi um artesão que fez. Podemos começar, gente! Estou pensando em uma arma aqui para o nosso Chico. Ah, não sabe por que? Porque para vocês cantarem juntos a música tem que ter ritmo, vocês não ensaiaram com o professor de música, o que vai acontecer? Vai virar uma coisa de maluco, então é melhor a gente só cantar mesmo, tá? Vocês têm que pegar o ritmo.

- Oh, tia deixa eu te contar uma coisa aqui sabe, essa pedrinha aqui se tirar essa estrela e pintar isso aqui de azul vira o Boi Garantido.

- Deixa eu ver se eu acho uma arma para o Chico aqui.

- É o Boi Caprichoso, não é não?

- Não! O Caprichoso tem um coração.

- Não! O Boi Garantido é o que tem um coração.

- Deixa eu lembrar aqui as músicas, para a gente poder cantar, antes do boi entrar.

Nesse momento, a professora estava concentrada relembando as músicas, as crianças estavam conversado umas com as outras, era possível ouvir várias conversas ao mesmo tempo.

- É a do Coronel.

- Não! Primeiro tem uma música que o boi entra faz o espetáculo dele e depois o Coronel entra.

- Meu boi bonito, não é não?

- Obrigada, Açucena! É o meu boi bonito. Gente! Só um pouquinho, aí depois é a do Coronel. Aí a gente canta e o Coronel fala que vai, né? Aí a gente canta a música do Coronel, aí na hora da luta do Chico com o boi é um pandeirinho, mas a gente não está com pandeiro aqui. Então, a gente só vai ter a luta.

- Não! É só bater palma.



- Depois das palmas o boi morre, per aí gente deixa eu lembrar a música da morte do boi.

- Meu boi morreu o que será de mim...

- É um negócio bem assim, né?

- Se eu escrever aqui eu lembro, aí o Coronel volta, então a gente vai cantar a música do Coronel de novo.

- É o Coronel cabeça de vento cara de pastel...

- Aí o Coronel dá aquela passeada, beleza! Manda a Catirina.

- Eu acho que antes do boi entrar também tem que pedir licença.

- Meu boi bonito é aonde? Aí o Coronel entra, depois do Coronel. Gente, olha só! Eu estou muito cansada e com muita dificuldade de memorização, com o barulho que vocês estão produzindo, piora a minha situação. Inclusive eu preciso da ajuda de vocês para me ajudar a lembrar. Não tem ninguém ajudando aqui! Aí depois do Coronel, a gente tem que cantar a música do Pinico Branco. Depois do Pinico Branco é a Margarida, depois da Margarida, aí é o meu boi bonito. Kauane talvez o Mair consiga ficar aí, mas fazendo outra coisa. É pode ser, se você coloca aí ele vai conseguir acompanhar, mas fazendo outra coisa, porque ele não consegue ficar parado. Podemos, gente? Podemos?

- Sim! Pode!

- Então, vamos lá! vamos começar... Calma aí, isso aqui é a estrutura dele que afundou, não tem jeito de arrumar agora só depois. Pronto! Agora gente vocês vão cooperar, tá? Para deixar os personagens que vão falar por eles, vocês não vão falar para os personagens, cada um vai ter a sua vez. Ah, eu queria um narrador. Leri, você pode ser um narrador? Você tem que fazer a introdução da história, você não entra toda hora, eu vou fazer a narração uma vez e aí depois vocês vão ver qual é o papel do narrador. O quê que o narrador faz e que cada personagem fala por ele mesmo, tá bom?

- Eu vou fazer a primeira vez, o narrador não põe palavras na boca do personagem, cada um deles ali que vão falar. Eu vou apenas introduzir a fala deles, tá? Esse que é o papel do narrador, beleza?

Então, vamos lá...



Depois de fazerem a encenação várias vezes, as crianças foram incorporando o sotaque nordestino em seus personagens e vozes, elas brincavam, sorriam, cantavam, discutiam ao escolher os personagens e se divertiam. Até que poucos minutos antes da aula terminar, a professora solicita as crianças para se sentarem nas cadeiras, uma vez que

iriam conversar sobre a experimentação daquela história. Dessa vez, não foi realizada somente com as mãos por meio de desenhos, mas com o corpo todo e tudo que ele compõe. E a professora disse:

- De todos os personagens qual vocês acham assim que causa mais fascínio em vocês?
- O boi! Eu sinto que eu posso rodopiar, que eu não vou me machucar, que a minha visão é melhor dali.
- Sua visão enquanto boi.
- O Coronel.
- Então, tem opiniões diferentes! Quem acha que é o boi, o personagem que dá mais fascínio, que eu mais gosto de fazer e o que eu mais quero fazer. O boi, tá? O Coronel? Quem gosta da figura do Coronel? Da figura do Chico?
- Eu também gosto!
- Eu também!
- Da Catirina?
- Também gosto!
- Também gosto!
- Do Pinico Branco?
- Credo!
- Eu também gosto!
- Ele é caloteiro, mas você gosta de fazer esse personagem caloteiro? Essa é a minha pergunta, tá? Então, gosta de fazer o Pinico Branco! E a Margarida?
- Eu acho legal!
- Então, vamos lá! Quem gosta de fazer o boi e por que gosta de fazer o boi?
- Anajé!
- Ah, porque é muito bom, a brincadeira...
- Só isso?
- Oh, tia eu sei por quê?
- Peraí vamos lá, mais alguém gosta de boi aí?
- Eu!
- Eu!

- Porque dá um prazer tia, de estar ali dentro do boi parece que você está brincando mesmo, um monte de gente te olhando.

- Você se sente meio boi quando está lá embaixo?

- Sim!

- A tripa literalmente vira boi, né?

- Sim!

- E é isso que é importante, porque quando vocês incorporam o personagem vocês fazem ele muito bem. Quando vocês ficam com vergonha, com medo, não sei o que, não saí, né? Tem que se soltar, é isso mesmo, tem que se soltar até para brincar. Quem se solta debaixo do boi, se sente boi e é o que ele falou, né? É como se fosse mesmo o boi.

- Araquém!

- Eu gostei da minha primeira experiência, porque eu nunca fui dentro do boi.

- Nunca foi dentro do boi. O quê você achou como a sua primeira experiência dentro do boi?

- Ah, eu achei bem legal!

- É!

- Nhará, sua primeira vez na escola, sua primeira vez na história, sua primeira com o boi. O que você achou?

- Eu achei legal, porque a gente se divertiu e os outros personagens dentro da peça também.

- E dá para brincar também com a história, é uma história que ressuscita que nasce de novo, né?

- Literalmente, para mim dá uma satisfação, a gente se sente um boi de verdade mesmo e também como é a minha segunda experiência aqui dentro dessa escola, no ano passado também fui. É comigo eu adorei muito, porque esse personagem dá para incorporar mais ele, aí dá uma nostalgia, porque lá dentro uma pessoa que nunca foi parece que nunca vai saber.

- É isso aí, tem que experimentar para saber, né? E não dá uma sensação de medo lá dentro, de lugar apertado, de falta de ar?

- Não!

- Calor!

- Calor é normal!

- Então, o papel da tripa é muito importante, né? Ele não tem fala, mas é ele que dá a vida para os movimentos do boi, né?



- Oh, tia! Também tem uma coisa do boi que quando você está dentro dele, parece que você fica mais resistente, sabe! Quando ele foi dar uma garrafada no boi por dentro, a gente não sente nada, sabe! O boi é mais resistente.

- Então, eu vou fazer aqui uma pergunta, quem aqui foi boi e sentiu essa força quando estava ali dentro?

- Ahan!

- Dá para sentir essa presença, essa força dele?

- Só as vezes que a gente se atrapalha por causa do pano!

- É que o pano é muito comprido, né? Talvez o pano tenha que ser mais curto, não pode tampar muito o pé, porque se não a tripa pisa no próprio tecido. E se ela pisa no próprio tecido fica difícil fazer a manobra, né? Então, talvez tem que diminuir um pouquinho mesmo. Agora esse boi também gente, na maioria das vezes, ele é manipulado por um adulto, então o adulto também é mais alto, né? Essa saia dele foi feita pensando no adulto, por exemplo, quando a gente faz entre nós professores sempre quem é a tripa é o professor de capoeira, ele que é a tripa. Então, para ele fica tranquilo, ele não pisa e nem nada, porque é alto ou é o professor de música e eles são altos, aí eles não pisam. Mas, então dá para sentir a força lá de dentro dele que é essa presença do boi chegando e dando essa força dele? Mas quem aí gostou de fazer o boi? Aqui eu ainda não ouvi...

- Eu achei bom só o tecido que atrapalhou um pouco, mas lá dentro é bom, é apertado, mas...

- Depois, eu vou pedir a Inaiá, porque ele está com uns amassadinhos, mas a estrutura dele é mais antiga, tá? Aí vocês viram que por dentro ele tinha um forrinho e antes ele não tinha esse forro.

- É branco!

- Mas aí eu vou ver com a Inaiá o quê que a gente pode fazer, né?

- Tia! Eu posso ser o boi de novo?

- Eu vou dar o boi para quem ainda não foi gente!

- Oh, tia!

- Oh, tia!

- Mas, a gente já conversou que nem todo mundo dá para ser o boi. Então, nós vamos fazer diferente, você quer ser boi? Se vocês tem o desejo de entrar dentro desse boi, então nós não vamos fazer a peça, vocês vão entrar debaixo do boi, rodopiar e entregar para o outro, porque se for fazer a peça não dá, tá?

- É, gente!

- Artemisa, quer? Pode ir lá! Ajuda ela aí meninas a entrar dentro do boi.

- Tia! deixa eu falar uma coisa, quando eu estou dentro do boi, eu sou a tripa eu me sinto outra pessoa...

- Gente, oh! Senta todo mundo para ouvir, porque eu quero que vocês escutem. O que está sendo falado aqui é muito importante! Oi, tia Ináia vem cá...

Nesse momento, a aula estava acabando e a conversa foi interrompida, a professora do tambor havia acabado de chegar e ficou encantada ao ver o Boi Estrela no centro da roda. Ayana perguntou se ela queria assistir uma encenação das crianças, ela aceitou o convite, algumas crianças já começaram a falar:

- Oh, tia! Eu posso ser o boi, por favor...



EntreCortejos

Na reunião pedagógica Juliana Manhães demonstra a importância de percebermos que o ritual está perto de nós, no nosso cotidiano, não somente em uma tradição:

Esse lugar do boi, da gente tentar pensar, da gente imaginar, da gente trazer esse ritual que a gente acha que tá lá, tá aqui. A gente nasce e morre todo dia, se a gente parar para pensar, né? A gente nunca está no mesmo lugar, então essa relação que é importante a gente não achar que está lá, está aqui gente! E pensar que o ritual não está lá naquela tradição, lá. Não, gente! Vocês escovam o dente todo dia, vocês tem um jeito de acordar, de dormir e isso é ritual. A gente afasta o ritual, vamos trazer, a gente está precisando mais disso!

Ayana estava dando continuidade na temática origens das festas do boi com os alunos do quinto ano. Ela colocou para eles assistirem três documentários⁴: O primeiro foi gravado em São Luís, local em que originou o Boi de Matraca, cuja mesma história é contada na escola. O Segundo e o terceiro vídeo são bem parecidos com um desfile de carnaval, acontecem em um bumbódromo, todo ano é elegido um tema. Primeiro a professora apresentou o Boi Caprichoso, um boi preto com uma estrela azul na testa, depois o Boi Garantido ele é branco com um coração vermelho na testa.



À medida que iam assistindo os vídeos iam conversando sobre eles, assim questões eram problematizadas pela professora, enquanto o vídeo ia sendo projetado na sala de aula e algumas frases foram surgindo:

- A Catirina é um homem vestido de Catirina vocês perceberam?
- O Coronel tem um segurança vocês viram? / Tia! É um capataz / Muito obrigada!
- O capataz do Coronel mais um para participar da história / Olha o capataz foi ver se o boi está morto mesmo!
- Olha só o preconceito do Coronel, oh! Olha o medo que eles tem da benzedeira, tá vendo? Esse colonizador que tem medo, que demoniza, aquilo que a gente falou, o sagrado. Olha lá, ela chegou rodando e ele já está escondendo.

⁴ 1- Link do Boi Estrela contado pelo Município de Pacatuba:

https://www.youtube.com/watch?v=yR824vT0_Kw.

2- Link do boi caprichoso: https://www.youtube.com/watch?v=txdwqjUo_QM.

3- Link do boi garantido: <https://www.youtube.com/watch?v=sUn90iwHwmA>.



EntreCortejos

José Calil, uma escola que profana o sagrado que tenta devolver à comunidade aquilo que lhe foi historicamente retirado, uma escola que fabrica cortejos como expansão da potência da vida. Cortejos como profanação, como resistência que luta por uma nova política, uma nova infância, uma nova comunidade. Profanar é retirar do objeto sagrado seu uso comum, deslocando o sagrado para um novo uso, algo separado da esfera da religião, do sagrado, retornando ao uso livre do sujeito. Movimentando o dizível e o indizível, “há paradoxos, há metáforas, há palavras cruas que profanam o que parecia teoricamente sagrado” (AGAMBEN, 2007, p.10). Trata-se de experimentar a nossa existência como possibilidade ou potência uma “potência de ser e não ser”. A profanação se aproxima da infância, assume a vida a partir da nossa disposição de jogar e amar, que inverte o sagrado, “perdido a arte de viver, que é a da infância, lugar primeiro da mais séria profanação da vida” (AGAMBEN, 2007, p.11). Então, a escola fabrica, uma infância que profana, “uma política que vem”, “o ser humano que vem” de forma a aproximar a criança da potência da vida.



- Olha o Chocalhinho introduzindo/ Ah, pajelança indígena, gente! Ela foi buscar o Pagé / A gente tem que colocar a nossa Margarida de Colocó, mas como Pagé, né?

- Olha o rebolecho dele! / Ele tem língua / A cabeça dele mexe / Olha o movimento dele que lindo / Olha a bandeira dele! Esse ano, a gente também vai ter um estandarte do boi, tá?

- Você vê que é uma outra história, né? Gente! Uma outra versão, mas ele também é muito amado e querido, todo mundo reverenciando ele. Ele é o personagem principal, né? Demonstra a força!

- Ele sempre vai ter uma estrelinha azul, tá? É uma marca dele!
- Que lindo, arrasou! / Ele é branquinho e tem um coração, né? / Ele é menos colorido, mas é brilhante, né? / Eu gostei do Garantido! / O olho dele pisca.
- Aí, gente! Todo ano é uma homenagem, tá? O interessante que o dia que um se apresenta o outro não se apresenta, vocês perceberam?

Depois de disponibilizar o vídeo e conversar sobre os documentários com os alunos a professora diz:

- Então, primeiro vocês farão a representação da história do Boi Estrela do jeito que vocês quiserem. Depois, sobrando tempo, vocês fazem do Caprichoso e do Garantido, tá?
- Eu vou fazer o Coronel e a Catirina!
- Gente, atenção! Concentra aqui nos meus comandos para não esquecer ou errar. O desenho é como um processo de escrita, primeiro vocês precisam consumir mentalmente para trazer para cá, tá? Então, vocês vão pensar em uma parte da história do Boi Estrela que vocês viram aqui, que a gente já contou e vão pensar numa parte. Os alunos novatos com o que vocês assistiram aqui vocês já conseguem fazer o desenho? Ah, deixa eu ver se eu consigo acessar aqui, eu tinha na minha nuvem uma filmagem. Eu queria mostrar para vocês que eu achei outro dia no meu HD⁵. Deixa eu ver se eu acho aqui, porque outro dia eu achei uma... A Festa Junina antiga tinha uma filmagem do boi que eu filmei, isso é um ensaio que nós fizemos, essa encenação foi feita pelas crianças, tá? Enquanto eu procuro aqui vocês vão **desenhando** aí [...].



⁵ Dispositivo de armazenamento de dados que pode ser conectado em computadores e outros dispositivos por meio de um cabo USB.

A escola faz um revezamento da encenação teatral no dia da Festa Junina, as vezes são a crianças que encenam, outras só os professores e as vezes crianças e professores. Ao decorrer da apresentação dos vídeos, novos elementos da encenação foram emergindo, também foram incorporados na aula em que fizeram a encenação com o **boi**.



EntreCortejos

Na reunião pedagógica Juliana Manhães trouxe para a conversa os tipos de boi e as suas construções:

Quando eu falo do boi, eu estou falando de comunidade, eu estou falando de família, eu estou falando de uma relação que envolve o ano inteiro, uma festa que não é só de São João no mês de junho. Já está acontecendo desde o ano passado, né? Porque não para, é uma necessidade da comunidade de fazer festa, de fazer encontro. Aí criam músicas, toadas, que tem a ver com o nosso cotidiano. Inclusive o animal boi já veio trazido de Portugal, né? E em cada lugar, a brincadeira que esse animal simbólico proporcionou foi trazendo coisas diferentes. Se vocês forem lá no Sul, qual o boi tem no Sul? O Boi de Mamão que é um boi com vários nichos, muito lúdico, inclusive. Eu acho que o Boi de Mamão é o mais lúdico que tem, né? Porque ele tem aquela bernunça. Uma cobra enorme que os adultos e crianças podem ficar atrás, assim, tem uma peça só com aquela bernunça, né? Só que são instrumentos mais melódicos, não é tanto a percussão que tem no Boi do Maranhão que é um boi mais negro, mais índio. É um boi mais indígena, a gente vê aquela roupa, a gente vê pelo batuque que é mais africano e as roupas são mais indígenas. Lá no Rio de Janeiro tinha boi, lá em Iracema é um boi de ciclo no carnaval, né? Isso é uma coisa interessante, o boi permeia os ciclos do ano inteiro, se a gente fala de um boi, por exemplo, lá em Recife, lá em Pernambuco, lá tem um boi no Natal [...]. O Boi de Reis lá é o Cavalo Marinho, mas tem o Boi de Reis também, vários lugares tem essa relação de reis, né? Então, é interessante a gente ver como que o boi permeou o ciclo do ano inteiro, não é só no São João. Estou falando isso que é para quando vocês também forem abordar o boi, não fiquem restritos a uma tradição que é o boi do Maranhão, por exemplo, até porque aqui é outro lugar. E aí a gente pode juntar o que a gente achar que fortalece também essa brincadeira, né?



Três dias antes do cortejo, a escola já preparava os **enfeites**, o convite na entrada, bandeirinhas, estandartes, balões... E todo esse movimento também não passava despercebido pelas crianças.



Esse ano a encenação do boi seria realizado por professores e crianças. Como consta a fala da coordenadora:

Vai fluindo, né? A gente vai percebendo, como vai sendo os desejos das crianças, a organização da escola. Então, assim, ano passado foi só os professores, esse ano vai ser professores e alunos, porque uma aluna do terceiro ano pediu para ser a Margarida de Colocó. Na verdade, ela não pediu, não! Ela foi indicada, um menino do oitavo ano falou assim: “A Nina quer muito ser a Margarida de Colocó, o sonho dela era ser a Margarida de Colocó”. Aí a gente foi conversar, ela é pequenininha, vai ser um papel importante e vai ser junto com os professores, né? E a Raira da sala dela também, queria ser o Doutor Pinico Branco, mas o Pinico Branco tem uma fala mais elaborada e não daria conta dela ser. Aí ela inventou um papel que

ela vai ser a ajudante do Pinico Branco e vai entrar com a Shasa carregando a injeção. Então, a gente vai trazendo as crianças na medida do possível, né? Tem anos que é só as crianças mesmo.

E já estava tudo preparado, os professores, as crianças e as famílias estavam chegando para o cortejo. Algumas pessoas estavam se deliciando com os caldos, doces, refrigerante, cachorro quente, outras jogando bingo e já **ouviamos alguns sons.**



EntreCortejos (Fabricação...)

Quantas portas se abrem ao escrever uma tese?

Infinitas portas, como o aceite da minha orientadora e coorientador, da escola, das/os professoras/es, das coordenadoras, diretoras/es, crianças, famílias, ou seja, de toda a comunidade escolar que também são autores dessa pesquisa. Tudo acontece em uma escola que, não sem tensões e disputas, abre portas para fabricar uma comunidade, ganha a confiança das famílias, das crianças, porque abre portas para a alegria, para os cortejos, para o empoderamento étnico-racial... Portas se abrem a todo momento, quando o problema de pesquisa foi fabricado, quando uma pesquisadora branca começa a participar dos cortejos e infâncias na escola, quando decide fabricar uma tese junto às práticas da escola, quando compõe a tese com narrativas dos participantes dos cortejos, trazendo também imagens, áudios, muitas cores e EntreCortejos. Torna-se impossível contabilizar quantas portas foram abertas e também não é essa a minha intenção, mas provocar a partir dessa questão o processo percorrido, lembrar e contar a invenção desta tese, que também produziu muitas memórias e histórias. Um movimento de fabricação de uma pesquisa em uma escola que joga, “o jogo como órgão da profanação está em decadência em todo lugar. [...] Fazer com que o jogo volte à sua vocação puramente profana é uma tarefa política” (AGAMBEN, 2007, p.60). Uma escola, que entre lutas e disputas foi capaz de realizar uma transformação pedagógica, fortalecendo-se ao lado das famílias e das crianças, fabricando cortejos e comunidade. Uma escola que se movimenta, que resiste de infinitos modos, fabrica atos políticos, porque luta junto com as minorias e algumas vezes, consegue resistir às imposições capitalistas. Uma escola que é capaz de retornar ao passado para imprimir um futuro:

Caso contrário, diante de adultos que se fazem literalmente de mortos e preferem confiar os próprios fantasmas às crianças e as crianças aos próprios fantasmas, as larvas do passado voltarão a vida para devorar as crianças destruirão os significantes do passado: o que do ponto de vista da função significante – isto é, da história- é a mesma coisa” (AGAMBEN, 2005, p.106).

Uma escola que se esquia do currículo imposto, formatado, fabricando seu próprio currículo praticado ano a ano em cada cortejo. Um currículo que sempre se atualiza a partir de fabricações...



SOBRE FABRICAR...

SOBRE Fabricar...

A serviço de que fabricação de infância estão os cortejos?
Que estilo de vida colocam em movimento?

Nietzsche (2017) discorre sobre a avaliação ética, que não avalia pela crítica, nem pela razão, porque são morais. Os cortejos afirmam ou negam a vida? Os cortejos colocam em movimento vidas em variação, vidas em diversidade, emanam múltiplos modos de viver e pensar. Os cortejos se tecem como campo de disputas e aproximações estéticas, dois para lá (O Boi Bumbá e a Coroação de Reis) dois para cá (A Menina da Lanterna e o Auto de Natal). Cortejos se fabricam em meio a movimentos éticos, estéticos e políticos que inventam e atualizam experiências e tradições, a cada cortejo que acontece na escola. A Menina da Lanterna, é aquela que insiste e não desiste, uma história de origem europeia. A Coroação de Reis, coloca em movimento o processo de tornar-se negro desde a infância, fabricando as relações étnico raciais dentro da escola. O Auto de Natal, se fabrica junto a entrada do boi, que profana esse cortejo. A língua do Boi Bumbá é cortada, ele morre e

revive, como isso é pensado em um contexto em que não se pode machucar animais? Então, essa escola é capaz de profanar o currículo imposto por meio da pedagogia de cortejos? CortejAÇÃO! O verbo fabricar nessa pesquisa, envolve a produção e invenção de vidas que celebram o protagonismo da infância, o cortejo não possui finalidade, porque festeja o acontecimento da escola. A infância, nessa perspectiva, não está sendo fabricada, mas se fabricando junto aos acontecimentos dos cortejos. Fabricam a ação, fabricAÇÃO de sujeitos e não de objetos interligados a ideia da produtividade de fábrica fordista, que prepara um futuro trabalhador ideal. Desse modo, professoras/es não fabricam um produto seriado, mas sujeitos, vidas estão sendo produzidas na e com a relação. Essa tese é fabricada pela singularidade dos acontecimentos que emergem em uma escola, não se propõe como modelo único e puro a ser atingido, o que transborda nos cortejos é a diversidade e a variação das crianças. Cortejo em ação, que profana a ação, profanAÇÃO! Um currículo que corteja e profana a ação de devolver as crianças e a comunidade o uso comum...

SOBRE Fabricar...

Adenike teve um sonho, ela estava brincando com Yellen e Iraê, na casinha que construíram para inventar histórias. Por conta disso, ao acordar lembrou dos piqueniques, da escola que estudava e sentiu muita saudade dos tempos de infância e das brincadeiras de criança com as suas amigas. Ela nunca mais as viu e começou a pensar. Será que elas estão estudando na universidade como eu? Será que se casaram? Será que tem filhos? Como encontrá-las? Ela teve uma grande ideia: “Vou a escola para saber se consigo informações sobre elas”. Quando adentrou no prédio, novas lembranças emergiram, se emocionou e de repente encontrou com a atual coordenadora da escola que também havia sido sua professora na Educação Infantil. Quando se encontraram as duas se abraçaram calorosamente e se emocionaram e Adenike disse:

- Você se lembra como eu era uma boa contadora de histórias? Eu gostava tanto de escrever que a minha carta foi a mais votada na Coroação de Reis e Rainhas, você se lembra?
- Lembro, sim! Tem muitos anos que não a vejo.
- Essa escola ainda faz cortejos?
- Sim! Desde aquela época.
- Nunca vou me esquecer dos cortejos desta escola, eu me divertia muito com eles.
- Eu preciso da sua ajuda, tive um sonho brincando com a Yellen e a Iraê, senti saudade dos tempos de infância e gostaria muito de reencontrá-las. Você me ajuda?
- A Iraê ainda mora na comunidade, tem uma filha, inclusive estuda nesta escola. Agora a Yellen não me recordo quem é, mas se quiser posso olhar os arquivos da escola e vejo se encontro alguma informação que eu possa te passar e que te ajude a encontrá-la. Você já a procurou nas redes sociais?
- Não, porque não me recordo o nome completo.
- O nome completo eu posso te passar e a Iraê trabalha naquele supermercado da esquina, sabe qual é?
- Sei sim! Vou procurá-la... Obrigada pelo apoio e acolhida de sempre!

Adenike saiu da escola e foi direto para o supermercado reencontrar a amiga de infância, perguntou sobre ela e disseram que era atendente de caixa, ficou olhando e chegou perto de uma atendente e perguntou:

-Você é a Iraê?

- Sim! Por quê?

- Eu sou a Adenike, a sua amiga de infância, lembra de mim?

- Não, acredito! Como não percebi antes.

E logo as duas se abraçaram.

- Eu tive um sonho de infância e senti saudade de você e da Yellen, mas a Yellen ainda não encontrei, inclusive podia me ajudar a encontrá-la. Tenho o nome dela completo e vou procurar nas redes sociais.

- Me mostra que eu te ajudo!

- Eu tinha pensado em nos encontrarmos no mesmo local que inventávamos nossas histórias, fazer um piquenique, para relembrarmos nossas vivências e histórias de infância.

- Boa ideia!

Logo, começaram a procurar no Facebook e Instagram mulheres com aquele mesmo nome e ficaram na dúvida entre três, enviaram recados para elas e somente uma respondeu, era a Yellen dizendo que recordava delas. Então, logo trocaram contato de WhatsApp⁶ e formaram um grupo lá para combinarem o encontro. E, assim, chegou o grande dia... Adenike chegou primeiro e encontrou Yellen, se abraçaram e se emocionaram, em seguida, Iraê chegou com a sua filha Chinara todas se cumprimentaram e se abraçaram. Estenderam a toalha e já foram arrumando o piquenique, até que Adenike pergunta:

- Yellen que caixa é essa que está com você?

- É o nosso baú, nossas histórias que se molharam, lembram?

- Não acredito que você guardou esse tempo todo.

- Eu guardei, porque nunca me esqueci que foi você que me ensinou a escrever histórias inventadas, lembra? Aprendi com vocês! E adoro colecionar objetos antigos.

Iraê entra na conversa e diz:

⁶ Facebook, Instagram e WhatsApp são redes sociais.

- Então vamos abrí-lo...

O livro estava bem manchado, pouca coisa dava para ler, logo decidiram lembrar e escrever uma nova história. Mas, agora, não eram mais três componentes do grupo, mas quatro, Chinara também iria ajudar na fabricação da história. Uma história que atravessava a mesma escola, o passado e o presente, histórias que iam se misturando e eram passadas de geração em geração. E Iraê diz:

- Minha mãe me disse que quando a escola surgiu ela era pequena, tinha poucos alunos, teve uma época que ela entrou crise, cogitaram até a hipótese de fechamento. Tinha muita evasão e repetência e aí decidiram fazer uma transformação política pedagógica. Minha mãe disse que recorda dessa época por causa dos meus irmãos mais velhos e que ela participava dos projetos da escola e das festas. Ela também disse, que fizeram uma mudança no sistema de avaliação, que antes era nota e depois passou a ser conceito. E a escola começou a modificar, vários alunos começaram a surgir, até que a escola ficou insuficiente para a demanda de alunos e a prefeitura construiu um novo prédio e ela passou a ser uma escola de tempo integral.

Adenike:

- Mas na nossa história não vamos contar nada disso, né?

Iraê:

- Não sei, gente! Só estou contando o que sei, inclusive minha mãe me contou essa história esses dias por causa de um trabalho que a Chinara tinha que fazer.

Chinara:

- Verdade a vovó nos contou.

Yellen:

- Então, vamos começar a inventar essa história logo, já vou começar! Era uma vez, crianças que brincavam de roda em uma área verde da escola, quando se cansaram se sentaram ao chão, começaram a conversar sobre as festas da escola, porque uma criança disse:

- O cortejo do Boi Estrela está quase chegando.

Iraê:

A outra responde:

- A festa que mais gosto é a Coroação de Reis meu sonho é ser rainha.

Outra ainda fala:

- Gosto mesmo é da Menina da Lanterna, porque gosto de fazer lanternas e depois tem canjica, eu amo canjica doce.

- Um menino que passava ali perto, ouviu a conversa, se interessou pelo assunto e também sentou ao chão e disse:

- Eu quero ser o Boi Estrela!

Adenike:

- Agora é a minha vez de inventar:

- Cada criança, dizia o que gostava nas festas e quando se perguntava o que mais gostavam na escola sempre atravessavam os cortejos, as comidas gostosas, os trabalhos coletivos, as encenações, que nunca eram iguais, a cada ano elementos novos surgiam e outros cortejos eram fabricados.

Chinara:

- Esse ano, eu gostaria de ser a borboleta no Auto de Natal, só para fazer a entrada junto com o boi.

Iraê:

- Então, diga isso filha, mas complementando a história.

Chinara:

- A borboleta entra junto com o boi no Auto de Natal.

Yellen:

- Ai, gente! Preciso fazer uma pausa na nossa invenção e dizer que estou muito emocionada, éramos três e agora somos quatro. Acho interessante isso como que as coisas mudam, as vivências se ampliam, estou muito feliz de estar aqui com vocês! De poder reencontrá-las, lembrar histórias e memórias, que me fizeram e vejo que ainda me fazem muito feliz.

Adenike:

- Também sinto o mesmo, estou muito emocionada, mas vamos continuar para não nos perdermos. Acho que agora falta pouco para finalizarmos a história.

Iraê:

- Mas essa história precisa ter um fim? E se fizéssemos dela sempre um começo?

Yellen:

- Como faríamos isso? Boa pergunta!

Chinara:

- É só terminarmos ela com reticências, mamãe!

Iraê:

- Boa ideia, filha!

Adenike:

- Cortejos que encantam, que emocionam, que brincam. Cortejos que se eternizam em nossas memórias, cortejos que se tecem, cortejos que convidam as crianças e a comunidade escolar para se divertirem. Cortejos que unem a todos, compartilham alimentos, cortejos distintos que trazem a diversidade e a alegria de viver para dentro do currículo, cortejos que reinventam uma escola. Cortejos que fabricam comunidade, infâncias, professoras/es e escola. Cortejos cantados, cortejos encenados, cortejos narrados, cortejos que inventam tradições, cortejos que giram e se desdobram como abertura. Cortejos como possibilidade de fabricação de uma nova experiência, de uma nova experimentação, que compõem novas histórias.

Depois que Adenike acabou de escrever Chinara disse:

- Eu nunca pensei que escrever histórias pudesse ser tão divertido também quero brincar de inventar histórias com as minhas amigas.

Yellen, teve uma ideia, pegou o baú com as histórias inventadas na infância e presenteou a menina e disse:

- Desejo a você e suas amigas muita alegria e histórias inventadas.

A criança olhou para ela e sorriu, levou o baú para casa e no dia seguinte para a escola, mostrou para as suas amigas que também ficaram empolgadas para inventarem histórias. Chegou o dia de se reunirem fora para um local verde, estenderam a toalha do piquenique ao chão, Chinara abriu o baú e disse:

- Era uma vez...



CORTEJANDO

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009. 92p.

_____. **Infância e História: Destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALIX e HARROW. **As dez mil portas**. Tradução Jacqueline Valpassos. São Paulo: Universo dos livros, 2020.

BARROS, R. D. B. Grupo e Produção. In: BAREMBLITT, Gregorio (Org.). **Saúde loucura 4**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dar a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

_____. **Vida, Memória e aprendizado quilombola**. Youtube, Itaú Cultural nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdGJxw>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Vol.1. São Paulo: Editora 34 Lida, 2011, (2º edição) 128. p.

ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ CALIL AHOUAGI. “**Novo Tempo**”. In: Projeto Político Pedagógico. Juiz de Fora, 2013. Impresso.

ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ CALIL AHOUAGI.GT- **Educação, Escola e Cultura: Por uma pedagogia de cortejos**. Juiz de Fora, 2020. Impresso.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Pesquisa com o cotidiano**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. **Disponível em:** <https://www.scielo.br/j/es/a/syPBCCTQ76zF6yTDmPxd4sG/>. **Acesso em:** 20 de agosto de 2024.

FOUCAULT. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

GOMES, Giovani Cammarota. **Fascículos de experiências: rastros de um estudo com crianças e matemáticas, inventividade e cultura ou pesquisar em modo João**. Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, 2021. Tese de doutorado.

GUATTARI, F.; RONILK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes 1996.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular pulsações: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora brasiliense, 1981.

KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. Psicologia & Sociedade. P. 15-22. 2007. **Disponível em:** <https://www.scielo.br/j/psoc/a/8rWQrJSBTg7w8zTV47svGTq/> . **Acesso em:** 09 de outubro de 2024.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEITE, Júlia Maria Ferreira. **Scriptofagias mEnormes: experimentações com a escrita acadêmica junto ao Travessia Grupo de Pesquisa**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2024. Tese de doutorado.

LOPES, Eduardo Simonini. **Deixe eu te contar uma história: saúde mental e produção de realidade** – Setembro Amarelo nas PC, II Congresso Brasileiro. Youtube, 23 set. 2021. **Disponível em:** <https://www.youtube.com/watch?v=AsRiOb1SagQ>.

MANHÃES, Juliana Bittencourt. **Performance do cazumbá: do ritual ao jogo**. **Disponível em:** <https://seer.unirio.br/pesqcenicas/article/view/168/141>. 2007. **Acesso em:** 7 de setembro de 2024.

MEDEIROS, Andréa Borges. **Infância (des) velada: Um estudo sobre o processo de construção de identidades de afro-descendentes**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001. Dissertação de mestrado.

_____. **Memórias de crianças em crônicas de escola: modos de lembrar, narrar e de ser.** Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. Tese de doutorado.

NASCIMENTO, Luiz Alberto Silvestre do. **O corpo da experiência do espaço e o espaço da experiência do corpo: cartografias de uma escola em mudança.** Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. Dissertação de Mestrado.

NASCIUTTI, Luiza Freire. **NEUSA SANTOS SOUZA E O “TORNAR-SE NEGRA/NEGRO” Enquanto projeto de autonomia através do discurso de si.** NOVOS DEBATES, 9(2): E9201, 2023. Disponível em: <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/367>. Acesso em: 09 de outubro de 2024.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade.** São Paulo/ Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2017.

ROLNIK, Suely. **“Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma.** P. 1-10. 2003. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>. Acesso em: 09 de outubro de 2024.

ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento. **O que pode uma escola? Cartografias do interior de uma escola do interior brasileiro.** Universidade Estadual Paulista, 2010. Tese de doutorado.

SÁ, Érica Aparecida de. **Formação de professores e Construção de subjetividades: o espaço escolar e o tornar-se educador.** Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006. Dissertação de mestrado.

THIESEN, Juares da Silva. O que há no “entre” teoria curricular, políticas de currículo e escola? Educação, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 129-136, jan./abr. 2012.

TRINDADADE, João Ngola. **Tradição oral, história e literatura.** Revista Educação e Ciências Sociais, UNEB, Salvador, v.6, n10, jan – jun. de. 2023.

VIANNA, Carlos Roberto. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática.** Universidade de São Paulo, 2000. Tese de doutorado.